



Frausto da Silva

MEU

Frausto da Silva substitui Vítor Crespo?

Frausto da Silva, professor e antigo director do IST e presidente da primeira Comissão Instaladora da Universidade Nova de Lisboa, é, se o aceitar, o novo ministro da Educação e das Universidades do Governo Balsemão — soube esta manhã o «DL» de fonte não oficial. O Primeiro-Ministro terá hoje contactado Frausto da Silva a este respeito. Desde ontem tinham-se acentuado os rumores de demissão de Vítor Crespo, e é quase certo que o Conselho de Ministros, na sua reunião de hoje, terá apreciado o seu pedido de abandono do cargo. A demissão de Vítor Crespo e dos seus principais colaboradores foi, ainda esta manhã, exigida pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, em conferência de imprensa especialmente convocada para o efeito.

Pág. 10

Segundo uma sondagem na posse do CR

Imagem de Eanes francamente melhor que a do Governo

- 48 por cento dos portugueses pensam que às autárquicas devem concorrer partidos e independentes, enquanto 31,3 concordam com a existência do CR



Uma sondagem efectuada pela Markest e em posse do Conselho da Revolução indica que 36,7 por cento dos portugueses têm uma imagem muito boa ou boa da actuação do Presidente da República, enquanto 5,9 por cento afirma ser má ou muito má.

Quanto à imagem do Governo o mesmo estudo fornece resultados bem diferentes: apenas 11,3 por cento consideram ser muito boa ou boa, ao mesmo tempo que 28,6 por cento têm para si que é má ou muito má.

A sondagem refere ainda que não têm opinião 24,7% em relação ao Governo e 21,7 no que ao Presidente diz respeito. Quanto aos que consideram a actuação do Chefe de Estado e do Governo não é boa nem má os números são, respectivamente, 35,6 e 35,2.

O trabalho da Markest, que ontem foi distribuído aos conselheiros da Revolução, que sobre eles se debruçaram, baseia-se numa recolha efectuada no Continente entre 29 de Março e 8 de Abril, abrangendo 1000 entrevistados de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 65 anos.

Três outras questões assumem especial significado nesta amostra: quem concorda com a existência do Conselho da Revolução, qual a imagem da actuação da Assembleia da República e quem deve concorrer às autárquicas — se apenas os partidos ou também os independentes.

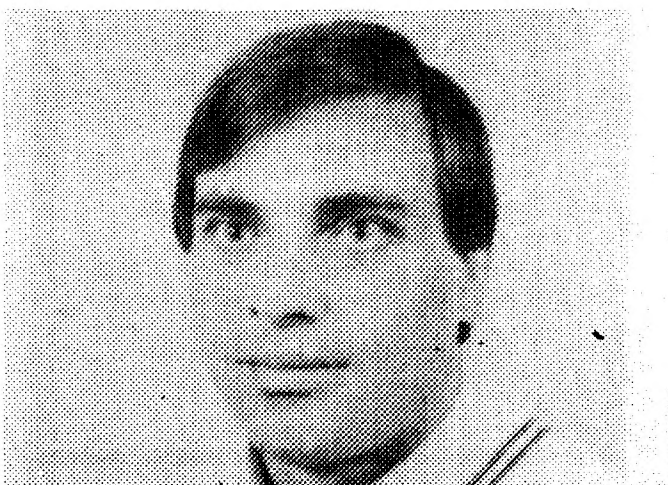
Quanto ao Conselho da Revolução, 31,3 por cento dos entrevistados concordam com a sua existência, 28,5 não concordam e não têm opinião 39,9.

No que à imagem da actuação da AR diz respeito, 9,9 têm a opinião que é muito boa ou boa, 36,8 dizem que não é boa nem má, 21,1 afirmam ser má ou muito má e 32 por cento dizem não ter opinião.

Por fim, a questão que ultimamente tem estado na «berra»: 17,5 por cento garantem que às câmaras municipais devem concorrer apenas partidos, enquanto 48 por cento acham que devem concorrer partidos mais independentes. Sem opinião: 34,3 por cento. Para as juntas de freguesia os resultados são muito parecidos: 16,9, 48,6 e 34,7 respectivamente.

Espanto e pânico em Queluz

Vaca tresmalhada provoca um morto e sete feridos



Luis de Jesus Ramos: a morte aos 29 anos

Uma vaca brava, fugida em circunstâncias ainda não esclarecidas de uma ganadaria, na estrada de Belas, provocou ontem à noite, cerca das 23 horas, o terror e a destruição no centro de Queluz, deixando no seu rasto um morto, com a cabeça esmagada, e sete feridos. O animal embravecido, e acos-

sado por populares, acabou por ser abatido a tiros de pistola, por um guarda da PSP, frente à estação ferroviária local, no momento em que arrastava um jovem. Minutos antes tinha entrado no Café Capri, onde feriu quatro pessoas e provocou danos consideráveis.

Pág. 10

Comissão Permanente do PS suspende relações com PCP

... e exige demissão do Governo logo após a revisão constitucional

Pág. 7

Tribunal de Madrid revela esta tarde sentenças dos implicados no "23 de Fevereiro"

Pág. 16

Concurso «DL»/82

HOJE 8.º CUPÃO
e as páginas 75 e 76
do Álbum Sempre Fixe

Hoje há

«Ler/Escriver»

O nosso suplemento literário de hoje, além de numerosos textos de interesse e actualidade, ocupa-se de Raymond Chandler, de Freud e de alguns dos seus continuadores, de Alves Redol, etc. Entre outros colaboradores, o «Ler/Escriver» inclui trabalhos de Raphael Sorlin, Fernando Guerreiro, António Ramos Rosa, Silva Carvalho, Carlos Leite e numerosas ilustrações.

Inovar a cooperação, promover o consumidor

Beja Santos

1. Questão central

A crise económica não suscitou uma impulsão para a agregação dos consumidores, na linha directa da procura da satisfação das suas necessidades. O cooperativismo não adoptou fórmulas modernas de captação nem suscitou novos processos de trabalhos de pesquisa e de inserção económico-social nos últimos anos. Passada a fase «heróica» da edificação atrilária de cooperativas, os seus membros desanimaram por falta de empatia social, extra movimento, e pela não resolução de problemas concretos: encurtamento e transparência de circuitos, aperfeiçoamento do controlo de qualidade, agravamento de atentados à higiene e saúde pública, orientação de consumos e melhoria alimentar, participação diminuta ou nula dos consumidores na actividade económica, etc.

Os consumidores não respondem à crise. Por falta de estímulos precisos, por responsabilidade da centralização e burocracia dos governos mais empenhados no desenvolvimento de iniciativa privada e, por conseguinte, no produtivismo selvagem: por falta de expansão económica, por indifferença do poder local, por desorganização do consumidor que aguarda comodamente as deliberações do «papá Governo». O Código Cooperativo recentemente aprovado não veio dignificar ou desbloquear o cerceamento da cooperação existente. O diálogo fechou-se. Um projecto político que se reclama do socialismo e da democracia directa deverá apoiar sem reservas novas manifestações de cooperação e associação dos consumidores, não só na lógica da economia mista, mas como movimento de emancipação dos cooperantes na transformação profunda que se reclama para o sistema político-económico-social.

Falta informar, falta dinamizar as autarquias para o seu empenho no abastecimento e urbanismo comercial falta fixar tarefas e ocupar energias na execução de programas sectoriais de interesse nacional com vista à melhoria do poder de compra, à criação de habitações e à promoção da qualidade de vida. Falta aliciar milhões de cooperantes. Falta protagonizar a consciência das massas desfavorecidas em projectos do quotidiano, articulando esforços entre o movimento cooperativo, sindical, autárquico, organizações femininas e da juventude.

E também este o papel do



movimento consumidor e cooperador na época de mutação em que vivemos.

Como inovar a cooperação, como promover o consumidor, face a tais e tantas condicionantes negativas?

2. Como encarar a situação económico-social

A dívida externa volumosa determina cortes brutais no consumo público e privado em 1982. Haverá um disparo brutal de preços: inflação: 25% sem a contrapartida na evolução de salários. Não se prevê um estancamento no desemprego. A produção de alimentos não aumentará significativamente, isto sem tomar em conta a perspectiva de um bom ou mau ano agrícola.

A política de subsídios será alterada por imperativos financeiros da lógica do projecto ultraconservador. O espectro da recessão avolumará tensões inflacionistas e especulativas o mercado negro está pior que em 1976). Sem intensificação da cooperação, sem uma firme política da defesa do consumidor, engrossará o caudal de provações e iniquidades, designadamente para os consumidores débeis. É a resposta que se espera das forças do socialismo, adeptas de uma robustecida democracia participativa.

As cooperativas de consumidores têm que chegar à opinião pública. Têm que se apresentar como uma alternativa determinante para a satisfação das necessidades colectivas e individuais, têm que corrigir mecanismos económicos, têm que resolutivamente apoiar a organização da produção, orientar os cooperantes nas suas aquisições, têm que programar, indirecta ou directamente, a dieta alimentar, defender a qualidade, a saúde e

segurança do consumidor, e, sobretudo, os seus interesses económicos.

Entim, numa sociedade subdesenvolvida onde não é previsível o surto de poderosas associações de consumidores, as cooperativas, à semelhança de experiências escandinavas, poderão vir a ser as mais bem estruturadas organizações da defesa e promoção do consumidor.

Precisam as cooperativas, como organizações de consumidores, de pressionar a Administração pública, os agentes económicos privados, melhorar a concorrência; precisam de um programa de acção para intervir em todos os níveis do sistema económico.

Não há laboratórios cooperativos; os consumidores só episodicamente se congregam para a discussão dos problemas do consumo, que produtos essenciais, quais os produtos nocivos, a utilização de rendimento, a economia doméstica, a desmistificação da publicidade, a denúncia da prepotência dos vendedores e fabricantes nacionais ou multinacionais, etc. A cooperação tem que ser uma escola e um ensino vivo. A cooperação tem que propor legislação e uma operatividade reguladora e fiscalizadora. Ensaiair uma política associativa nova, com a discussão da política de rendimentos e preços, a lógica da produção – distribuição – consumo, por via de debates, seminários, colóquios.

A cooperação tem que ser agressiva e acutilante, em consonância com os ganhos da opinião pública. Para estar ao serviço da política de bem-estar, seu intento final.

3. Por onde começar?

a) Criar a categoria do animador coopconsumista – aquele

que na cooperativa motiva, educa e apoia os anseios e perplexidades dos consumidores e utilizadores; é aquele que passou a dar um sentido comunitário às decisões de compra através de uma integração de esforços com todos os animadores de opinião: professores de ensino primário e preparatório, monitores, ecologistas, sindicalistas, grupos de defesa do património cultural e artístico, vereadores do abastecimento de preços, associações de moradores;

b) Impressão de um boletim reflectindo denúncia do consumismo e com adequada intervenção pedagógica (ensaios a pesos de géneros, falta de etiquetagem, práticas agressivas de vendas das multinacionais, página de educação alimentar, divulgação da Lei da Defesa do Consumidor, informação sobre colóquios e debates, etc.). O boletim deverá ser publicado regularmente, e parte do seu material deverá ser elaborado com o apoio da imprensa da região;

c) Exigir aos fornecedores, através de critérios selectivos da importância dos produtos vendidos na cooperativa, de certificados de qualidade, valor alimentar, etiquetagem leal e estado higio-sanitário;

d) Apoiar sem reticências a cooperativa polivalente (agremiar creches, ludotecas, centros de utilizadores colectivos, separadores de serviços, a introdução de produção fabricados sobre marca Coop., livraria com troca e empréstimo de livros e revistas, etc.);

e) Incentivar o aparecimento de comissões cooperativas femininas, como já o fez a Cooperativa de Consumo União e Boavente, de Viana do Castelo. Estas comissões tendem a promover acções de formação de adultos em economia doméstica com vista à racional utilização dos recursos de orçamentos familiares.

f) Participar o debate sobre a política de consumos básicos: dar em tempo oportuno informação precisa sobre as consequências das principais medidas de política económica e social conducentes a melhorar ou agravar as necessidades colectivas; discutir e transmitir aos órgãos autárquicos, partidos e Governo onde e com que custo e interações deverão essas políticas ter lugar e com a protagonização de quem.

Para começar já chega. Aqui vos deixo um «programa mínimo» para a inovação. Para enraizar a nova liberdade de consumir o útil, o dignificante, o que modela o mundo em sossego e fraternidade.



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

● Estamos a publicar os cupões da 2.ª Série, durante a qual oferecemos, também diariamente, duas páginas do Álbum Sempre Fixe. Os 30 cupões da 2.ª Série serão igualmente numerados de 1 a 30 e com eles pode fazer uma nova colecção ou completar a que já tem, no caso de lhe faltar algum número. Com efeito, embora os cupões sejam ligeiramente diferentes, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries.

● Poderá assim completar duas colecções e ficar com o dobro das possibilidades no sorteio final, sabendo de antemão que pelo menos um prémio lhe caberá sempre: um magnífico Álbum, com capa a quatro cores, artigos sobre Stuart de Carvalhais e 120 páginas de desenhos do grande artista.

● O leitor tem tempo (um mês e meio, pelo menos) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. O boletim de identificação (já publicado e a publicar de novo até ao fim do concurso) deve ser preenchido com letra bem legível, nas duas faces, (boletim de identificação e talão-recibo) com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual. Remeta, em sobrescrito fechado, para:

DIÁRIO DE LISBOA/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44 – 1200 LISBOA

tem a palavra o leitor

Professor efectivo — impunidade absoluta?

Num dos liceus mais prestigiados de Lisboa há uma professora de Matemática – a sr.ª dr.ª Maria Emília Pimentel – cuja actuação repressiva causa o mais grave prejuízo aos alunos de uma turma do 10.º ano, que têm pavor dela.

No aspecto científico, a professora está desactualizada em relação ao programa que, como sempre, é ambicioso. Ela tem dificuldade em explicar os problemas aos alunos, levando muito tempo e atrapalhando-se constantemente. Quando se perde nos exercícios, diz aos alunos: «VOCÊS TAMBÉM NÃO COLABORAM!»

Acontece frequentemente que não é capaz de responder às perguntas dos alunos, dizendo que dará a resposta na aula seguinte. Os pontos (quase ilegíveis) que prepara para os alunos, são extremamente difíceis em relação ao ensino que minis-

tra. Os trabalhos de casa que manda fazer, nunca são corrigidos. Queixa-se do trabalho que lhe dá corrigir os pontos (é capaz de entregar 1 ou 2 pontos de cada vez!). Dá o programa a correr. Esta turma está bastante adiantada em relação a outras turmas do 10.º ano. No segundo período houve nesta turma de 31 alunos, 17 negativas a Matemática, entre as quais se encontra a minha filha.

No campo humano não sei como classificar esta senhora que passa a vida a insultar grosseiramente alunos, docentes e encarregados de educação. Ela é o perfeito exemplo de uma pessoa que viu o seu mundo ruir com o 25 de Abril e que agora se vinga, sobretudo nos alunos, descarregando neles todo o fel da sua imensa frustração.

O comportamento desta prof.ª constitui um péssimo exemplo para os alunos: em 25-11-81

houve eleições para a Associação de Estudantes no liceu, e os primeiros 20 minutos da aula de Matemática foram gastos na votação; durante os restantes 30 minutos a prof.ª falou mal de algumas colegas, dizendo que:

– a sr.ª dr.ª Margarida Lellis obriga os alunos a perfilar quando entra na sala (a minha filha teve esta professora durante 3 anos e diz que é mentira);
– a sr.ª dr.ª Margarida Sérvulo Correia teria sugerido que os alunos participassem nos conselhos de turma (isto é, felizmente, bem capaz de ser verdade);
– a «criatura» de sr.ª dr.ª Maria Jacinta era «estúpida» e «parva» (não conheço esta professora).

Durante toda esta aula, não se falou de Matemática. Apesar disso, na aula seguinte a sr.ª dr.ª MEP mandou os alunos escrever um falso sumário que ela inscreveu no livro de ponto. (É fácil

verificar pelos cadernos dos alunos).

Na opinião da dr.ª MEP, a Comissão de Gestão é a pior de sempre.

Esta professora perde muito tempo nas aulas a falar de política e, especialmente, da sua vida particular. – Algumas das suas «saídas» são dignas de registro:

– «Antes do 25 de Abril até gostavam de mim.»

– «Dizem que posso ser justa, mas eu acho que não sou capaz de ser justa.»

– No meio de um exercício: «Alguns de vocês sabe se a Companhia das Águas está fechada à hora do almoço.»

– «Dou mais valor aos alunos que são preguiçosos, mas que tiram notas boas nos pontos do que aos que se matam a trabalhar e que se saem com más notas.»

Continua na pág. 6

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
ESPAÇO EXPERIMENTAL

"CICLO DE AUTORES PORTUGUESES-TEXTO E TEATRO"

matinés às quintas-feiras às 18.30 h.
sextas e sábados às 21.30 h.



MATAR UM HOMEM NA CHINA

adaptação de «O Mandarim» de
EÇA DE QUEIROZ

encenação e interpretação em língua
portuguesa pelo grande actor romeno

DOREL-NEAGU IACOBESCU

BILHETES A 100 ESC BILHETEIRA TEL 32 22 10

teatro infantil

sábados e domingos às 16 h.

«O GALINHO DESOBEDEIENTE» de Ion Lucian

Concurso DL

2.º Album SEMPRE FIXE

Restos do Carnaval



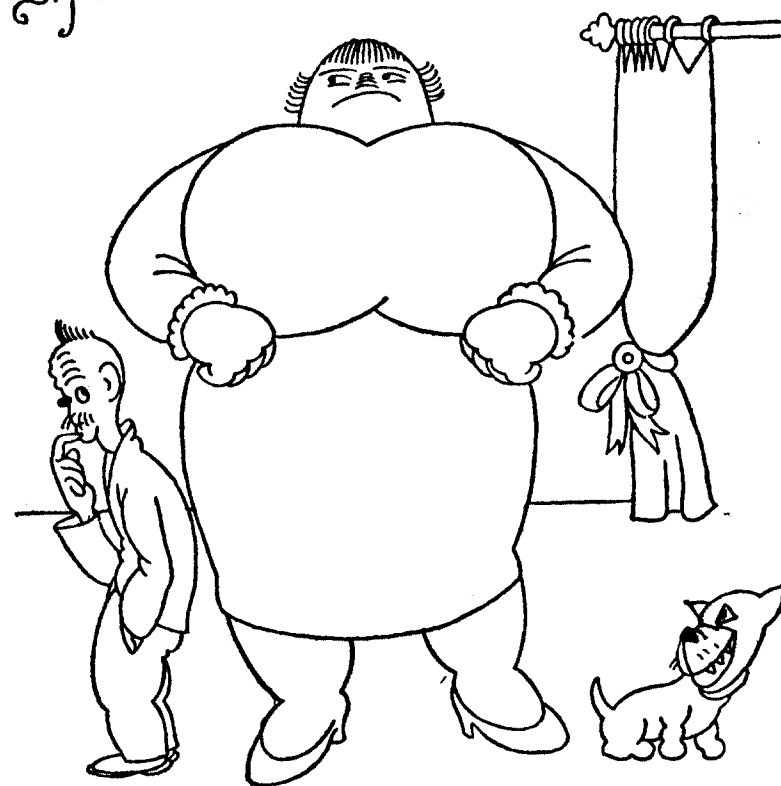
—O sr. é acusado de ir ao baile vestido de mulher—
—Que quer, sr. juiz, eu só tenho um fato e minha mulher saiu com ele.

Terça feira de Entrudo



A eterna comedia

g. juiz



ELA—E' impossivel que me tivesses conhecido. Eu estava de dominó e tinha tirado os aneis que era a unica coisa por onde me podias «matar».

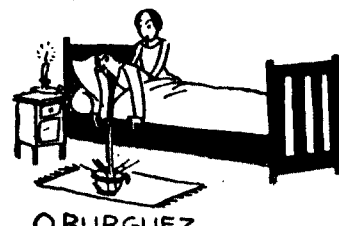
Quarta feira de Cinzas



O ESTUDANTE



O BANQUEIRO



O BURGUEZ



A CORTEZÃ



O BORRACHO

O final da comedia

GRUNDIG

GRUNDIG

GRUNDIG

RÁDIOS — TELEVISORES — ALTA FIDELIDADE — GRAVADORES — DITAFONES

DISTRIBUIDORES NO SUL — NACIONAL RÁDIO — CRUZ QUEBRADA

RECORTE POR AQUI



75

2.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL



Sobre o cadáver do rei Carnaval, reina a alegria das cocotes de areia e das cocotes de carne e osso

Quarta feira de Cinzas dos pobres



—Que te disse aquele parvalhão?
—Que a mamã ainda vale mais do que eu.
—E' para que vejas, ainda ha rapazes pue não são estupidos...

Quarta-feira de Cinzas

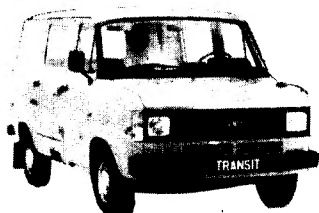


—Quem me dera mais um pão...



Barrendo o lixo

76



FORD TRANSIT

O veículo comercial que mais circula em Portugal



simbolo de robustez

política de A a Z

O insólito aconteceu em Miranda do Corvo



Oi em Miranda do Corvo que o Presidente da República visitava a convite da Municipalidade, que a «guerrilha institucional» assumiu a forma clamorosa de um conflito de discursos.

Falou Ângelo Correia. Falou Ramalho Eanes. Um, ministro da Administração Interna de um Governo que continua a merecer a confiança do Presidente da República; o outro, Presidente da República no qual dirigentes da coligação governamental, sem segredo e sem pejo, vêem o «inimigo principal». Uma situação política original como esta é, não podia deixar de vir a dar o resultado originalíssimo que deu. Em Miranda do Corvo, perante autarcas e população, em relação ao problema da presença de «independentes» na gestão municipal, afrontaram-se as opiniões do ministro Ângelo Correia e do Presidente Ramalho Eanes.

Que ninguém, perante mais este destempero do ministro Ângelo Correia, encontre compensação, lenitivo ou réplica de pronta justiça, nos aplausos quentes, nas aclamações gerais, dentro e no exterior da sala, que constituíram uma homenagem ao Presidente da República e uma resposta ao infeliz membro do Governo AD. Nem sequer o carácter insólito do acontecimento poderá levar-nos a minimizá-lo, a esquecê-lo. Como, no despropósito ministerial, não deverá ser minimizada a trama delirante da «inventona» de Fevereiro, porque, a cobri-la, teve Ângelo Correia a solidariedade do seu «partido» e dos seus parceiros de «coligação». Nem o ecológico PPM de tão poluente maquiavelismo se limpou. E, desta vez, já tarda que os membros do Governo que não perderam o sentido da medida se distanciem das originalidades — como devemos chamar-lhes? — daquele que, em hora má, foi escolhido para ministro da Administração Interna.

De suas vaidades e ridículos há para aí «gente» que se ocupa. Não nos interessa o homem, nem a sua relativa marginalização no seio de uma «classe política» que se pauta pela «linha de Cascais», como irónica, e desconsoladamente, já tem sido observado. Ângelo Correia é, bem o sabemos, apenas tolerado. Mas utilizam-no. É o homem que serve para a «inventona», o que não pede conselho à razão para se abandonar à imaginação, que não alcança o vazio e o ridículo da sua coragem de afirmar. É o homem capaz do disparate — já não falamos da grosseria — de ir polemizar com o Presidente da República numa cerimónia pública durante uma visita oficial. É o homem que não tem o sentido do acto insólito que cometeu, porque ainda não se apercebeu do facto insólito de ele, Ângelo Correia, ser ministro.

Tínhamos escrito, em anteriores notas cursivas — e houve quem considerasse que estávamos a exagerar — que o Presidente da República por afirmações que proferira e atitudes a que se vinculava, estava colocado perante um dilema: renunciar ou intervir.

Não nos cabia definir o carácter e extensão dessa intervenção, nem precisar o aspecto específico da renúncia.

Renunciar — às suas responsabilidades políticas e ao seu compromisso eleitoral — será, igualmente, o remeter-se à aceitação dos circunstancialismos que lhe são impostos, aos episódios da «guerrilha institucional» que lhe é movida, ao cerco que lhe montam. Renunciar, será, igualmente, remeter-se ao silêncio. Mas, uma coisa é para nós de meridiana clareza, o Presidente da República, cercado e desafiado, não poderá manter-se até final do seu mandato sem desgasto do prestígio que neste momento político desfruta. O correr do tempo não lhe é favorável até ao limite legal da sua magistratura. Aproxima-se o momento em que o desgaste, que já corroe outras figuras políticas e vai correndo este Governo, passará a desgastar o «cidadão-Presidente» e o «general-Presidente». Desgaste que se verificará tanto no plano civil, como no plano militar. A atitude expectante pode fundamentar-se em cálculos subtis, mas a velocidade dos acontecimentos não poderá ser refreada.

Eanes reagiu com grande serenidade e grande dignidade, dirigindo-se à população nos seguintes termos: «...quero-vos dizer uma coisa: não serão as palavras que enganarão os homens. Será através dos seus actos que se saberá onde está a verdade. Entendo que as vossas escolhas são sempre certas e sagradas. E mais importante que os métodos serão as escolhas que vocês fizerem, desde que essas escolhas sejam livres. Isto pretende responder àqueles que querem encapsular a democracia. Mas a democracia está nas vossas mãos.»

Eanes foi direito ao problema suscitado pela insensata atitude do ministro Ângelo Correia e aos seus auditores disse: «Tinha decidido não ler o discurso que trago escrito. Tinha-o mandado embargar e ainda há pouco foi feito um telefonema para Lisboa para que não fosse distribuído. Mas entendo que o Presidente da República deve também dizer o que pensa para que a limpeza democrática seja respeitada. A democracia aceita todas as interpretações, mas tem dificuldade em aceitar processos de intenção e de admitir que alguém se apresente como dono da verdade toda, como se em política existisse essa possibilidade...» E, tendo depois insistido em que «não há democracia sem partidos políticos», com firmeza reafirmaria: «A participação de independentes em listas próprias ou integrados em listas partidárias, não pode portanto ser interpretada como um objectivo que prejudique a coesão dos partidos. O que se deve ajuizar com serenidade, é se essa contribuição democrática é ou não útil para a resolução dos problemas das populações e para a afirmação responsável e competente do poder local.»

Este é o aspecto fundamental da questão, considerada do ângulo da competência e eficiência do «poder local», mas há, também, a questão da representatividade e da autenticidade democráticas. Aos Ângelos Correias dos vários matizes, deverá ser perguntado: Quantos portugueses estão filiados nos partidos políticos? Quantos verdadeiramente militam nos partidos políticos?

O Portugal de Abril — pese a Ângelo Correia e a outros — não poderá ser reduzido a «clientelas partidárias». E muito menos à «clientela partidária» de uma «Aliança Democrática» que é apenas um «cimento de poder».

Gentes e Paisagem

Há quantos anos te foste?

Dias de Melo

Lembro-me de ti, Amigo.

Lá fora, o nevoeiro tomba sobre a terra e sobre o mar. É um imenso novelo de algodão pardacento que flutua e envolve campos e montes do interior da ilha, copas de árvores, tectos e paredes de casas da cidade, chaminés de navios ancorados na bacia da doca. E sob este imenso novelo de algodão pardacento — nada se vê e tudo apenas se suspeita, calado, opressivo, angustiante.

E porque me lembro de ti, Amigo, enquanto olho este nevoeiro para além dos vidros da porta fechada ao fundo do corredor comprido? E porque me lembro de ti, Amigo, aqui, deitado nesta enxerga?

A cinza do nevoeiro que vai lá fora trespassa a janela, enche a solidão deste quarto, desce pelas paredes brancas, pelas estantes vermelhas encostadas às paredes brancas, pelas lombadas dos livros que estão nas prateleiras das estantes, enrosca-se pelos móveis pobres, pelas cadeiras de palhinha, pela mesinha do centro, estende-se pela velha secretária pejada de papéis desordenadamente amontoados, insinua-se, mais sombria, pelos cantos. Mais sombria

— mais triste, tão triste como a minha saudade triste.

Há quantos anos te foste?

Costumávamo-nos juntar aos sábados, de tarde, na tua casa, no teu consultório. Tu — eras médico. Tendo estudado em Coimbra e em Paris, aqui te vieras fixar na terra em que nasceste. Com a tua Mulher. Com os filhos que aqui te vieram ao mundo. Modéstissimo, a ti próprio te chamavas de João Semana — embora te tivesses na mais alta consideração, e ao teu saber, os grandes da medicina que de algum modo te conheciam. Eras médico de todos — e eras médico dos que não tinham com que pagar a um médico: nunca um pobre te bateu à porta em vão. Eles conheciam-te a morada e sabiam-te o nome: Dr. José Maria de Medeiros. Abreviadamente, carinhosamente — o Dr. José Maria. Nunca acolheste, atendeste, trataste um pobre com atenção e cuidado diferentes daqueles com que acolheste, atendeste, tratasses fosse quem fosse. Outros trazem Cristo nos lábios: tu trazias-lo no coração. Tu trazias-lo nas tuas mãos. Jamais os pobres terão um amigo como tu.

Ali nos reuníamos, no teu consultório. Ali, à volta da tua secretária, junto daqueles instrumen-

tos e aparelhos clínicos, de vidro, de cromados brilhantes, imóveis, silenciosos, no meio daquelas paredes claras e silenciosas. A luz entrava pela janela ampla — às vezes a luz festiva de um sol cheio de alegria, às vezes a luz branca de um céu de cinza suave, às vezes a luz escura e mórbida de um nevoeiro como este a amontoar-se lá fora, na rua de casas sonâmbulas e de calçada negra de basalto negro. Tu, alto, esguio, austero na pureza ascética da tua bata alva, recebias-me com um sorriso generoso dos teus olhos, com o acolhimento fraterno dos teus braços abertos. As horas passavam sem que eu desse por isso. Duas... três... quatro... As horas calmas, recolhidas, da tarde que tombava.

De que falávamos? De tanta coisa! Podíamos partir, e por vezes partíamos, de filosofias diferentes: acabávamos sempre por nos encontrarmos e convergimos no mesmo ponto de pensamento, o amor entre os homens. Aquele amor que Cristo veio ensinar aos homens e que, vinte séculos decorridos, ainda os homens não aprenderam. A propósito ou sem propósito, lembro-me de te ouvir (as palavras não serão exactamente estas — a ideia, é-o): «Uma das

coisas boas que a vida nos concede é isto de as pessoas que se estimam poderem estar juntas e falar sem medo às palavras que dizem».

Raramente falavas de ti. Raramente falavas da tua saúde — que, de certa altura em diante, te ia fugindo. E os males que te consumiam iam-te deixando as suas marcas, bem visíveis, nas faces, no corpo. Médico — sabia-lo. Preocupavas-te com os outros. Contigo — não.

Não te vi nos derradeiros tempos que viveste. Que viveste... Em que te foste arrastando nos passos finais da subida íngreme do teu calvário. Chegaras ao extremo de não poder receber ninguém. Recordo, contudo, o último dia em que estive contigo. Foi à tarde. Uma daquelas tardes de melancolia cinzenta. Magro, pálido, muito magro, muito pálido, nem eras sombra do que foras. Mas arranjaste forças para te erguer do leito, vir à sala (não já ao consultório), onde te aguardava. Ainda me olhaste com o sorriso generoso dos teus olhos bons, ainda me abraçaste com o abraço fraterno dos teus braços abertos, ainda falámos alguns momentos...

Depois...

Continua na pág. 6

ponto a ponto



● A Chama Olímpica da Paz, como noticiámos no dia 27 do passado mês, encontra-se já no nosso País depois de passar, a partir da Grécia, pela Jugoslávia e Itália. Antecorrem, a «Chama» (uma iniciativa do Comité Grego pelo Desanuviamiento Mundial) esteve em Sines onde foi recebida na Câmara, e deu uma saltada à festa do «Dia Mundial da Criança». Depois de percorrer diversas localidades portuguesas até ao dia 2 de Julho, a «Chama Olímpica da Paz» e o atleta grego que a transporta rumarão para Nova Iorque, a tempo de estarem presentes na abertura da sessão extraordinária da ONU.



● André Gonçalves Pereira, MHE, estará no Instituto Naval de Guerra, onde, a partir das 9.30, fará uma conferência subordinada ao tema «Política externa portuguesa». Deverá assistir à conferência de Gonçalves Pereira o corpo docente do Instituto, além dos oficiais que frequentam os cursos superior e geral naval de guerra.

● Seguiu esta manhã para Londres o presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias, onde participará na Conferência dos Presidentes dos Parlaentos da Europa. O seu regresso a Lisboa está previsto para o próximo dia 7.

● A Biblioteca Operária Oeirense promove esta noite, a partir das 21.30, nas instalações da Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras (Rua Cândido dos Reis, 72), um debate sobre «A problemática de revisão constitucional». Participam no

debate deputados de vários partidos com assento na AR, como Luís Coimbra (PPM), António Vitorino (UEDS), Vital Moreira (PCP), Eduardo Pedrosa (MDP/CDE), Nunes de Almeida (PS) e Mário Tomé (UDP).



● A Sociedade Histórica da Independência de Portugal visitou, ontem, a Base Aérea n.º 1 e a Academia da Força Aérea, em Sintra.

Os cerca de 80 associados e familiares que integraram a comitiva da referida organização foram recebidos à sua chegada à Base Aérea n.º 1 pelo seu comandante, coronel Lobo. O general Ferreira Valente, comandante da Academia da FA (na foto), cumprimenta os visitantes.



● Afonso de Castro de Sá e Vasconcelos acaba de ser nomeado embaixador de Portugal em Nairobi. Este diplomata prestou anteriormente serviço nas Embaixadas do Rio de Janeiro e de Oslo, tendo sido ainda cônsul-geral em Montreal.

● Para uma visita a Portugal, a convite do Comité Central do Partido Comunista Português, chegou ontem Lisboa uma delegação do CC do Partido Socialista Unificado de Berlim-Oeste, dirigida por Horst Schmidt, presidente do partido.

Durante a sua permanência em Portugal, a delegação do PSUBO terá conversações com o Comité Central do PCP e contactará com diversos sectores do partido e da vida portuguesa.



● O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, recebeu, no seu gabinete, o almirante Theodore A. Almstedt, US Army, responsável, na Marinha americana, pelos programas de auxílio militar a Portugal.

o telefone com

Horácio Tavares de Carvalho

“Nada se conseguirá com o agitar permanente do anti-eanismo”

Horácio Tavares de Carvalho, membro destacado do PSD no Algarve — é o vice-presidente da distrital e presidente da concelha de Portimão, onde foi cabeça de lista dos social-democratas para a Assembleia Municipal — acompanhou o PR na visita que este fez àquela cidade do Algarve.

Ao telefone com HTC, perguntámos-lhe como se tinha «sentido» ao acompanhar Eanes, uma vez que o seu partido continua a atacar publicamente o PR e a considerá-lo como um inimigo.

«Não votei Eanes, discordo do seu projecto político, mas entendo que, como autarca, devo estar presente quando o PR visita a minha autarquia. Foi nesta qualidade que o acompanhei.»

Concorda com a guerrilha que o seu partido e a AD fazem ao PR?

«É uma questão de sensibilidade. Entendo que devemos demarcar claramente o nosso projecto político. Mas uma coisa é a demarcação, e outra é o estar a agitar permanentemente o anti-eanismo. Não é assim, com este agitar permanente, que se conseguirá alguma coisa. Pelo contrário: apenas com uma obra consequente, quer a nível governamental quer a nível particular, será possível esvaziar o eanismo.

Falou em obra consequente a nível governamental. Acha que o Governo da AD tem sido competente?

Do meu ponto de vista, sim. Claro que não se pode pensar, digamos, nos 100 por cento ou no óptimo. É preciso ver as condições concretas do País. Os seus terríveis problemas económicos. Não esquecer que esta situação e estes problemas não são de hoje, mas têm 48 anos antes do 25 de Abril e mais 8 depois desta data.

Mas nas campanhas eleitorais a AD prometeu este mundo e o outro. Nessa altura já sabia que os problemas vinham de longe?

Claro que sim. Mas prometemos para 1984.

Vão conseguir?

A maior parte das metas serão atingidas.

Acredita mesmo que vão ficar no poder até 1984?

Não tenho dúvidas. Além disso, não há alternativa.

E por falar nisso: que tal o acordo PS-AD, para a revisão constitucional?

Foi o acordo possível. Cada um cedeu um pouquinho. Nem considero que seja a revisão da AD, mas é a possível, uma vez que não temos os dois terços necessários.

Ribeiro Cardoso

“Sensível à posição portuguesa” na NATO

Espanha renunciou ao comando unificado

MADRID, 2 — (Fernando Jaurgu) A Espanha renunciou ao comando unificado para a Península Ibérica, resolvendo deste modo a grande controvérsia que a distanciava de Portugal na Aliança Atlântica — disseram ontem ao «DL» nesta capital fontes muito próximas do Ministério Espanhol dos Negócios Estrangeiros.

Poucas horas depois de ter ingressado, de maneira um tanto forçada, na Aliança Atlântica, um Alto funcionário espanhol afirmava que a Espanha renunciava ao comando unificado peninsular e a qualquer controlo sobre a área atlântica, «fazendo-se eco, assim, da sensibilidade portuguesa quanto a este ponto».

Parece pois provável, segundo outros meios, a criação dum comité de coordenação militar luso-espanhol, que se reunirá periodicamente para estudar os problemas derivados da pertença dos dois Estados ibéricos à NATO.

Espanha ingressou juridicamente na Aliança no passado domingo, surpreendendo a rapidez e a forma como se processou tal ingresso, inclusivamente nos meios políticos mais informados. Com efeito, o depósito dos instrumentos jurídicos fez-se em Washington no passado dia 30, dia em que habitualmente não se fazia nada. A Embaixada espanhola nem o departamento de Estado costumam trabalhar. Uma coacção dos socialistas espanhóis, contra a entrada na Aliança, apresentada nos fins da passada semana no Parlamento, poderia ter levado tanto o Governo de Madrid como o de Washington a forçar a marcha e não esperar

nem um dia para o ingresso espanhol na NATO.

De acordo com fontes diplomáticas da capital espanhola, teria também influído o desejo de que a entrada formal de Espanha na Aliança (a que se opõem diversas forças políticas, desde a extrema-direita, que considera que a NATO não defenderá as praças africanas de Ceuta e Melilla em caso de ataque marroquino, até à oposição de esquerda socialista e comunista, passando pelos social-democratas do Partido de Acção Democrática, muito próximo do PSD de Pinto Balsemão), de que esta entrada, diziamos, não coincidissem com as sentenças para os implicados no golpe de 23 de Fevereiro.

Estas sentenças, que têm sido objecto de rumores e especulações, poderiam ser conhecidas a todo o momento, têm vindo a provocar grande nervosismo nos meios militares e civis. Daí que o Governo tenha querido evitar a todo o custo que o tema coincidissem com o da NATO, que igualmente sensibiliza amplas camadas da população espanhola.

A cerimónia de entrada formal da Espanha na NATO celebrará-se no próximo sábado em Bruxelas, sede do quartel-general da Aliança, assistindo os ministros espanhóis dos Estrangeiros e da Defesa.

Entretanto, na cimeira ocidental de Bonn que se avizinha, a Espanha tentará impor-se como «ponte» entre a América Latina e a Europa — um papel com o qual a diplomacia de Madrid sempre sonhou.

Manuel da Costa, deputado do PS por Évora

“Os maioritários no último Congresso são hoje uma minoria”

Não votará favoravelmente o acordo de revisão com a AD

«Não votarei favoravelmente os preceitos da revisão constitucional que se relacionam com a dupla responsabilidade do Governo e com a constituição do Tribunal Constitucional, tal como estão contemplados no acordo PS-AD» — disse ao «DL» o deputado socialista Manuel da Costa.

Num curto diálogo sobre a questão da revisão constitucional, Manuel da Costa, eleito pelo círculo de Évora, adiantou ainda:

«A minha posição em relação à revisão não difere daquela que foi assumida pela maioria dos meus camaradas do grupo parlamentar. Estou solidário com essa posição».

Mas a direcção do partido parece não estar pelos ajustes...

«A posição da direcção nacional do PS não corresponde ao desejo das estruturas de base, podendo mesmo dizer-se que aqueles que foram maioritários no último Congresso não passarão hoje de uma minoria».

Sendo assim como vai o PS, globalmente considerado, reagir?

«Penso ser prioritário, neste momento, que todos os deputados desenvolvam uma acção de esclarecimento e sensibilização das bases para que elas façam sentir à direcção nacional que é preciso mudar de posição. Por outras palavras: é fundamental que saibamos honrar os nossos acordos e os nossos compromissos. Resulta, pois, desta ob-

servação, que é minha convicção sincera que a direcção do partido vai rever a sua posição».

Entretanto há quem, dentro do vosso próprio partido, classifique os deputados que defendem essa posição mais eanistas que o próprio Eanes...

«É uma argumentação falha de qualquer conteúdo, até porque as pessoas em geral, e os militantes do PS em particular, compreendem que esta nossa posição é fruto exclusivo dum grande preocupação na criação de uma alternativa de esquerda ao actual Governo e à actual maioria. Alternativa que apenas se poderá conseguir existindo uma consonância entre o PS e o PR».

Mas fazem-vos acusações mais concretas: dizem que vocês ‘jogam’ na criação de um partido dito eanista...

«A criação, a verificar-se, de um novo partido, é uma questão que em termos democráticos não é contestada, porque é legítima. No entanto penso que se essa hipótese se concretizar não será resultado de uma vontade expressa do actual Presidente da República, pois julgo que também ele tem conhecimento que saídas desse tipo em nenhuma parte do mundo resultaram em benefício de qualquer alternativa de esquerda. É o mínimo que lhe posso dizer a esse respeito».

R.C.

A conferência de Pastora e o ‘mau humor’ de Rui Mateus

A convite do Instituto de Relações Internacionais, tem estado em Lisboa Eden Pastora, guerrilheiro nicaraguense conhecido por «comandante zero», que ontem, num hotel da capital, deu uma Conferência sobre a actual situação na Nicarágua.

Entretanto, o «DL» apurou que um dirigente partidário da Nicarágua, Constantino Pereira, membro da Comissão Permanente do Partido Liberal Independente, que igualmente se encontra em Lisboa, pretendia assistir à Conferência de Eden Pastora, e que tal pretensão teria sido negada pela organização.

Em contacto telefónico com Rui Mateus, o «DL» obteve a seguinte declaração: «o comandante Pastora, herói da revolução sandinista, actualmente em luta contra a perversão totalitária que está a ser levada a cabo na Nicarágua por forças comunistas e contrárias ao espírito do grande herói da

revolução da Nicarágua, Sandino», disse que o sr.º Constantino Pereira não representa nenhum Partido Liberal da Nicarágua, e que está aqui meramente na qualidade de provocador. Só assim se explica que tenha contactado inicialmente o «Expresso» a quem propôs uma entrevista conjunta com Eden Pastora, numa qualidade de jornalista que não possuiu.

A margem, não devemos deixar passar alguns factos, verdadeiramente lamentáveis. Quando contactado por nós, o sr. Rui Mateus pôs em dúvida a publicação da breve declaração que nos tinha lido. Ao constatar que estava perfeitamente anotada, sentiu necessidade de afirmar que não se importava de «dar informações a jornais comunistas como o Diário de Lisboa». Aliás, no breve diálogo travado, nem sempre à frieza do jornalista correspondeu o dirigente político com palavras pon-

deradas.

O relato podia ser naturalmente mais circunstanciado.

No entanto, aqui ficam alguns reparos:

1 — É incompreensível que, perante um questionário, um dirigente político rotule as perguntas de provocação;

2 — Mais aberrante é a preocupação de desculpar a evidente má criação e vontade, — para com pessoas, caso deste redactor do «DL», que o sr.º Rui Mateus não conhece —, por critérios primários de identificação política;

3 — Começa a tornar-se insuportável, que dirigentes políticos responsáveis tenham da vida política e das pessoas, inclusivé jornalistas no desempenho da sua função profissional, a mesquinha dicotomia «do preto e do branco», e que ela seja indicativo de boa preparação, de qualidades para a direcção política.

Nuno Ribeiro

Professor efectivo — impunidade absoluta?

Continuação da pág. 2

No primeiro período deste ano escolar alentei a directora de turma para as irregularidades da sr.ª dr.ª Maria Emilia Pimentel. Ela disse que tinha tido queixas de outros encarregados de educação que «tinham dito coisas terríveis» da prof.ª em questão. Disse ainda que tinha tido uma reunião com as outras professoras da turma e que chegaram à conclusão de que não podiam fazer nada, visto esta professora se virar nos alunos.

Não foi possível realizar uma reunião entre docentes e encarregados de educação desta turma, porque os docentes acharam que não havia problemas graves em relação à turma. Eu (e mais alguns pais) discordei, mas nada pude fazer, pois os professores efectivos portugueses são, como sempre, omnipotentes.

Em 21-4-82 a minha filha levou uma carta à sr.ª dr.ª MEP, na qual lhe pedi uma entrevista. No dia seguinte a minha filha perguntou se já podia dizer que tudo me podia valer. Ela disse: «a tua mãe, naturalmente, que me quer dizer que estudas muito, que tens boa vontade e uma boa explicadora». Disse muitas coisas, mas não disse quando lhe podia falar.

No dia seguinte encontrei, por

acaso, a sr.ª dr.ª MEP na rua e perguntei (amavelmente) se ela não queria falar comigo. Ela pôs-se logo na «ofensiva» e disse que se eu quisesse falar com ela que aproveitasse agora. Era impossível falar ali na rua, pois ela estava excitadíssima e falava muito alto. Depois disse que nenhuma lei, nem ninguém, a podia obrigar a falar comigo. Dito isto, virou-se e foi-se embora, deixando-me a falar sozinho!

A turma tem Matemática todos os dias, e na aula seguinte houve «chamadas» a contar para a nota. A minha filha foi a primeira a ir ao quadro. Não soube fazer o primeiro exercício e, depois de a ter humilhado durante uns bons 5 minutos, a prof.ª mandou-a para o lugar, o que foi profundamente injusto, porque o facto de ela não saber fazer o primeiro exercício não queria dizer que não soubesse fazer outros! Depois foi a vez de uma colega que também foi insultada. Chorou quando voltou para o lugar. Um colega esteve no quadro cerca de 30 minutos. Outro aluno foi-se embora, porque a prof.ª depois de ele ter feito uma pergunta, lhe deu a escolha entre ficar calado ou ir-se embora.

A minha filha chegou a casa num estado lastimoso, com o coração a bater loucamente. Teve

um ataque de choro convulsivo e tive de lhe fazer uma «cura de sono».

Isto foi uma sexta-feira. Na segunda-feira a seguir, a pequena não foi a aula de Matemática, mas foi às outras. (É a primeira falta que tem nos quatro anos que anda no liceu). Um colega entregou uma carta minha à prof.ª de Matemática, na qual expliquei que a minha filha não iria às próximas aulas por causa da maneira injusta e insultuosa como fora tratada no dia 30 do mês passado. Além disso, lembrei à sr.ª dr.ª MEP que, em relação a tudo quanto diz e faz nas aulas, há sempre 30 testemunhas.

A senhora disse que estas cartas não se escreviam a ninguém e rasgou-a. (Eu tinha entregue uma cópia à directora de turma). Depois falou mal de mim durante 40 minutos! Entre outras coisas disse que a minha filha não tem culpa de ter uma mãe tão pouco inteligente.

É evidente que tudo quanto expus em cima poderá, em qualquer altura, ser confirmado pelos alunos da turma em questão. Todos eles são vítimas da fúria incontrolável e imprevisível da sr.ª dr.ª Maria Emilia Pimentel.

Henny Beshah
(Encarregada de educação)

Ângelo Correia confirma mexida nos Governadores Civis

Ângelo Correia, ministro da Administração Interna, confirmou ao «DL» que vai haver uma forte mexida nos governos civis. Sem adiantar o «timing» ou a extensão dessa mexida, Ângelo Correia disse contudo que haverá dois tipos de intervenção: uma para resolver situações, outra para clarificar.

Instado a dar exemplos concretos, o ministro da Administração Interna confirmou que «na Guarda será para resolver a situação», enquanto em Aveiro será para clarificar, recusando-se a acrescentar mais pormenores. Quanto ao governador civil de Braga, sobre o qual correram muitos rumores, quanto à sua próxima demissão, Ângelo Correia foi peremptório:

«Esse não. Nem pensar nisso. Em Braga não se mexe».

O actual titular da pasta da Administração Interna deu ainda a entender que o processo de substituição de governadores civis pode ter já começado.

Gentes e Paisagem

Continuação da pág. 5

Não. Não te acompanhei à tua última morada. Não estava cá. E o tempo começou a passar. Quantas saudades querido Amigo!

Quantas vezes me tenho encontrado a fazer assim contigo! Tanta coisa que tem acontecido!... O Mundo vai cada vez mais conturbado, os homens cada vez mais desentendidos, a vida cada vez mais dolorosa...

E hoje, com este nevoeiro caindo, negro, sobre a ilha, enovelando-se e cobrindo campos e montes, árvores, casas da cidade, planuras do mar, e metendo-se, pelos vidros desta janela fechada, neste quarto sombrio, com a sua carga de tristeza que me asfixia...

Só hoje dei por mim a passar isto para o papel. Isto — que é apenas um pouquinho daquilo que gostaria de te dizer...

Brigadeiro Azeredo mandado apresentar na arma de Cavalaria

Os termos desrespeitosos, e até insultuosos, da carta pessoal que o brigadeiro Azeredo enviou ao chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, implicaram «quebra de confiança» do CEME no 2.º comandante da Região Militar Norte, daí o natural despacho de 1 de Junho, que destituiu das suas funções o antigo assessor militar de Sá Carneiro — apurou o «DL» de fonte próxima do EME.

Na sua edição de hoje o matutino «O Dia» considera que o brigadeiro Carlos Azeredo manifestara na sua carta, «estranheza» pelo facto do general Garcia dos Santos «não esclarecer devida e prontamente uma situação que se reflectia no prestígio da instituição militar».

A situação reterida pelo matutino de João Coito prende-se com insinuações vindas a público no semanário de Vera Lagoa, «O Diabo», e relacionadas com empréstimos da Banca feitos há anos, a uma firma de que Garcia dos Santos era accionista.

O brigadeiro Azeredo foi mandado apresentar na direcção da Arma de Cavalaria.

Comissão Permanente do PS toma iniciativa política

Suspensas relações com o PCP, pedida a demissão do Governo

O Partido Socialista e o Partido Comunista estão desde ontem de relações cortadas. A decisão foi adoptada pela Comissão Permanente do PS, depois de o Comité Central do PCP ter tomado público um apelo para que os deputados socialistas votassem contra o projecto de revisão constitucional apoiado pelo PS.

O comunicado final da reunião da Comissão Permanente afirma que este órgão «considera inadmissível a clara interferência do Comité Central do PCP e do seu secretário-geral na vida interna do PS, fazendo um apelo à indisciplina de voto no Grupo Parlamentar Socialista». O comunicado acrescenta que «um acto de tal gravidade que representa uma violação das mais elementares regras de convivência entre forças políticas em regime democrático, obriga o PS a suspender de imediato todas as relações políticas com o PCP, enquanto não for alterada esta atitude».

Esta é a mais grave ruptura surgida no seio da esquerda portuguesa

desde 1976. Nos últimos tempos, o Partido Comunista tem criticado com especial violência a actual direcção socialista e, nomeadamente, Mário Soares. A revisão constitucional tem sido o motivo principal destas críticas.

Os comunistas afirmam que a redução de poderes do Presidente da República, nomeadamente na área militar, que, na sua perspectiva estão consagrados no projecto de revisão constitucional traduzem uma cedência e uma capitulação dos socialistas perante a AD.

As críticas a Mário Soares, acusado há muitos meses de ter um acordo secreto de revisão com a AD, têm subido de tom depois de se ter formalizado o entendimento entre a AD e o PS. E culminaram na terça-feira com o anúncio, durante uma conferência de imprensa de Álvaro Cunhal, do apelo lançado aos deputados do PS para votarem contra o projecto de revisão que no passado fim-de-semana foi aprovado pela Comissão Política e, depois, ratifi-

cado pela Comissão Nacional do PS.

A Comissão Permanente adiantou também alguns elementos novos em relação à tática imediata do Partido. Depois de saudar a subida a plenário da AR da discussão da revisão constitucional — qualificada como pesada derrota para os sectores que a todo o custo procuravam impedir ou bloquear a revisão — aquele órgão reclama «a demissão imediata do Governo e a dissolução da Assembleia da República uma vez concluída a votação da revisão constitucional».

O comunicado acrescenta ainda uma referência à Conferência de Solidariedade com os Países da Linha da Frente, que se vai realizar em Lisboa, para dela se demarcar, considerando que se integra na «estratégia soviética».

Por fim foi decidido convocar para o próximo dia 13 uma reunião da Comissão Nacional do PS, «a fim de analisar a crise interna do partido no quadro da situação política nacional,

bem como as medidas para lhe pôr fim».

Sem que se lhe façam, no comunicado, mais referências, esta reunião poderá ter importância decisiva na cena política nacional.

Já a semana passada, o órgão oficial do PS «Acção Socialista» criticava seriamente os elementos da minoria do partido. Chegou mesmo a incluir um artigo contra a direcção da JS, que, sem se integrar no grupo do Ex-Secretariado, é claramente desafiada às posições da minoria.

Essas críticas são retomadas na edição de hoje daquele jornal, que no entanto ataca fundamentalmente a possibilidade de criação de um partido presidencial. Mas, a propósito, afirma: «A linha de partilha no interior do PS passa entre aqueles que continuam fiéis ao partido e ao seu projecto democrático e aqueles que, por medo ou desorientação ou oportunismo, obedecem a outras fidelidades, estranhas ao PS e ao espírito de uma verdadeira democracia. E tempo

de cada um assumir claramente as suas responsabilidades».

Uma fonte próxima de Mário Soares, contactada pelo «DL» esta manhã, afirmou-nos que não era mais possível, um ano depois do Congresso, manter as divisões no PS. «De cada vez que o PS lança uma iniciativa construtiva, ela é dificultada por alguns elementos da minoria do partido», afirmou-nos.

A principal questão a ser posta na reunião da Comissão Nacional relaciona-se com a revisão constitucional e com as reticências que elementos afectos ao ex-secretariado colocam ao projecto já aprovado. Recordar-se que em declarações ao «DL», Arnaut afirmou que não iria votar contra a sua consciência. Hoje, no «Acção Socialista», outro destacado membro da minoria, José Niza, afirma que votará favoravelmente o projecto apresentado, sem violar a sua consciência. Mas também sem a alegria da Constituinte...

Regimento fez revisão «marcar passo» PCP não aceitou ritmo da «parada»

O debate da revisão constitucional estava ontem, à tarde, pronto a «arrancar». Tal como tínhamos já dito, em primeira mão, o Regimento para a discussão estava a provocar forte polémica na reunião dos líderes dos Grupos Parlamentares.

Regimento normal da Assembleia? Arrastar-se-ia durante muito tempo, mas o Regimento Especial levaria a que a discussão se transformasse numa verdadeira empreitada, como

diria Carlos Brito (PCP).

E não começou ontem a discussão. A inclusão de um ponto na Ordem de Trabalhos sobre um projecto de resolução para um Regimento Especial — para o qual o PCP não tinha dado o seu acordo — levou a que o início da revisão constitucional «marcasse passo» até à próxima segunda-feira.

Durante a parte da manhã, Vital Moreira (PCP) regressou à primeira fila do Grupo Parlamentar e, em

grande forma, argumentou contra aquilo que classificou de «golpismo da AD ao aproveitar-se de um erro do presidente da Assembleia da República, ao incluir esta discussão na Ordem do dia». Já lá está, tem de se discutir — respondia a AD.

«E se, por engano, o presidente da Assembleia agendar uma Moção de Censura ao Governo, tem de ser discutida, mesmo não existindo?» — interrogava-se Vital Moreira.

Os trabalhos foram interrompidos já perto da uma da tarde e recomençaram já depois das cinco. No gabinete, os líderes dos Grupos Parlamentares voltaram a discutir a questão dos tempos de debate. Tudo leva a crer que serão acéltos, com mais ou menos alteração, os tempos por nós já divulgados. Desde as 24 do PSD às pouco mais de 4 do MDP ou 13 do PCP. Uma sugestão de Almeida Santos (PS) ainda em plenário seria ime-

diatamente rejeitada: começar a discussão com o Regimento normal e descontinuar o tempo gasto, quando aprovado o Regimento Especial.

Na segunda-feira, começará finalmente a Revisão? Ontem, pelo menos, o PCP quis mostrar que não aceita estar numa «parada»... sem o seu consentimento.

Proença não dizia isso no «ofício»...

Associação não recebe dinheiro mas sim a Telecine

— esclarece «cívica»

da Revisão Constitucional

Não será a Associação Cívica para a Revisão Constitucional (de que Proença de Carvalho é um dos directores) a receber os 1500 contos pelos cinco programas sobre os debates que agora irão principiar na Assembleia da República. Quem o diz é a própria Associação Cívica, acrescentando que esse dinheiro irá para a Telecine, a produtora dos programas.

A questão foi ontem colocada, no Parlamento, pelo deputado comunista Jorge Lemos. Acontece que, Jorge Lemos, leu um ofício da própria RTP, no qual se confirma que «foi celebrado um contrato com a Associação Cívica para a Revisão Constitucional, pelo qual Associação PRODUTZ e realiza (...). Nos termos do contrato a entidade PRODUTZ entregará os programas prontos para a emissão que são vendidos à RTP, que sobre eles

ficará com todos os direitos por 300 contos cada».

Não havia, aqui, referência à Telecine, como a PRODUTZ. Só agora, e perante a intervenção de Jorge Lemos, a Associação vem a público para sublinhar que a «referida importância não se destina, à Associação Cívica que é uma entidade sem fins lucrativos como o seu nome indica». Para além de Proença de Carvalho, fazem parte desta Associação nomes como José Miguel Júdice, Santana Lopes, António Maria Pereira e Cunha Rego.

«Tal processo de actuação — considerou ontem Jorge de Lemos — põe em causa as normas mínimas porque se de ve reger a Radiotelevisão Portuguesa, sujeita nos termos constitucionais e legais a fornecer uma informação independente e pluralista».

Danielle Mitterrand insultada na Taverna do Embuçado

A mulher do presidente da França e a embaixatriz da França em Lisboa — e a França declaradamente — foram anteontem à noite tratadas em termos insultuosos na casa de fados «Taverna do Embuçado», pelo fadista João Ferreira Rosa.

O incidente ocorreu a seguir a um jantar em que estiveram Danielle Mitterrand, mulher de François Mitterrand e a senhora Chazelle, mulher do embaixador da França em Portugal, a convite de personalidades conhecidas da vida política e social portuguesa como Maria Barroso, Natália Correia e Helena Roseta.

Na circunstância, o fadista animador dos serões da Taverna recorreu a diversas peças do seu repertório politicamente actualizado, nas letras de algumas das

quais ocorrem expressões hostis à situação portuguesa criada a partir do «25 de Abril». Mais, fez alusões à França consideradas,

no mínimo, indicativas de uma educação cívica deficitária.

A dada altura, a mesa decidiu

levantar-se e sair, não sem que, entretanto, e com ironia, a embaixatriz francesa se tivesse dirigido ao fadista João Ferreira Rosa. Respondendo, o fadista alargou-se nos termos em que já

se tinha pronunciado.

Danielle Mitterrand veio a Lisboa para participar na Quinzena de Arte Francesa, iniciativa e promoção da Embaixada de França em Portugal.

54 45 45



centro S.O.S. voz amiga

Balsemão no regresso de Paris

Não acredita que Portugal seja apenas o «trampolim» de África

Pinto Balsemão não acredita que a África de expressão portuguesa nos esteja a usar apenas como «trampolim» para a Europa. Esta sua afirmação foi feita ontem no aeroporto, quando regressava de uma viagem a Paris para conversações sobre a integração de Portugal na CEE.

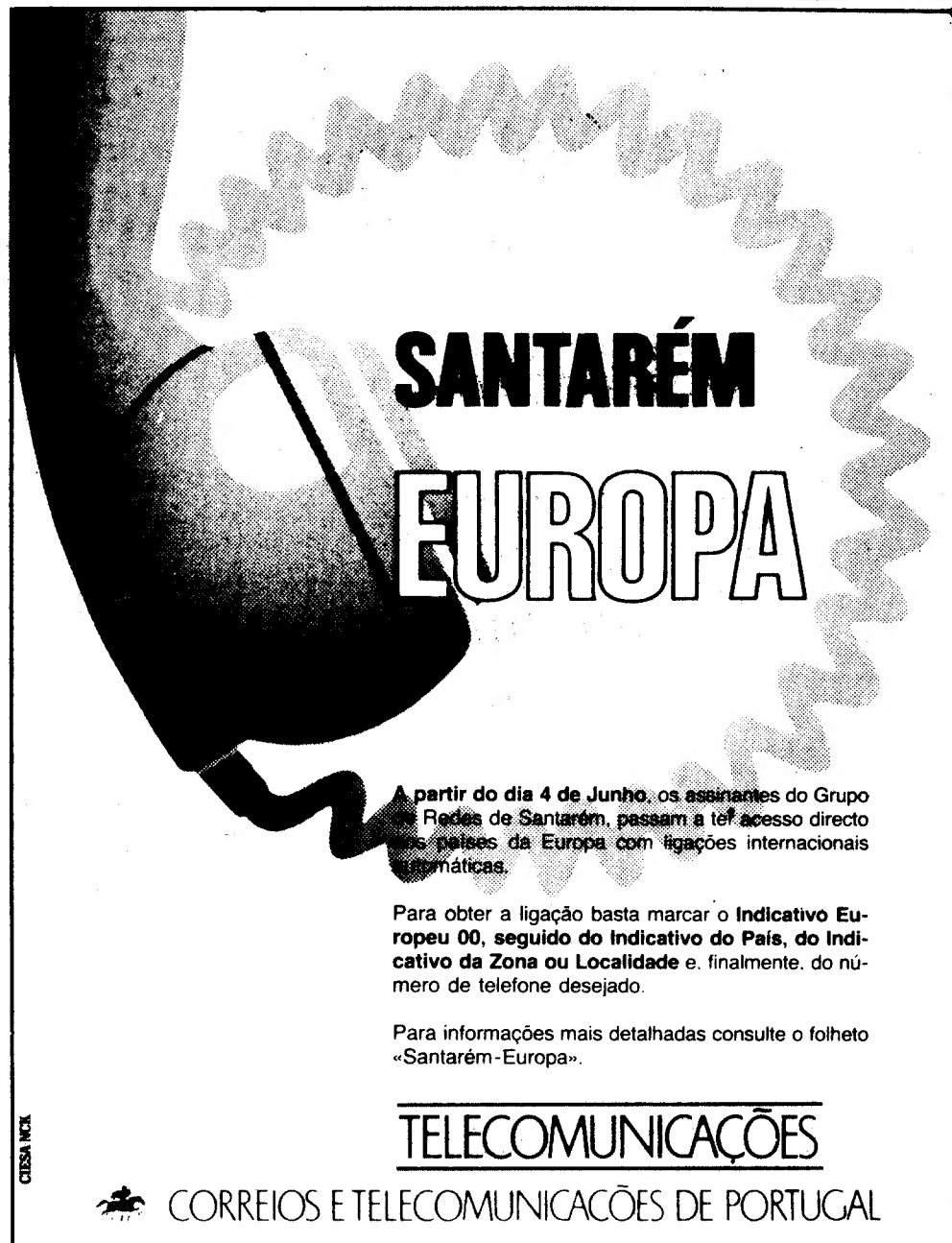
O Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão, foi recebido pelo primeiro-ministro e pelo presidente da República, François Mitterrand. «Tive o prazer de ser recebido pelo presidente da República Francesa» — sublinhou Pinto Balsemão. Nesse mesmo dia, a mulher do presidente da

República Francesa, Danielle Mitterrand era insultada em Portugal, numa Casa de Fados por um homem ligado ao «fascismo»: João Ferreira Rosa, como noticiamos nesta página.

Para além dos «dossiers» dos têxteis e da agricultura, que foram referidos, nestas conversações em Paris, Pinto Balsemão referindo-se a uma «cooperação triangular Portugal-França-África», sublinhou:

«Entendemos que essa cooperação se justifica desde que, em primeiro lugar, haja países africanos interessados, países lusófonos ou países francófonos. Mas há uma questão prévia, ou

seja, não podemos de modo algum, Portugal e a França, neste caso, impor um determinado tipo de cooperação triangular. O interesse tem de partir de um país africano que queira que determinado projecto seja encarado por Portugal e por outro país europeu ocidental. Segundo aspecto, é o que devemos encaminhar-nos, quando possível, para projectos concretos. As decisões de alto nível quanto a este princípio estão assentes, e esses projectos concretos partindo de uma manifestação de interesse por parte do país africano eventualmente interessado devem ser depois estudados.»



SANTARÉM EUROPA

A partir do dia 4 de Junho, os assinantes do Grupo Redes de Santarém, passam a ter acesso directo aos países da Europa com ligações internacionais automáticas.

Para obter a ligação basta marcar o Indicativo Europeu 00, seguido do Indicativo do País, do Indicativo da Zona ou Localidade e, finalmente, do número de telefone desejado.

Para informações mais detalhadas consulte o folheto «Santarém-Europa».

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

FEIRA DO LIVRO

Livros Horizonte: “novidades” não são para a Feira

«Não! Novidades na Feira nunca pomos... É uma tradição nossa. Razões: não prejudicar o livreiro e não prejudicar também o autor. E não prejudicar, igualmente, o leitor. É que há muito por onde escolher... Todos os anos, os nossos títulos de Abril e Maio nunca vão para os nossos 'stand's'. Apresentamos, sim, obras de grande interesse que, até aí, fomos publicando...»

Esta a filosofia de Livros Horizonte relativamente à Feira do Livro. Entendem os responsáveis pela editora ser esta a melhor política para que a atenção dos eventuais leitores se não disperse por dezenas e dezenas de títulos.

Numa palavra: os lançamentos «Horizonte» nunca são feitos na Feira. São feitos na rotina dos

dias, rotina que é quebrada pelo aparecimento (súbito) de um título novo...

No entanto, porém, os «stands» da referida editora têm a novidade dos temas que não se esgotam.

Vejam alguns títulos:
«Educação e processo democrático em Portugal», de Rui Grácio; «Uma forma de estruturar o ensino e a aprendizagem», de Luísa Galhardo; «Portugal e as origens do pensamento moderno», de Joaquim Barradas de Carvalho; «Economia e Ecologia», do prof. Henrique de Barros; «O belo como categoria estética», de Alvaro Pina; «A sociologia contemporânea», de Daniel de Sousa; «Código das expropriações dos solos e construção», de Goucha Soares e Sá

Pereira; «Para uma crítica da filosofia dos valores», de José Barata Moura; etc.

Um «etc», muitas vezes, é vago. Assim, pois, mais alguns títulos:

«As polémicas de Camilo», de Alexandre Cabral; «A sociologia em Amorim Viana», de Vítor de Sá; «Fernando Pessoa, cidadão imaginário», de Joel Serrão (livro este galardoado com o prémio do Pen-Club); e...

Bem: todo o catálogo disponível da «Horizonte» se encontra na Feira. Quanto a títulos a sair no decurso do ano, quanto a novidades, é perguntar para dentro do «stand». Haverá sempre uma informação oportuna e amável. Digamos: um horizonte largo de convivência.

Presença: “Os Descobrimentos e a Economia Mundial” de Magalhães Godinho

ras medievais portuguesas», da professora Virgínia Rau, em reedição; «Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI», do prof. Silva Dias, etc.

Mas não só ao nível universitário a Presença se fez representar — e, igualmente apostando nos tempos livres, a editora lança nas bancas dos seus dois «stands» títulos que se situam no âmbito dos tempos livres. Por exemplo (e outros títulos há): «O hóquei em patins», de Blasco, e «Técnicas de tiro» (iniciação a esta modalidade desportiva).

Mais, no entanto. Numa coleção nova da Presença, designada por «Arco Íris», com cinco títulos já publicados (todos de iniciação à prática das Artes Plásticas), mais dois livros surgem no certame do Parque: «A figura humana» e «A composição

na pintura».

Quanto aos preços...

Bem, aí (como, aliás, com a produção de outras editoras) há que jogar com os descontos proporcionados pela Feira, da ordem dos 20 por cento. Pode adiantar-se, no entanto, que, relativamente à Presença, o preço mais baixo não ultrapassa os cem escudos e pico – e o mais alto vai até aos mil escudos e tal.

Ainda sobre Magalhães Godinho: dois volumes de «Os Descobrimentos e a Economia Mundial» já se encontram à venda há algum tempo, sendo o terceiro o que vai ser lançado na Feira. «Com um pouco de sorte — disse-nos o porta-voz da Presença —, talvez o quarto, e último volume da obra, apareça nos nossos «stands» do Parque Eduardo VII...».

**OBRAS ESCOLHIDAS DE
MARX/ENGELS**

**OBRAS ESCOLHIDAS DE
LÉNINE**

Obras fundamentais dos fundadores do socialismo científico em 6 volumes.

Publicados já os 3 volumes de Lénine. Acaba de sair o 1.º volume de Marx/Engels.

Finalmente a tradução portuguesa rigorosa dos principais textos de Marx, Engels e Lénine

**edições
Avante!**

VENDAS NAS FEIRAS DO LIVRO DE LISBOA E PORTO e Editorial Progresso



**Obra de
MANUEL DA FONSECA**

O FOGO E AS CINZAS

Obra de um autor que
é já um clássico da lín-
gua portuguesa.

Edition integral e defi-
nitiva revista e prefa-
ciada pelo Autor.

Edition brochada com
capa do pintor
Armando Alves.



VENDAS NAS FEIRAS DO LIVRO DE LISBOA E PORTO

editorial
CAMINHO

**DESENVOLVIMENTO
ECONÓMICO
E ANÁLISE HISTÓRICA**

PIERRE VILAR

*Unir o contributo de Marc Bloch
e Lucien Febvre
à herança de Karl Marx*



**EDITORIAL
PRESENÇA**

 **EDITORIAL
PRESENÇA**

RUA AUGUSTO GIL, 36-A — TELÉFOS 78 60 12 — 78 30 80 — 1000 LISBOA

MORÆS editores		PAVILHÃO N.º 10	
Dias	LIVRO DO DIA	OBRA DO DIA	ESCRITOR DO DIA
4/6	40-647 — A Criança dos 0 aos 6 anos 40-648 — A Criança dos 6 aos 15 anos	Carl Rogers (todos)	JOAQUIM PESSOA
5/6	Livros de Direito	Manuais Universitários (todos)	E.M. de MELO e CASTRO
6/6	40-737 — A Criança e a Ling. Escrita 40-762 — A Criança Essa Desconhe. 40-820 — Crianças Inadaptadas 40-232 — Ciência e Técnica dos Exames	FICÇÃO (todos)	ÁLVARO MARIA DE SOUSA
7/6	45-332 — O Erotismo 45-830 — Pensamento Contemporâneo 45-840 — Realismo, Materialismo e Utopia	Canto Universal (todos)	JOSÉ SARAMAGO
8/6	40-836 — O Adolescente e a Família 40-820 — Crianças Inadaptadas	Testemunhos Portugueses (todos)	MANUEL ALEGRE
9/6	40-607 — Psicoterapia e Consulta Psicológica 40-661 — Tornar-se Pessoa 40-660 — Grupos de Encontro	Mundo IMEDIATO Os Novos Feminismos	ANA HATHERLY

DIA 3



STAND 77

LIVRO DO DIA

«RAVENSBRUCK — CAMPO DE EX-
TERMINIO»

~~298.00~~ — 180.00

LIVRO RECOMENDADO

«CONTOS FANTÁSTICOS»

~~275.00~~ — 190.00

STAND 78

LIVRO DO DIA

CONHEÇA KARL MARK

~~200.00~~ — 120.00

LIVRO RECOMENDADO

PROBLEMAS DE RESISTÊNCIAS DE
MATERIAIS

~~550.00~~ — 390.00

**A IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA
ESTÁ PRESENTE NA FEIRA DO LIVRO/82
NOS PAVILHÕES 89 e 90**



Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas

O ensaio geral de uma política contra os trabalhadores da Função Pública

Heitor Abrochão
Ana Bela Dinis

A acção sindical (reivindicativa e de organização) dos Trabalhadores da Função Pública dos (TFP's), embora custe, não deixa de conter ensinamentos bastantes que justifiquem uma reflexão sobre as suas principais determinantes.

Certamente que este não será um lugar para tal análise, no entanto, e sem preocupações de preciosismos, seguidamente se apresentam três fases da vida das organizações sindicais da Função Pública:

● **Primeiro de 1974/76** — É o período dum impetuoso movimento sindical que vai desde a criação dos sindicatos à obtenção de várias conquistas, económicas e sociais;

● **Segundo de 1977/80** — É o início do autoritarismo de Estado, cuja primeira expressão foi o decreto unilateralmente os vencimentos em 1977 — aumento de 15%.

É o aparecimento dos sindicatos paralelos neste sector de actividade.

É neste contexto, claramente desfavorável que os TFP's continuam, embora mais duramente, a alcançar vitórias tanto gerais como em diversos sectores.

● **Terceiro desde 1981** — Começa por caracterizar-se pelo mais completo desrespeito pelas estruturas representativas dos sindicatos, com o rol de ilegalidade que vai desde a proibição do exercício do direito à negociação colectiva até à repressão em muitos locais de trabalho.

É a promoção das acções individuais como meio para a resolução dos problemas, numa tentativa de desacreditar os sindicatos. Hoje, qualquer comissão *ad hoc*, ou mesmo trabalhador individual, é mais facilmente recebido por um director-geral, secretário de Estado ou ministro. Tal prática, tem trazido para os trabalhadores nela envolvidos amargos dissabores. Começam a ser aplicados os princípios que hoje são a parte do pacote laboral respeitante a quadros e carreiras (Dec.-Lei n.º 165/82).

A satisfação de reivindicações exige cada vez mais o esforço dos trabalhadores (para o qual nem todos estão preparados), considere-se, a título de exemplo, os casos da Direcção-Geral do Tesouro e o dos trabalhadores não docentes das Universidades que alcançaram estrondosas vitórias ao fim de nove e sete dias de greve, respectivamente.

Facé às dificuldades que o divisionismo encontra no sector e ao reforço da unidade dos trabalhadores em detrimento das acções individuais, só resta ao Governo agir por sua conta e risco. É nesta lógica, que o Governo pretende domesticar os trabalhadores da Função Pública, ao acabar com a Estabilidade e Segurança do Emprego e simultaneamente pôr em causa o direito a carreira — Pacote Laboral. Tudo isto sob a capa de reorganização, racionalização, de Administração Pública, portuguesa.

No entanto, os indícios existentes evidenciam, desde já, que o Governo fez mal as contas a tão graves perigos os trabalhadores têm respondido com unidade e determinação. O ensaio geral para esta nova política, refinadamente prepotente, pretende-se que sejam o Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas. De facto, foi entregue à Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública (FNSFP) um projecto de Lei-

— Organica onde constam: — seis declarações de princípios, como objectivos — a criação e extinção de organismos e serviços, sem qualquer base de sustentação — definição de um regime de pessoal altamente repressivo, sob comando directo do senhor ministro.

Na impossibilidade de se fazer neste local uma apreciação exhaustiva do referido projecto de diploma, limitar-nos-emos a analisar as suas principais linhas de força.

1. REGIME DE PESSOAL

Nesta matéria ressaltam de imediato duas características fundamentais:

● O imperativo do Quadro de Excedentes.

● Abertura à discricionariedade na reafectação dos trabalhadores aos diferentes organismos criados.

Quanto ao primeiro aspecto, nada será mais esclarecedor do que o próprio projecto:

«O presente diploma constitui, assim, um primeiro e decisivo passo do complexo processo de reforma orgânica do Ministério, que em todas as suas fases será norteado pelos princípios de eficiência e da diminuição dos efectivos e das despesas» (do preâmbulo).

Artigo 21.º (Quadro da execução): «Da execução do presente diploma e do subsequente processo de reforma do Ministério não poderá advir prejuízo para as situações e direitos que os funcionários já detêm e terá de resultar: a) Diminuição dos efectivos globais; b) Diminuição do encargo orçamental.

Refira-se que, para o Governo, o facto de um trabalhador ser colocado num quadro de excedentes, com todas as graves consequências que daí advêm, não corresponde a prejuízo para as situações e direitos. Certamente que se fossem os senhores ministros a ser colocados em tal quadro, não pensariam o mesmo.

E nestes termos, ninguém sabe o que será feito dos milhares de trabalhadores designados por agentes e não por funcionários. Será que esses vão o mais rapidamente possível para o desemprego?

Apesar dos objectivos enunciados, nada é dito sobre as razões do crescimento, onde há excedentes, quantos excedentes há?

Não se estranha que assim seja, já que o princípio é colhido da afirmação genérica e infundada que a Administração Pública cresceu desmesuradamente na última década.

No que respeita ao MACP, se fosse feito um pequeno esforço de análise, fácil seria concluir que tal crescimento se deveu, sobretudo a: Alargamento das atribuições do Estado nas áreas da Agricultura, Comércio e Pescas; Integração de supranumerários e adidos; Recrutamento de pessoas capazes de prosseguir fiel e decididamente a política definida para a zona de intervenção da Reforma Agrária.

Estamos perante um problema em que antes de ter sido feito o diagnóstico da situação se definem os objectivos a alcançar. Este procedimento configura uma evidente irrationalidade em termos de gestão, visando, em matéria de pessoal, alterar o «status quo» da Administração, criando o espectro do desemprego, tudo com o fim de diminuir a capacidade reivindicativa e enfraquecer a organização dos trabalhadores do MACP.

Quanto ao segundo aspecto, e embora correndo o risco de nos alongarmos dado o número e a extensão das citações, o recurso a tal metodologia

parece-nos a melhor forma de demonstrar a inevitabilidade de procedimentos discricionários.

Artigo 12.º (Instituição de serviços e regime provisório)... «2. Enquanto não forem publicados os diplomas referidos no número anterior fica o ministro autorizado a definir por despacho o regime provisório dos serviços e organismos criados pelo presente Decreto-Lei, nomeadamente quanto a competências, funcionamento, composição e respectivo contingente de pessoal e colocação de funcionários e agentes.»

Artigo 17.º (Regime de pessoal)... «5. O quadro, o regime de pessoal e, ainda, a regulamentação das matérias contidas nos números anteriores, sem prejuízo do disposto no n.º 2 do art.º 12.º, serão objecto de Decreto Regulamentar do Ministro das Finanças e do Plano, da Agricultura, Comércio e Pescas e da Reforma Administrativa.»

Se conjugarmos estas duas disposições com a regra fundamental para a criação de excedentes: desadequação entre a qualificação profissional e as exigências do posto de trabalho,

tudo a definir pelo senhor ministro, para todos os trabalhadores, temos encontrada a principal via no MACP para a criação de excedentes.

Por outro lado, estas duas normas aplicadas simultaneamente correspondem a colocar muitos trabalhadores entre a espada e a parede. O processo é simples, o senhor ministro contingente quantitativa e qualitativamente os quadros de pessoal dos serviços centrais, aos trabalhadores não colocados ou vão «voluntariamente» para as Direcções Regionais ou são colocados no quadro de excedentes.

2. ALGUMAS MEDIDAS DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO PRECONIZADAS

A par duma exemplar generalidade em termos de objectivos, o projecto de Lei Orgânica é extremamente rigoroso quanto à extinção e criação de serviços, vinte sete e quinze respectivamente. Se tal redução corresponde a uma busca de eficácia dos serviços ou se, por outro lado, corresponde a uma diminuição das atribuições nestes sectores, o futuro nos dirá. No

entanto, queremos registar, a este propósito, uma notável redução dos objectivos se os comparamos com os que contam no programa do Governo para os sectores da Agricultura, Comércio e Pescas. Mas, se quanto à organização e competência as coisas se apresentam pouco claras, o mesmo não se poderá dizer quanto a alguns aspectos de gestão.

De facto, que eficácia, que desburocratização, se pode esperar, quando: O senhor ministro pode, por meio de despacho, definir a composição, atribuições e competências do Conselho Nacional de Agricultura, dos três Gabinetes de apoio ao ministro, de todos os organismos criados pelo projecto de Decreto-Lei; O senhor ministro faz, por meio de despacho, a colocação do pessoal do «quadro único» nas dotações dos diversos serviços e organismos; O senhor ministro coloca na sua dependência directa, para além dos Gabinetes de Apoio, a Inspecção, não Técnica e Administrativa, mas Inspeção Geral e as sete Direcções Regionais; O senhor ministro assume-se na prática, **transitoriamente**, como gestor da quase totalidade do Ministério.

Assentes nestes pressupostos fundamentais, e tendo em conta as consequências graves que encerram, a FNSFP e de acordo com os objectivos dos trabalhadores do MACP formulou as seguintes reivindicações:

a) Rejeição, por inadequada e ilegal, da via administrativa prevista para a regulamentação, ainda com carácter transitório, da estrutura orgânica criada;

b) A reformulação e definição dos objectivos enunciados no projecto de diploma;

c) Suspensão da publicação do presente projecto de diploma até que seja dado cumprimento ao reivindicado na Al. B), bem como, estejam concluídas as diversas regulamentações previstas;

d) A eliminação de todas as disposições que respeitam à eventual criação de excedentes;

e) O respeito integral dos direitos adquiridos por todos os trabalhadores do Ministério, portanto, sejam eles funcionários ou agentes;

f) A participação efectiva da Federação e Sindicatos que a integram quer na reformulação do projecto de lei em causa, quer na elaboração dos respectivos instrumentos regulamentares.



sismet

SISTEMAS E MÉTODOS DE ORGANIZAÇÃO E INFORMÁTICA, S.A.R.L.
DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS
R. SANCHES COELHO Nº 1-9º TEL 767991-1600 LISBOA

SELECCIONA

TELEFONE

SELECCIONA PARA:

**Engenheiro Electrotécnico
FUNÇÃO TÉCNICO-COMERCIAL**

Para desenvolver actividades junto de clientes, no ramo de equipamentos telefónicos, PPC'S e PPCE'S entre outros e telecomunicações em geral

PRETENDE-SE:

- Formação superior adequada
- Bons conhecimentos de Francês e Inglês

Envie o seu «curriculum vitae» pormenorizado, indicando ref.ª 270/DL

TEMPOS DIFICEIS

texto de
ROMÉU CORREIA

encenação de
JOAQUIM BENITE

GRUPO DE
CAMPOLIDE

teatro

da academia
almadense

TEL 2762175

almada

AS SEXTAS
E SÁBADOS ÀS 21.45
AOS DOMINGOS
ÀS 18 E 21.45

Sub. SEC/CMA

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra-lhe que só deve realizar uma ultrapassagem quando tiver a certeza de que dispõe de espaço e tempo suficiente para a fazer com segurança.



**MUNICÍPIO
DE LOURES**

CÂMARA MUNICIPAL

**REGULAMENTO DO CARTAZ
96.º ANIVERSÁRIO
DO CONCELHO DE LOURES**

- 1.º — A Câmara Municipal de Loures abre concurso entre os artistas nacionais para a realização do cartaz do 96.º Aniversário do Concelho de Loures e da VI Exposição Feira Agrícola e Industrial.
- 2.º — Os trabalhos dos concorrentes deverão ser apresentados no Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Loures no formato 69 x 42 em maquete a três cores e até ao dia 25 de Junho.
- 3.º — O cartaz deverá conter obrigatoriamente escritos: 96.º Aniversário do Concelho de Loures VI Exposição Feira Agrícola e Industrial de 23 de Julho a 1 de Agosto.
- 4.º — Do cartaz deverão obrigatoriamente constar elementos que simbolizem: Indústria, Agrícola e Brasão Camarário.
- 5.º — O valor do prémio é de 25 000\$00 (vinte cinco mil escudos).
- 6.º — O Júri será constituído por: Vereador do Pelouro da Cultura; Um professor de Desenho do ensino secundário; Um arquitecto.
- 7.º — O cartaz premiado fica pertença da Câmara e será utilizado como cartaz anunciador da Feira Agrícola do corrente ano ou para qualquer outro fim considerado de interesse.
- 8.º — Os trabalhos que não forem premiados deverão ser levantados no prazo de um mês sob pena de ficarem pertença da Câmara Municipal de Loures.
- 9.º — Nenhum dos membros do Júri poderá tomar parte no concurso.
- 10.º — O Júri reserva-se o direito de não classificar os trabalhos se os mesmos não mostrarem qualidade ou não respeitarem as bases do concurso.
- 11.º — O nome do concorrente deve vir em envelope fechado e lacrado contendo por fora o pseudónimo.
- 12.º — Todos os casos omissos serão resolvidos pela Câmara Municipal e das suas deliberações não haverá recurso.

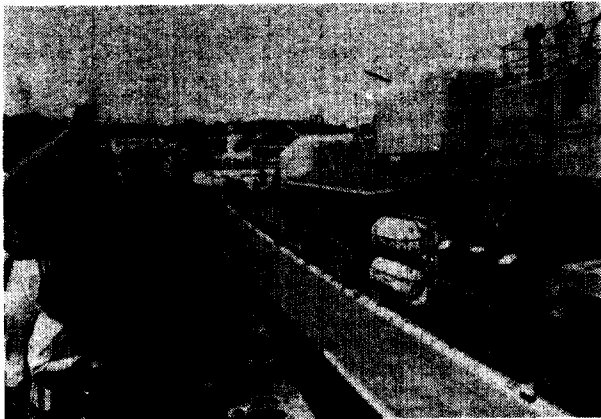
Loures, 1 de Junho de 1982

O Vereador
José Augusto Gouveia

de ontem para hoje

Estudante ferida por granada

UMA estudante (Ana Cristina Ferreira Simões, de 15 anos) ficou ontem à tarde com os dedos da mão esquerda esfacelados, ao manusear inconscientemente uma granada que se encontrava no interior de um automóvel estacionado nas proximidades da Escola Secundária de Porto de Mós. O veículo é propriedade do industrial Joaquim da Silva Cerejo, morador no Tojal, e estava a ser utilizado pelo seu filho Rui Manuel, de 19 anos, aluno do 11.º ano naquele estabelecimento. Ana Cristina, e mais duas jovens que a acompanhavam (e que ficaram ligeiramente feridas), estavam a ouvir música no rádio do carro. Interrogado pela PJ, Rui Manuel afirmou desconhecer a origem do engenho.



Duas fragatas no Brasil

Para assegurar «a tradicional presença naval junto das comunidades portuguesas no estrangeiro, e em especial por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades» segundo refere uma nota ontem divulgada pelo Estado-Maior da Armada, partiu para o Brasil uma força naval (foto), constituída pelas fragatas «Comandante Hermenegildo Capelo» e «Comandante Sacadura Cabral», a bordo das quais seguiram 37 cadetes dos 3.º e 4.º anos da Escola Naval em fase de instrução. A presença da força naval no Rio de Janeiro, Santos e Salvador, que se verifica cerca de dois meses após a deslocação ao Brasil do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, contribuirá, adianta a nota, «para dar novo impulso ao desenvolvimento dos laços de amizade e cooperação com a Marinha brasileira e o Brasil, estando previstos diversos exercícios conjuntos no percurso Rio-Santos».

Especuladores no Tribunal de Leiria

No Tribunal de Leiria foram ontem julgados, em processo sumário, Maria da Conceição Pereira Mendes da Silva e Maria do Carmo Cordeiro, ambas com banca de fruta no mercado daquela cidade. Presas em flagrante delito, a primeira é acusada de cobrar ilicitamente a um cliente 26 escudos em dois quilos e 60 gramas de maçã e a segunda

de cobrar ilicitamente à mesma cliente 391 escudos em 17 quilos também de maçã. Maria da Conceição foi condenada em 10 dias de prisão, 3000 escudos de multa, 500 escudos de imposto de Justiça e Maria do Carmo em 15 dias de prisão, quatro contos de multa e 700 escudos de imposto de Justiça. As penas ficaram suspensas por dois anos.

Trovoada mata na Guarda

Um trabalhador da EDP foi fulminado por uma faísca, em Chãos, no decorrer de uma violenta trovoada que ontem se abateu subitamente sobre a região da Guarda. Uma outra descarga incendiou uma casa, em Alverca da Beira, deixando uma família desalojada. A trovoada, que provocou várias inundações, deixou ainda inactiva durante cerca de uma hora a Rádio Alitude.

Ladrões de gado em vacaria

De uma vacaria localizada no lugar do Cerro Ventoso, nos arredores de Porto de Mós, foram roubadas, durante a madrugada de ontem, seis vacas leiteiras pertencentes aos agricultores José da Silva

Calado do Canto e Adelino Henriques Vendas. Os animais, avaliados em trezentos contos, teriam sido transportados até cerca de um quilómetro de distância da vacaria e metidos depois num camião.

Recém-nascido assassinado

Nuns terrenos anexos à Escola Secundária Infante D. Henrique, em Vila Nova de Gaia, foi ontem de manhã encontrado já sem vida um bebé do sexo feminino, cuja morte foi causada com golpes no pescoço e no peito. De acordo com a Polícia Judiciária, a criança deveria ter nascido horas antes do seu bárbaro assassinato.

Violador com pistola de alarme

O juiz de Instrução Criminal de Faro confirmou a detenção ontem efectuada pela GNR de Carlos Morgado, de 24 anos, acusado de ter violado uma senhora num descampado de

Albufeira. Carlos Morgado, que ameaçou a sua vítima com uma pistola de alarme, é ainda suspeito de ter tentado violar, dias antes, uma outra mulher no mesmo local.

Português esmagado em França

Um operário português (José Venâncio, de 35 anos) foi ontem esmagado por um grande bloco de terra em Tolosa (França) quando participava nos trabalhos de abertura de um furo de 20 metros, destinado a ensaios de terreno para a eventual implantação de uma carreira do metropolitano. O acidente ocorreu em pleno centro da cidade e José Venâncio teve morte imediata.

ensino

Dirigentes do MEU desavindos

— é urgente a sua substituição diz sindicato

A solução dos graves problemas do ensino não pode estar dependente duma equipa ministerial incompetente e, além do mais, desavinda, foi esta manhã afirmado na conferência de imprensa promovida pela Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

A assembleia geral do SPGL, recentemente realizada, pronunciou-se pela exigência da demissão dos actuais dirigentes do MEU, pelo que aquela organização sindical irá desencadear uma série de acções junto da Presidência da República e da Assembleia da República visando demonstrar as negras perspectivas para o próximo ano lectivo se outra equipa não for colocada à frente do Ministério da Educação para eficazmente resolver os problemas que afectam o ensino.

«Temos a noção que este é um momento-chave», afirmou António Teodoro, presidente da direcção do SPGL. «Aproximam-se os exames, há que preparar um novo ano lectivo. Uma equipa ministerial completamente bloqueada porque desavinda, não pode de modo algum resolver os problemas que se deparam às escolas.»

Algumas provas do desentendimento do ministro Vítor Crespo e a sua equipa têm vindo a público. Entre essas provas avultam a demissão de Tavares

Emídio das funções de secretário-geral do Ministério da Educação e das Universidades e as desinteligências do ministro com o secretário de Estado da Administração Escolar, Alexandre Borrego. Entretanto, alguns rumores têm corrido sobre directores-gerais que não vão a despacho, que não se reúnem entre outros casos. Mas a prova irrefutável de que a actual equipa de dirigentes do Ministério da Educação, além de incompetente, é inoperante porque não se entende, foi dada pelo próprio ministro Vítor Crespo através do despacho 29-I/M/82, datado da passada segunda-feira.

Nesse despacho o ministro solicita ao secretário de Estado da Administração Escolar, Alexandre Borrego, que o informe sobre se mandou proceder «a qualquer inquérito ou procedimento disciplinar relativo a presumíveis actos de indisciplina e/ou acções de boicote por parte do senhor director-geral de pessoal», qual o documento, informação ou outro meio utilizado para dar conhecimento ao ministro dos presumíveis actos de indisciplina e/ou acções de boicote do senhor director-geral de pessoal e quais as acções propostas». Pede ainda o ministro ao secretário de Estado da Administração Escolar que o informe sobre se: «se for exacto que não despacha com a Direcção-Geral de Pessoal há

cerca de dois meses, quais as repercussões desse eventual facto na gestão do pessoal das escolas e na execução do orçamento do Ministério da Educação e das Universidades.»

O despacho é posterior a uma notícia publicada no semanário «Expresso», no passado dia 29 intitulada «Vítor Crespo não se demite nem é autorizado a demitir Alexandre Borrego».

Nessa notícia se reproduzia a informação veiculada por uma fonte próxima do Ministério de que as divergências entre os membros da equipa directiva do MEU são de tal ordem que «o secretário de Estado, Alexandre Borrego, não recebe para despacho há mais de dois meses o director-geral de pessoal, Manuel Correia Cassio, considerado o homem de confiança do ministro». Dizia-se também na notícia que Alexandre Borrego é o quinto secretário de Estado que entra em conflito com Vítor Crespo, e que o Ministério da Educação e das Universidades «não está neste momento em condições de planificar a distribuição da ocupação escolar para o próximo ano lectivo».

Acrescentava-se que Balsemão, como já é sabido, não fará remodelações ministeriais antes de concluída a revisão constitucional.

«Como pode actuar um Ministério da Educação cujos responsáveis não se entendem?» Per-

guntavam os dirigentes sindicais, esta manhã. Na conferência de imprensa foi feito também um balanço do ano lectivo que hoje chegou ao fim para o ensino secundário e que terminará no final deste mês para os ensinos preparatório e primário.

«Foi um mau ano lectivo» afirmou a vice-presidente do SPGL, Graça Fernandes. «Um ano em que ninguém pode dizer que negociou com o Ministério da Educação. Só merce da luta desenvolvida pelo nosso sindicato e o dos Professores da Zona Sul, conseguimos obter soluções para questões pontuais.»

Incompetência e inoperância e, por outro lado, prepotência e medidas ilegais caracterizaram a actuação da equipa dirigente do MEU ao longo deste ano lectivo. De entre os problemas graves não resolvidos e que tudo indica se irão agravar no próximo ano contam-se a sobrelotação das escolas, profissionalização em exercício (para o próximo ano lectivo menos de metade dos professores, em relação ao ano passado, se candidatarão à profissionalização), ataque à gestão democrática das escolas, problemas do ensino especial e tentativa de remodelação dos cursos e currículos dos 10.º e 11.º anos. «Estes homens não nos servem. É preciso ter em conta que se está a hipotecar o futuro do País.»

Estudantes apresentarão «cadastro do 12.º ano»

Decorre no próximo sábado, às 15 horas, no anfiteatro 1 da Faculdade de Direito de Lisboa, a Conferência dos Estudantes do 12.º ano.

A iniciativa tem como objectivo alertar, no final do ano lectivo, a opinião pública, e a população escolar, para a necessidade de terminar com o 12.º ano de escolaridade e pôr em prática uma nova política educativa com

base em critérios justos e não selectivos de acesso à Universidade, como ontem afirmaram os seus promotores, em conferência de imprensa, na Escola Secundária da Cidade Universitária.

A Conferência é promovida pelo Secretariado Associativo do 12.º ano, que engloba as associações de estudantes das escolas da Cidade Universitária, Chelas e Algés-Belém, as associa-

ções de trabalhadores-estudantes das escolas da Cidade Universitária e Algés-Belém e a comissão de trabalhadores-estudantes da escola secundária de Chelas, bem como estudantes do 12.º ano da escola Padre António Vieira.

Na conferência será apresentado um «Cadastro do 12.º ano», em que os estudantes relatam os aspectos mais caricatos e ab-

surdos registados ao longo do ano lectivo prestes a terminar.

A conferência é aberta a todos os estudantes do décimo segundo ano e foram convidados para estarem presentes aos trabalhos o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, organismos da juventude dos principais partidos e o Movimento Católico de Estudantes. Estarão também presentes estudantes do 12.º ano doutros pontos do país.

Vaca tresmalhada provoca morte e destruição em Queluz

Um morto e sete feridos, embora sem gravidade, marcaram tragicamente, cerca das 23 horas de ontem, em Queluz, o itinerário de uma vaca brava fugida, em circunstâncias ainda não esclarecidas, de uma ganadaria situada em Idanha, na estrada que faz a ligação com Belas. A vítima mortal (Luís de Jesus Ramos, de 29 anos, pai de três filhos menores, que residia na Rua Gil Eanes, n.º 7, 4.º esq., em Massamá) foi colhida à saída do Clube 1.º de Maio, na Rua Diogo Cão, tendo chegado já sem vida ao Hospital de S. José, com a cabeça esmagada. Quanto ao animal, foi abatido a tiros de pistola, junto à passa-

gem de nível da estação ferroviária local, por um agente da PSP, no momento em que arrastava nos cornos um jovem não identificado, o qual ao sentir-se a salvo fugiu para não mais ser visto. No seu percurso devastador pela Avenida Miguel Bombarda, a vaca, acossada e por isso mesmo mais embravecida, destruiu vários carros, entrou no Café Capri, onde feriu quatro clientes e provocou danos consideráveis.

«Foi um autêntico inferno, com as pessoas em pânico a solicitarem a nossa intervenção, havendo mesmo quem falasse não numa vaca mas em dez ou vinte bois», recordou ao «DL» um porta-voz da esquadra da PSP

de Queluz, de onde ainda chegou a sair uma força devidamente armada de «G-3» para enfrentar um «inimigo» bem mais numeroso. Aliás, esta manhã nos transportes públicos e nos «catés» o assunto era o tema de quase todas as conversas, havendo quem referisse a intervenção não só da PSP como dos militares nos acontecimentos.

Em contacto com o Hospital de S. José, para onde todos os feridos foram encaminhados, fomos informados de que já não havia ninguém internado, sendo a lista dos que receberam tratamento a seguinte: Augusto Rufino Rocha, de 47 anos; Fernando Jesus Ferreira, de 59; Maria Helena Sil-

veira dos Santos, de 36 anos, e os seus dois filhos Rui Alexandre, de 13, e Sandra, de sete, Branca de Oliveira Cardoso, de 36, e José Alfredo da Silva, de 21.

O acidente de ontem em Queluz traz à memória o registado em Junho de 1972 quando um touro tresmalhado, durante uma largada na Calçada de Carriche, em Lisboa, por iniciativa da Comissão de festas da CML, matou uma senhora (Maria Laurinda Magalhães Passos, de 35 anos, casada). Provando de forma trágica que se mudaram os tempos, não mudou, em certa medida, a vontade de não se repetirem os erros (ou imprevidências) passados.

Onze toneladas por hectare

A batata que temos, a batata que queremos

A «Unicentro» — União das Cooperativas do Centro promove amanhã, em Aveiro, um colóquio/debate sobre a produção da batata visando sensibilizar os produtores, técnicos e cooperativas para a importância socioeconómica que esta cultura assume no contexto regional.

A União de Cooperativas Agrícolas do Centro, que tem sede em Coimbra, tem manifestado preocupação após a possibilidade das organizações da lavoura poderem importar batata-semente para os agricultores associados (campanha de

1979/80), em acompanhar a produção da batata na sua área social de forma a que a sua produtividade passe por um aumento considerável, tendo em conta que entre nós se produzem em média onze toneladas por hectare.

Nesse sentido, a «Unicentro» vem desenvolvendo apreciável trabalho na instalação de campos de experimentação, de novas variedades de batata para o estudo comparativo, quer em produção quer em adaptação às condições de clima e de solo com qualidade tradicionalmente utilizadas pelos agricultores.

Este ano, culminando três anos de trabalho, numa altura em que já foram ensaiadas diversas variedades em doze campos experimentais da Beira Litoral, a «Unicentro» decidiu convidar para este colóquio/debate de sexta-feira, na Junta Distrital de Aveiro (no n.º 20 da Rua do Carmo), centro de uma das maiores regiões produtoras de batata, especialistas que debaterão a problemática do tubérculo em três aspectos: importância económica e social da sua cultura, novas variedades da batata de semente perspectivas fu-

turas da sua utilização e campos de ensaio instalados na Beira Litoral. Estes temas serão desenvolvidos por Carlos Portas, R. Salaun e Fernando da Silva e Carlos Souto, respectivamente.

O colóquio será presidido pelo secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Bento Gonçalves, que aproveitará esta sua deslocação a Aveiro para visitar diversas organizações cooperativas regionais. O subsecretário de Estado da Agricultura, Sá Meneses, participará nos trabalhos substituindo Bento Gonçalves na presidência durante a sua ausência.

Caldas da Rainha: as artes e as letras sem futuro?

A Casa da Cultura, o saco azul e os "castigos" do Poder

Firme e erecta, a bela escultura de José Aurélio olha-nos através dos olhos. Está só, num imenso espaço que muitas crianças já animaram, depois que ali encontrou residência. Em redor, uma macia luz natural é coada pelos vitrais e tecto transparente. Nas paredes e nas portas, os sinais indeléveis de um outro tempo, carinhosamente preservados, nas madeiras, nos candeeiros, nos azulejos. Antes que o leitor se impaciente: estamos na Sala de Vidro, espaço inicial das excelentes instalações da Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

Ninguém diria, hoje, que as ruínas e a decrepitude traçaram lei neste lugar de Artes, Letras e Cultura. E que só o engenho e a sabedoria de homens permitiram erguer do nada, o que constitui na hora actual um motivo de orgulho para os caldenses.

Mesmo se é certo, como o animador Neves Pedro nos referiu, que muitas e desencontradas são as opiniões acerca do trabalho que ali se desenvolve. Mesmo que as dificuldades sejam grandes. Mesmo que as acções culturais se debatam presentemente com a mão estranguladora das instâncias oficiais. Mesmo que...

Já vamos ao passado, à história de uma obra. O mais importante a dizer, prende-se, como já deixámos entrever, com os problemas da hora que passa.

«As verbas constantes do subsídio para acção cultural são manifestamente insuficientes. O montante relativo a 1981, por exemplo, só chegou em Novembro do ano passado. Resultado: uma boa parte destinou-se a pagar juros à banca, a quem nos vimos obrigados a recorrer, para poder continuar a trabalhar», esclarece Neves Pedro.

Para o ano em curso, o subsídio regista uma quebra:

«Em vez de subir, para acompanhar a inflação, ainda é mais baixo, uma descida na ordem dos 1250 contos...»

Como continuar?, é a questão que se coloca.

A resposta, essa, ninguém nas Caldas a pode dar. Ficam os factos: bailado, exposições, música, fotografia e cerâmica, estágios, apoio às colectividades da região, centro de documentação, tudo pode parar de um momento para o outro.

E o que vai ser dos que dependem, em termos de estrita sobrevivência material, da Casa da Cultura?

Política e cultura: que relação?

Sabe-se que a situação é mais geral. Não está apenas em causa o futuro desta instituição, mas um projecto mais amplo, que envolve outras associações

precedentes em quantidade suficiente, para recriar o pior: fala-se insistentemente na existência de um «saco azul», para premiar a fidelidade política e «castigar» a insubmissão.

Pode-se ainda colocar a questão de outro modo. Pode existir acção cultural independente das instâncias do Poder?

compromissos não se podem afastar. E, com eles, uma dependência potencial.

Dependência: ninguém saberia apoiar financeiramente iniciativas culturais, sem olhar aos caminhos adoptados. Uma enraizada interferência do administrativo e do político na esfera própria do cultural gera, mais cedo ou mais tarde, delicadas situações como a que se coloca hoje à Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

O espaço de manobra independente, é dramaticamente reduzido. Talvez seja impensável outro panorama, acrescente-se. Mas, mais do que nunca, esta parece a hora certa para levantar estas questões, que não deixariam de colocar-se, se outro fosse o Governo.

Investimentos avultados

A Casa da Cultura das Caldas da Rainha existe desde 8 de Outubro de 1979, como cooperativa de animação e produção cultural, com sede nas instalações do antigo «Casino do Parque», cedidas gratuitamente por um período renovável de dez anos.

A escritura de constituição lavrada nessa data culminar um trabalho, desenvolvido sobretudo após o 25 de Abril, de fomento de um movimento associativo que animasse culturalmente as colectividades e associações caldenses.

Problema primeiro: as instalações.

A posse do edifício, atrás referido, pertencente ao Centro Hospitalar das Caldas é dada, a título precário, pela comissão instaladora daquele centro, em Fevereiro de 1975.

Só três anos depois, se iniciaram as obras de restauro que obrigariam a Casa da Cultura, a interromper grande parte das suas actividades durante o período de 1978-79.

Recuperação geral do telhado, cobertura da sala de espectáculos e do espaço para exposições (Sala de Vidro), recuperação do tecto artístico do salão central, substituição integral da canalização e da instalação eléctrica, sala de bailado com vestiários e sanitários, e sala para aulas de música.

A construção de um novo auditório compalco e plateia, permitindo a realização de concertos, teatro e sessões de cinema, é o derradeiro passo da total renovação do edifício.

Grças a este avultado inves-



A exposição comemorativa do centenário do nascimento de Picasso constitui um dos momentos altos da actividade, no ano que passou



Iniciação musical é uma das actividades da Casa da Cultura

empenhadas na descentralização cultural.

Este é um ano de eleições. Mais do que em qualquer outra altura, a coerência e a independência de princípios, têm um preço que nem todos podem pagar.

A verdade do Poder não é a verdade da Casa da Cultura das Caldas da Rainha. E depois?

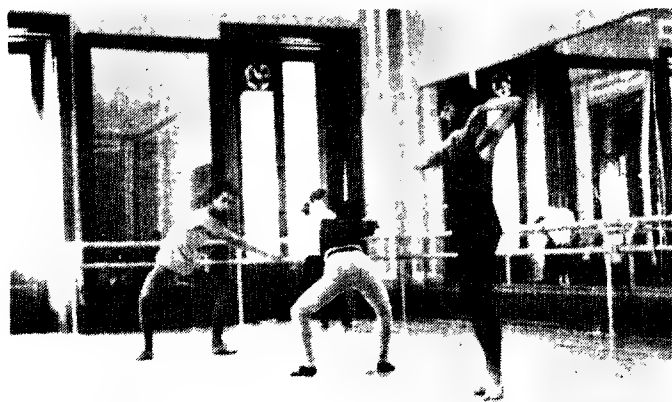
Será isso o que verdadeiramente importa? Ou, pelo contrário, a qualidade e perenidade de um trabalho produzido?

Se assim fosse, nada havia a recear ou temer. Infelizmente, há

A necessidade de subsídios parece um dado adquirido. É esta realidade que se constata, lendo um balanço dos cinco primeiros anos de actividade da Casa da Cultura:

«A partir de Maio desse ano (1976), a Casa da Cultura começa a receber mensalmente um subsídio de manutenção e subsídios eventuais para a acção cultural, apoios sem os quais não era possível consolidar a Casa da Cultura».

Aceite essa lógica — e não sabemos se, nas actuais condições, é possível outra via — os



Bailado nas Caldas da Rainha: as condições são excelentes

timento, a Casa da Cultura, tem podido desenvolver uma intensa actividade em vários domínios.

Não atingimos êxitos

O curso de iniciação ao bailado funciona desde 1976, com uma média de frequência anual de 150-200 alunos. O grupo de bailado (amador) nascido em 1977 e tendo montado até hoje 16 espectáculos, encontra-se desactivado por falta de homens-bailarinos.

A prossecução da actividade cinematográfica está dependente da conclusão das obras a que nos referimos acima. Isso não impediu a realização de sessões de cinema de qualidade e um trabalho de apoio às colectividades e escolas, durante muito tempo.

Uma constante da actividade de divulgação, têm sido a realização de exposições de cerâmica, gravura, serigrafia, pintura, escultura, fotografia, iconográficas e documentais. É assim que passamos pelas Caldas a exposição comemorativa do 75.º aniversário de Fernando Lopes Graça e uma outra comemorativa do I centenário do nascimento de Picasso, no último trimestre do ano passado, entre outras iniciativas.

Desde 1976, que se realizam regularmente cursos de iniciação musical, culminando em 1979 com a formação do Grupo Coral da Casa da Cultura, que tivemos oportunidade de ouvir numa sessão inserida no programa de animação termal do Centro Hospitalar.

No domínio da fotografia, foram efectuados vários cursos de iniciação, existindo um laboratório de apoio à actividade cultural da Casa.

Projecta-se presentemente a organização de um centro de documentação (livros, revistas, recortes, diapositivos, fotografias, filmes, discos, cassetes), destinado a servir toda a população em especial os estudantes.

«Passados estes anos, não consideramos ainda que qualquer facto ou acto relacionado com a vivência da Casa da Cultura tenha atingido em termos culturais, aquilo que se designa por êxito», concluem os responsáveis daquela cooperativa.

Mas existe um trabalho duradouro e importante, sem dúvida. Terá o nosso país uma vivência cultural tão diversificada, que deixemos perder este esforço?

Carlos Pessoa

Serviços Municipalizados

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELÉCTRICO DOS P.T.S. N.ºS. 691, 692 E 693 NOS BAIRROS DAS MAROITAS E CACHOEIRAS, FREGUESIA DE S. JOÃO DA TALHA

Faz-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de sete de Abril do ano em curso se encontra aberto concurso, pelo prazo de vinte dias a contar do primeiro dia útil seguinte ao da publicação deste edital no Diário da República, para arrematação da empreitada designada em epígrafe, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes nestes Serviços Municipalizados todos os dias úteis, durante as horas de expediente. Preço base Esc. 4 139 030\$00.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações ou outra instituição prevista por lei é de Esc. 103 475\$80 e o definitivo é de cinco por cento sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes devem estar inscritos como empreiteiros de obras públicas nas 2.ª e 3.ª subcategorias da VI categoria e da classe que cubra o valor da sua proposta ou superior, provando-se a titularidade do alvará pela indicação na proposta, do respectivo número, categoria ou subcategoria e classe e pela sua exibição sempre que exigida.

A abertura das propostas, realizar-se-á às 15 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio, numa das salas do edifício sede destes Serviços Municipalizados e perante a comissão para esse fim nomeada.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 18 de Maio de 1982
O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

“Gazeta das Caldas” outra dimensão da Imprensa regional

No desolador panorama da imprensa regional do nosso país, o «Gazeta das Caldas» constitui um caso à parte.

Com uma tiragem média mensal de 2000 exemplares, e vendas praticamente asseguradas por um sistema de assinaturas, edita mensalmente um suplemento dedicado às questões do Ambiente (Pela Vida), com uma tiragem suplementar de 500 exemplares.

Adoptando uma política editorial de abertura a todas as correntes de opinião, «mas de conteúdo progressivo», como nos sublinhou o seu actual director, José Luis de Almeida e Silva, o «Gazeta» conquistou o respeito da cidade e garantiu uma atitude de não-hostilidade

por parte das diversas áreas ideológicas com expressão na região.

«Não estamos fechados aos partidos e correntes de opinião, dando cobertura ao que se faz nas Caldas, independentemente de quem o faz», consideraria ainda Almeida e Silva.

Esta política editorial garantiu ainda ao jornal um certo desafio financeiro, que constitui a condição essencial de independência informativa.

Impresso desde há cerca de um ano em «off-set», o semanário encara a possibilidade de adquirir meios próprios de fotocomposição, que lhe permitiria dar um passo em frente na conquista de uma maior qualidade técnica.

A partir dos anos 75-76, a equipa que faz o jornal, organizada em cooperativa, começou a dar uma maior atenção à questão nuclear, recolhendo informações, desenvolvendo contactos com grupos ecologistas e reunindo as pessoas que estavam sensibilizadas para o problema.

A hipótese de construção da primeira central nuclear na zona de Ferrel, marcou uma dimensão nova do trabalho do colectivo, que organizou em 1977 o Festival da Primavera, contra o Nuclear e pela Vida.

A ideia do suplemento de Ecologia surgiu na sequência dessa iniciativa, para dar resposta à afluência de materiais informativos:

No MACP

Apoio às cooperativas de pesca desaparece sem deixar r

«Este Governo dá cabo de tudo. Até os serviços oficiais que fazem qualquer coisa de jeito levam sumiço», diziam-nos há dias alguns pescadores de Sesimbra com quem ocasionalmente entabulámos conversa. Segundo nos contaram, a Divisão de Apoio às Cooperativas de Pesca, que entre 1975 e 1979 esteve na origem da criação de algumas dezenas de prósperas sociedades cooperativas, desapareceu sem deixar rasto. Isto significaria que os interessados em recorrer aos seus serviços, caso dos nossos interlocutores, nem sequer conseguiriam localizar o seu actual paradeiro.

Conforme pudemos verificar, esse organismo que depende da Direcção-Geral da Administração das Pescas, do Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas, deixou de funcionar no local onde sempre esteve instalado e deixou de pertencer ao MACP. Informações que nos foram prestadas pela Secretaria de Estado das Pescas indicam todavia que ele não foi extinto, mas que passou para a dependência Instituto António Sérgio para o Sector Cooperativo, que funciona no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros.

Apesar de várias tentativas efectuadas junto dessa entidade não conseguimos contactar a referida Divisão, tendo-nos sido apenas confirmada que «trabalham aqui algumas pessoas vindas da Administração das Pescas».

Entretanto, contactadas diversas cooperativas constituídas graças à actividade daquele serviço do ex-MAP, viemos a apurar o seguinte:

O organismo em causa não foi de facto extinto mas deixou de existir na prática desde o Verão de 1980, durante a vigência do primeiro Governo AD.

Os seus funcionários (que chegaram a ser doze técnicos auxiliares e superiores) foram recentemente destacados para o Instituto António Sérgio, onde desempenham funções que nada têm a ver com a divisão a que organicamente continuam a pertencer.

Determinação superior!

Conforme nos foi afirmado, desde 1980 que a sua acção foi paralisada por determinação superior com o argumento de que a política governamental para o sector cooperativo das pescas carecia de definição. Desde então, não só lhe foi retirada qualquer possibilidade de acção dinamizadora no terreno (nas regiões piscatórias), como lhe foram cortadas todas as verbas para ajuda extraordinária às cooperativas existentes ou a constituir.

Durante os dois últimos anos, os funcionários colocados naquele departamento passam o seu tempo a jogar à batalha naval ou a fazer palavras cruzadas em obediência às directrizes

ministeriais de nada fazerem.

Mas pior que tudo isto, e de certo modo na origem dessa situação, acontece que o Plano Anual de Investimentos elaborado pela Direcção-Geral de Desenvolvimento e Coordenação das Pescas deixou de incluir, a partir de 1980, qualquer verba para o financiamento das cooperativas.

Nesse ano foi ainda financiada a construção de algumas embarcações destinadas a cooperativas, mas tratava-se tão só da conclusão de projectos iniciados em 1979.

Depois... nada!

A concessão de subsídios não reembolsáveis que atingiam os 20 a 25 por cento do custo total das novas embarcações destinadas às cooperativas deixou portanto de figurar no Plano de Investimentos.

Privados continuam a receber

Enquanto isto, e justificando perfeitamente a ideia generalizada no sector cooperativo das pescas de que esta política visa deliberadamente a sua asfixia, os planos de investimentos daquela Direcção-Geral continuam a contemplar a atribuição de vultuosas quantias às empresas privadas de pesca. Assim, continuaram a ser normalmente inscritas nos planos para 1981 e 1982 as verbas necessárias à concessão de subsídios também não reembolsáveis aos armado-

res privados que rondam os 20 por cento do custo final de cada nova embarcação.

Asfixia deliberada

O desinteresse oficial pelas cooperativas de pesca e a política deliberada de as asfixiar manifesta-se todavia noutros aspectos, nomeadamente no facto de não lhes ser feita qualquer referência no texto do projecto do Plano Nacional de Pescas divulgado no princípio deste ano.

A desactivação da Divisão de Apoio a que temos vindo a aludir, para lá de impossibilitar totalmente o lançamento de novas sociedades cooperativas, tem trazido e continua a trazer numerosos problemas àquelas cuja criação fomentou. Trata-se de um sector novo, surgido com o 25 de Abril, que pelas suas características exige uma assistência quase quotidiana.

Os cooperantes são homens que passam grande parte do seu tempo no mar e que carecem de fortes apoios em aspectos de organização e de gestão que só com o tempo e com a estruturação das diferentes unidades em associações de cooperativas podem ser dispensados.

Nalguns casos isso já acontece, designadamente em Peniche, uma vez que o êxito obtido e a concentração na mesma região de várias sociedades permitiu a criação de estruturas de apoio próprias.

Noutros casos, o isolamento

geográfico e a falta de experiência de gestão dos membros das cooperativas exige o referido acompanhamento permanente por entidades do tipo da Divisão de Apoio, sem o qual elas correm o risco de soçobrar perante os desincentivos oficiais e as dificuldades conjunturais.

Um exemplo pretinente da necessidade desse apoio para o eficaz funcionamento das cooperativas existentes consiste na actual exigência legal de adaptar os seus estatutos ao novo código cooperativo. A paralisação total da Divisão desde há cerca de dois anos faz com que as cooperativas mais débeis se vejam a braços com dificuldades deste tipo que só não parecem graves se se ignorar que muitas vezes uma cooperativa de pesca se resume a uma embarcação e respectiva tripulação.

O significado da extinção, na prática, da Divisão de Apoio só se pode porém avaliar tendo em conta o trabalho por ela desenvolvido até à sua paralisação. Apenas entre 1975 e 1978 foram constituídas com a sua ajuda cinquenta e seis cooperativas, cada uma delas dotada de uma nova embarcação.

Fomento cooperativo?

Esta ajuda ia desde a dinamização dos grupos de pescadores que mais tarde viriam a ser cooperadores, até ao seu acompanhamento em todas as fases de

lançamento da cooperativa. A procura de financiamento para a aquisição do barco e do restante equipamento era outro dos aspectos em que os técnicos da divisão apoiavam as cooperativas nascentes.

Era deles que partiam as propostas que mais tarde levariam à concessão do subsídio dos 25 por cento do custo dos barcos com as verbas do Plano de Investimentos da Direcção de Desenvolvimento das pescas. A este título foram entregues cerca de 105 mil contos não reembolsáveis às cooperativas criadas entre 1975 e 1979. Por eles passavam igualmente os processos relativos aos pedidos de empréstimo à banca comercial para financiamento da parte restante.

Será com medidas como a pa-

Julgamento de Cha adiado mais ui

O julgamento de António Champallimaud e de Carlos Eugénio Correia da Silva num importante processo que lhes foi movido pela Cimpor e que ontem se deveria iniciar, foi mais uma vez adiado. Trata-se do quarto adiamento consecutivo de um julgamento em que os réus são acusados pelos Cimentos de Leiria (Cimpor), de terem lesado esta empresa pública em mais de 300 mil contos.

Em causa está fundamentalmente a data (antes ou depois da nacionalização dos Cimentos de Leiria em 11 de Maio de 75), em que teria sido efectuada uma troca de um lote de acções de uma empresa brasileira no valor de 340 mil contos, por uma quota na sociedade Sommer e Companhia.

O adiamento de ontem ficou a dever-se ao facto de o dr. Celestino Santos, advogado da Cimpor, não ter prescindido do prazo legal para se pronunciar sobre um conjunto de novos documentos cuja junção ao processo foi pedida pelo patrono dos réus.

Delegação regre

Discutidas em as relações co com a UI

Regressa hoje a Lisboa ao fim da tarde, a delegação portuguesa que tem estado em Moscovo, desde o dia 31 de Maio, a negociar com as autoridades do comércio externo soviético o aumento das trocas entre o nosso País e a URSS.

A delegação chefiada pelo secretário de Estado da Exportação, Faria de Oliveira, teve como primeiro objectivo no quadro da reunião da Comissão Mista, o incremento das vendas portuguesas à União Soviética, como contrapartida especialmente para a compra de petróleo. A delegação soviética que aceita em princípio o objectivo do equilíbrio da balança comercial entre os dois países, pretende, no entanto, que o petróleo seja excluído dessas tentativas para

Aumento dos juro ao crédito à h

O aumento das taxas de juros recentemente anunciado pelo Ministério das Finanças não se repercutirá nas amortizações dos créditos concedidos pelas instituições bancárias para aquisição de habitação própria. Ao contrário do que chegou a ser noticiado, o aumento da taxa de juro relativa àqueles créditos

ralisação da Div...
tivas...
preten...
vismo...
proble...
cas...
Ou...
que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

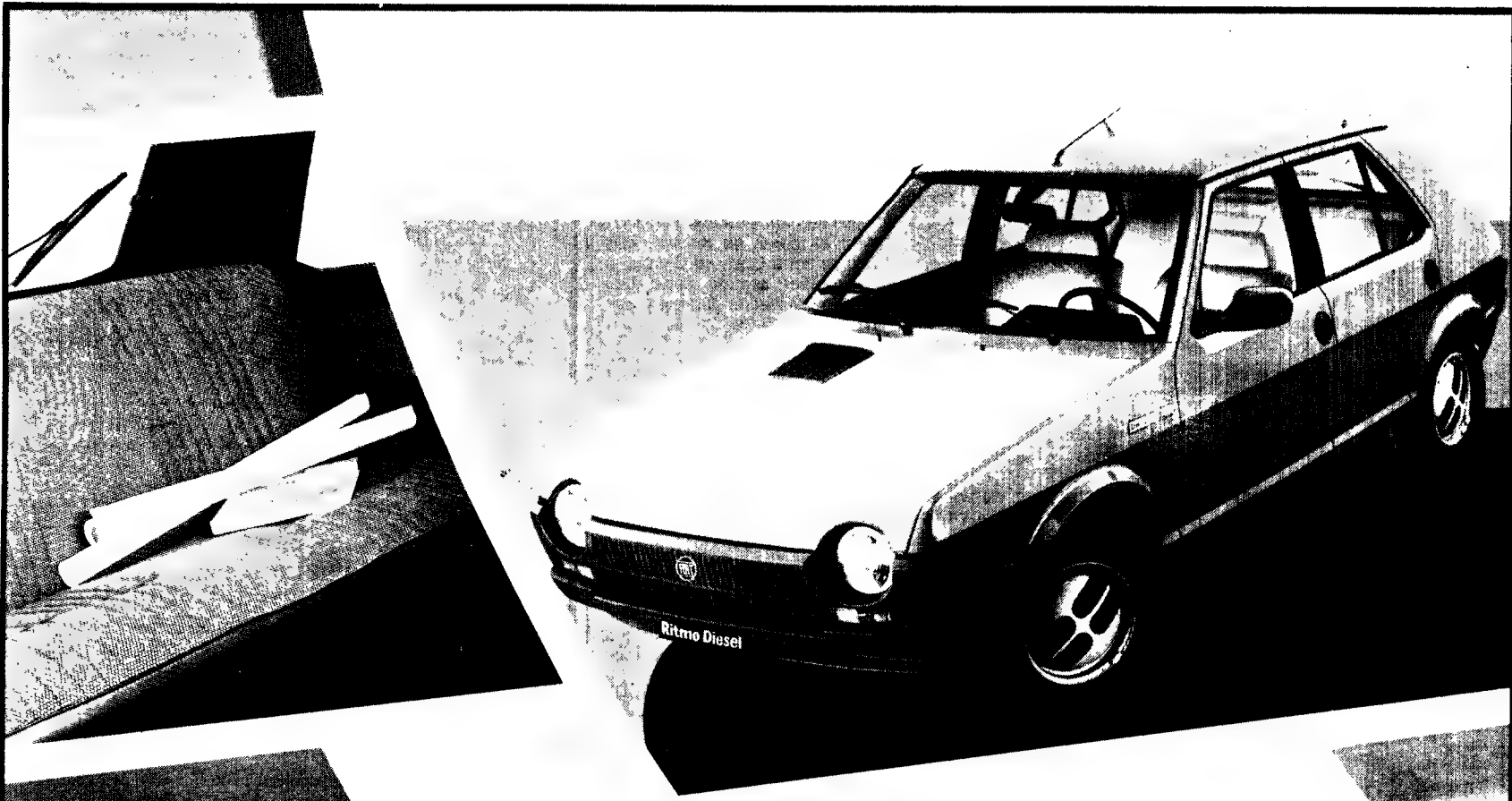
que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...

que o...
tém at...
cretári...
supar...
correk...
Mui...
sar n...
ment...
ment...
tareme...



Fiat Ritmo Diesel

Fiat, meu carro

Meu confortável Ritmo que me dá o prazer de conduzir no meu ritmo próprio.
O teu novo e silencioso coração — o teu motor a Diesel — dá-me economia e segurança.
E as tuas 5 velocidades completam a harmonia do teu ritmo.

o novo irmão dos Ritmo

FIAT tradição... sempre renovada

r rasto

realização de organismos do tipo da Divisão de Apoio às Cooperativas de Pesca que o Governo pretende fomentar o cooperativismo e fazer face aos graves problemas que atingem as pescas portuguesas?

Ou considerará o executivo que o fomento cooperativista obtém através da nomeação de secretários de Estado que se preocupam fundamentalmente com a sua "proteção pessoal e dos seus correligionários políticos.

Muitas coisas se estão a passar no que respeita ao funcionamento das estruturas governamentais de apoio e de financiamento do sector cooperativo. Voltaremos ao assunto.

José António Cerejo

Champallimaud é uma vez

Ao contrário da sessão de 21 de Abril que também foi adiada por um motivo idêntico, a defesa de Champallimaud não foi ontem assegurada pelo presidente da RTP, Proença de Carvalho. No seu lugar, que inicialmente estava destinada ao dr. Eduardo Figueiredo mas que se afastou por motivos de razões de saúde, estava desta vez um outro causídico.

A próxima sessão foi marcada para 11 de Outubro, tendo o juiz presidente insistido na necessidade de que o julgamento se iniciasse de facto nessa data, estando prevista para essa data a audição de cinco testemunhas entre as quais o eng. João Cravinho e o dr. Morais Leitão, à data dos acontecimentos, respectivamente ministro da Indústria e presidente do Conselho Fiscal da Cimpor.

Francisco Sousa Tavares e Bernardo Mendes de Almeida (Conde de Caria), testemunhas dos réus, voltaram a faltar à convocação do tribunal.

regressa hoje

em Moscovo comerciais URSS

equiparar as exportações portuguesas para a URSS às exportações soviéticas para Portugal.

Entre 1977 e 1981 as exportações portuguesas para a União Soviética duplicaram, mas as importações de petróleo soviético que duplicaram entre 1980 e 1981 agravou consideravelmente a balança comercial para o nosso país. Portugal importa também algodão em rama, peixe fresco e congelado e desperdícios e sucata de ferro ou aço.

Por seu turno, a União Soviética importa de Portugal concentrado de tomate (o principal produto), calçado, vinho do Porto, tecidos, caixas, sacos, e cartuchos de cartolina ou papel e conservas de peixe. Entre 1980 e 1981 as exportações aumentaram cerca de 700 mil contos.

juros não toca à habitação

não será suportada pelos mutuários, mas sim, e em partes iguais, pelo Banco de Portugal e pelo Estado. A decisão coube ao secretário de Estado do Tesouro e consta de um despacho que esclarece igualmente que os novos juros também não se aplicarão aos empréstimos a conceder futuramente.

Revisão da legislação laboral em questão

O quadro da legalidade democrática não serve ao patronato e ao Governo

A revisão da legislação de trabalho é, de há muito, pretendida pelo grande patronato e constitui uma das peças fundamentais da sua estratégia de impedir o desenvolvimento da luta através da repressão, dos despedimentos e da destruição da organização dos trabalhadores.

O modelo económico e social que o patronato pretende ver aplicado no nosso país não permite o desenvolvimento e o progresso, visando, apenas, satisfazer a ganância desmedida sem olhar a meios.

Mas a vida tem demonstrado que o que conta fundamentalmente não são os objectivos do patronato, da reacção e do seu governo.

Os trabalhadores através da sua luta, têm conseguido travar, no essencial, a concretização de tais objectivos.

O 25 de Abril e a luta dos trabalhadores a ele subsequente impôs alterações revolucionárias sem paralelo, que a Constituição da República veio a consagrar.

A Reforma Agrária, as Nacionalizações, o Controlo de Gestão são conquistas no campo económico que alteraram profundamente o panorama da sociedade portuguesa.

Os direitos de expressão, reunião, manifestação e a liberdade de organização sindical e política têm permitido defender as grandes conquistas revolucionárias, pois os trabalhadores têm sabido utilizá-las em cada momento e em cada situação que o exija.

Por isso o direito à greve, tal como outros direitos fundamentais, tem sido contestado pelo patronato explorador, pela AD e pelo seu governo.

O apontar no horizonte a migração da adesão à CEE, também tem servido de pretexto para destruir as grandes conquistas da Revolução, para os acordos em torno da revisão da Constituição que não visam mais do que facilitar a destruição dessas mesmas conquistas e do Regime Democrático que ela consagra, alterar num sentido desfavorável aos trabalhadores e à luta que estes permanentemente têm mantido, toda a legislação de trabalho, actualmente em vigor.

O quadro da legalidade democrática não serve ao patronato, à AD e ao seu governo, serve perfeitamente ao desenvolvimento da luta dos trabalhadores. Por isso a reacção o atropela e os trabalhadores tudo fazem para o defender.

Se mais não houvesse o teor da Conferência de Imprensa dada pelo presidente da CIP em 30/3/82 e das declarações posteriores de Pinto Balsemão e de outros homens de mão do Governo da AD, ao prometerem mais uma vez ao patronato que após a revisão Constitucional procurarão dar corpo a todas as suas reivindicações em matéria de revisão da legislação laboral, bastaria para que a luta dos trabalhadores, contra esta política e este Governo, se continuasse a desenvolver e a aprofundar.

Por isso fica clara a justeza das reivindicações e decisões

do MSU que referem expressamente:

1. A revisão da Constituição nos termos em que os acordos PS/AD a definem só serve os objectivos da reacção e do patronato e contraria os direitos, interesses e garantias dos trabalhadores e do nosso Povo.
2. Se a AD conseguisse levar por diante esta revisão conquistaria muitas das posições que perdeu nas eleições de 7 de Dezembro, estaria em melhores condições para continuar a sua ofensiva de destruição das grandes conquistas da Revolução nascidas com o 25 de Abril, e estaria em perigo o próprio Regime Democrático.
3. Após essa revisão a AD teria ao seu dispor todos os mecanismos que lhe permitiriam alterar a legislação de trabalho no sentido desfavorável aos trabalhadores e favorável ao grande patronato.

Por tudo isto, a luta dos trabalhadores vai continuar e na situação actual o movimento popular de massas em cada momento não deixará de dar a resposta mais adequada até que derrote o plano subversivo da reacção congregada na AD e imponha a viragem que a situação exige.

Virgílio Oliveira
(Dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica de Lisboa)

À medida que a AD se afunda o patronato acelera a repressão

— afirma o DORL do PCP

«A luta é o caminho para melhorar as condições de vida, para que a AD seja afastada do poder» — sublinha um documento emitido pela DORL do PCP, após uma reunião em que foi analisada a situação política e social do distrito de Lisboa.

O comunicado diz que «após o êxito que constituiu a greve geral do passado dia 11 de Maio, numerosas lutas de trabalhadores estão em curso». E salienta as vitórias alcançadas, nomeadamente na revisão de tabelas salariais e outras regalias importantes, em empresas como a Petroquímica, Tudor, Sermague, Marconi, Epac, Mompur, Casa da Moeda e ANA-EP.

A DORL do PC afirma que «à medida que a AD se afunda, o patronato procura acelerar a acção repressiva, com despedimentos, processos disciplinares, suspensões e intimidações como nos Cabos Ávila, na Plúvia, na RN, na Carris, na Princesa, na Regojo, na Petrogal, na CEP, na Cimpomóvel, na Sociedade Nacional de Sabões, na RTP e na ANOP, em particular contra activistas sindicais».

O comunicado, que saúda os trabalhadores das empresas em luta, afirma ainda nomeadamente o seguinte:

Para dividir os trabalhadores recorre-se à discriminação salarial, como na Precix, na Standard, na Vimeca, na Tojol, na Lusite, na Triunfo, na Portalex, na J. B. Cardoso. Em algumas empresas os trabalhadores foram aumentados mais ou menos, conforme trabalharam no dia 11 ou aderiram à greve geral. É o caso da Citroen onde os primeiros foram aumentados em 25% e os segundos em 17%.

O patronato tenta comprar trabalhadores, aumenta a aplicação dos prémios de assiduidade, corta a aplicação de horas ex-

traordinárias. O agravamento da situação económica do País, em consequência da política do Governo AD, está a criar dificuldades a empresas como a Bertrand, a Supersumos, a Cassel, a SIPE, Seicla, F. Portugal, Escorral, Cambourmac, SIMA, detectando-se casos de sabotagem económica nas Gaivotas e na SIPE. Algumas empresas têxteis foram já encerradas (Socimail, Maglia, Malhas Samir, Fabripel, Vitalicia).

Por outro lado, confirmando os riscos que podem decorrer dos acordos sobre a revisão constitucional celebrados entre o PS/Mário Soares/Almeidas Santos e a AD e a promessa de ambos em elaborar novas leis de delimitação dos sectores público e privado, têm prosseguido por parte das administrações de direita ataques às empresas nacionalizadas.

Assim, na Covina não fazem investimentos, dão indemnizações, esbanjam dinheiro. Na RN prosseguem tentativa de desmembramento das empresas. Na UTIC tentam vender os 58% do capital público. A SNAP está ameaçada de extinção por decreto-lei da AD.

A DORL salienta o exemplo das lutas dos trabalhadores da Fábrica da Loixa, do Hotel Baía, da RN, da TAP.

A DORL saúda os trabalhadores das muitas dezenas de empresas do distrito que estão em luta.

A DORL do PCP debruçou-se igualmente sobre a actual situação política e, em particular, a revisão constitucional, tendo considerado existirem no distrito de Lisboa «as forças capazes de darem um importante contributo para a queda do Governo, para evitar o golpe, que encerra o acordo de Mário Soares com a AD».

Nova greve amanhã nos transportes do Porto

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP), que ontem estiveram totalmente paralisados, voltam a entrar em greve amanhã e nos dias 9 e 11 do corrente, em luta contra a tentativa do conselho de gerência de impor um aumento global de apenas 18,5 por cento, para 15 meses de vigência do ACT.

A meio da manhã, os trabalhadores reuniram-se em plenário na estação de Francos, a fim de definir novas formas de luta, para além das previstas para os próximos dias.

O Strup, que representa 80 por cento dos 3.820 trabalhadores da empresa, reclama aumentos análogos aos praticados na Carris e exige «o respeito pelos compromissos assumidos, no ano passado, pelo secretário de Estado dos Transportes, Abílio Rodrigues, e pelo CCG do STCP» e recorda que os gestores de ambas as empresas recebem vencimentos idênticos.

Prevê-se que, à semelhança do que aconteceu nas paralisações anteriores, as greves anunciadas venham a deixar a cidade do Porto e arredores sem transportes, uma vez que as viaturas privadas fretadas pelo STCP não conseguem cobrir as necessidades das populações.

RN

Como oportunamente noticiámos, também os trabalhadores da Rodoviária Nacional (RN) decidiram, em plenário voltar a paralisar nos dias 7, 8 e 9 do corrente, em luta pela «rápida negociação e publicação da tabela salarial e das restantes cláusulas de expressão pecuniária».

Bertrand à beira da ruptura — alertou a CT em conferência de Imprensa

A Comissão de Trabalhadores (CT) da Livraria Bertrand alertou ontem, em conferência de Imprensa, para a grave situação de «ruptura financeira» da empresa e apelaram à opinião pública não só no sentido da defesa dos seus postos de trabalho, mas também quanto ao significado do desmantelamento desta instituição cultural.

Com um património avaliado (em 1980) em mais de 220 mil contos, a Bertrand tem um capital social com uma participação estrangeira largamente maioritária (cerca de 95 por cento).

Empresa lucrativa antes do 25 de Abril devido, segundo a CT, aos «baixos salários que então se praticavam no sector a par de uma total ausência de regalias sociais», a Bertrand enfrentava de uma gestão «cega» que não soube acompanhar o desenvolvimento acelerado que então se deu. Além do mais, o seu funcionamento comercial dependia quase totalmente do estrangeiro.

A atestá-lo, relatam os representantes dos trabalhadores: «a distribuidora de publicações responsável por cerca de 70 por cento da facturação total da Bertrand comercializava quase exclusivamente material estrangeiro e o que é mais grave, centralizado em dois fornecedores — a Abril Cultural, de S. Paulo e a Hachette, de Paris». Por outro lado, a produção interna da responsabilidade daquela editora era pequena e «não sujeita a qualquer plano editorial» e o parque gráfico obsoleto carecia de capacidade competitiva no mercado.

O corte de fornecimentos do exterior e a exigência dos pagamentos a pronto, bem como a satisfação de reivindicações de carácter salarial e social após o 25 de Abril «puseram a nu o real desequilíbrio da empresa», acrescenta a CT.

Toda esta situação se agravou depois de 1979, altura em que o accionista maioritário da Bertrand, Manuel Bulhosa, substituiu um conselho de administração «competente que, em pouco tempo e graças a um aumento da produção editorial, à abertura de novos postos de venda e delegações e à admissão de novos trabalhadores, conseguiu demonstrar que a solução para os problemas da empresa se encontrava na sua expansão editorial e na melhoria das condições de trabalho do pessoal ao serviço da Bertrand».

Contrato de viabilização

Foi, pois, a partir de 1979, que a situação daquela empresa editorial se deteriorou gravemente o que a coloca na iminência de «ruptura financeira». Os trabalhadores só conseguem explicar as acções então encetadas — despedimento de dezenas de trabalhadores, encerramento de postos de venda e delegações, modificações incompreensíveis nos serviços, alienação de partes do património, hipotecas de outras, cortes de fornecimentos,

perdas sucessivas de distribuições, sendo a «mais grave a de todo o material da Abril Cultural», o que irá reduzir a distribuidora de publicações a «uma quase inactividade» — como fazendo parte de um plano de «desmantelamento da Bertrand». Conhecido que é já dos trabalhadores o Projecto de recuperação económico-financeira da Bertrand, elaborado pela Parempresa, «que concluiu da viabilização da empresa desde que seja assegurado o respectivo saneamento financeiro», as organizações sindicais apelam à intervenção dos órgãos de soberania, em especial ao Governo, no sentido de assumirem responsabilidades não só quanto à viabilização da editora e à manutenção dos postos de trabalho, «mas também para que a Bertrand possa continuar, no sector em que se insere, a desempenhar um importante papel quer do ponto de vista económico quer do ponto de vista social e cultural».

Mais despedimentos nas Loixas de Sacavém

A administração da Fábrica de Loixas de Sacavém, no mesmo dia em que pagou quatro mil escudos a cada trabalhador, por conta dos salários de Abril, anunciou mais 12 despedimentos, após a conclusão dos respectivos processos disciplinares.

Dos trabalhadores agora despedidos, e que haviam sido suspensos na sequência da primeira ocupação ilegal da empresa por forças da GNR, por ordem do MAI, quatro são

membros da comissão de trabalhadores, cinco delegados sindicais e um dirigente do Sindicato das Indústrias de Cerâmica e Cimentos.

Uma nota da administração proibiu também a entrada na empresa dos trabalhadores despedidos.

De referir que desde o início do ano foram instaurados 275 processos disciplinares, tendo já sido consumados 18 despedimentos.

Os trabalhadores que

ontem estiveram reunidos em plenário, voltaram a pedir uma reunião com a administração, que voltou a recusar o diálogo.

Entretanto, os representantes dos trabalhadores reafirmaram as reivindicações exigidas para o regresso ao trabalho e que se relacionam, designadamente, com o pagamento dos salários em atraso, o pagamento aos reformados, a anulação de todos os processos disciplinares e a recusa em aceitar na

empresa o administrador Monteiro Pereira.

No caso de a administração continuar a recusar o diálogo, os trabalhadores voltam a reunir-se amanhã, em plenário a fim de marcarem novas formas de luta.

No prosseguimento da solidariedade que tem sido manifestado ao pessoal da Fábrica de Loixas de Sacavém, comerciantes e populares de Sacavém têm garantido o fornecimento das refeições aos trabalhadores em greve.

A BARRACA
FERNÃO, MENTES?
 8.º MÊS
 8.º Mês
 5.ª a Sab
 21H30
 DOM
 50 às 11h

Caminhos de Ferro Portugueses

DEPARTAMENTO COMERCIAL
 Serviço Comercial de Mercadorias

AVISO

A C. P. INFORMA

LEILÃO

Em 7 de Junho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido retirados pelos donos.

De entre as remessas a leiloar, encontram-se nomeadamente as seguintes:

TRANSPORTADAS EM REGIME DE 50 KG (T 8/108)

N.ºs 31526, 9864, 77202, 22487, 12278, 35890, 69995, 41603, 18242, 3193, 50673, 31847, 29874, 10982, 85094, 4200, 37453, 43211, 65043, 1918, 1919, 801, 802, 29041, 29042, 7601, 13424, 9837, 14315, 7628, 64432, 27864, 24062, 7768, 43813, 38833, 39073, 39424, 13840, 26811, 5288, 324, 325, 9140, 20425, 2576, 2184, 63122, 4485, 4486, 63491, 4487, 14661, 88809, 9915, 6820, 14337, 12668, 36299, 15376, 7404, 6546, 6793, 22848, 45978, 971, 25044, 66753, 22480, 22486 e 22487.

TRANSPORTADAS EM REGIME DE DETALHE

N.ºs 4920, 24073, 10184, 67537, 25812, 16178, 5476, 25449, 51527, 22622, 25227, 61578, 19277, 49953, 31119, 16143, 43493, 70510, 2158, 89952, 38010, 3519, 54127, 28159, 69541, 19550, 7034, 36067, 4157, 9169, 11306, 13304, 14343, 17356, 25364, 18247, 27374, 42457, 35490, 58538, 590, 60596, 10609, 9855, 12272, 49354, 58556, 834, 9925, 8507, 41881, 21594, 12126, 10487, 3556, 28777, 3673, 38247, 35446, 52889, 7935, 62119, 10469, 62941, 53843, 15683, 70594, 80695, 50057, 45914, 40965, 8383, 8517, 8530, 17322, 3059, 4445, 12100, 32709 e 31301.

Lisboa, 22 de Maio de 1982.

motociclista
ACENDA
OS MÉDIOS
 mesmo durante o dia

FTTEI
 MOSTRA DE CINEMA
 DE EXPRESSÃO ÉRICA

FTTEI - Serviços Centrais - R. Paraíso, 217-2.º s/5 - Tel. 382432

Além de Portugal, estarão presentes filmes de **ANGOLA - ARGENTINA - BRASIL - CHILE - COLÔMBIA - CUBA - EL SALVADOR - ESPANHA - MÉXICO - MOÇAMBIQUE - NICARÁGUA - PERU E URUGUAI**

De 4 a 13 de Junho

AUT. MAC. CARLOS ALBERTO - CINECLUBE DO PORTO E SALA DA SETA TRUPE

PREÇOS POPULARES PARA ENTRADAS INDIVIDUAIS E SERIES PARA TODOS OS FILMES

OCAÇÃO ÚNICA QUE NÃO SE PODE PERDER. E OBRIGATORIO VER E PARTICIPAR.

FTTEI - Serviços Centrais - R. Paraíso, 217-2.º s/5 - Tel. 382432

Em causa sanção a Roby Amorim

Depois dos não-jornalistas entram em greve os jornalistas da ANOP

Enquanto a greve dos não-jornalistas da ANOP termina hoje, após três dias de paralisação consecutivos, determinada por questões salariais, anunciam os jornalistas da agência uma greve de 24 horas, compreendida entre as 2 horas do dia 7 e as 2 horas do dia 8 do corrente mês, em protesto contra a sanção aplicada pelo Conselho de Gerência a Roby Amorim, profissional que, tempos atrás, cometeu um erro involuntário numa notícia sobre o ex-ministro Moraes Leitão. A proposta de greve, apresentada em plenário da Redacção, foi aprovada por unanimidade.

A sanção aplicada a Roby Amorim reveste-se do seguinte perfil: suspensão de um dia com perda de vencimento.

Os jornalistas da agência decidiram ainda pedir ao director da Informação que não aceite o pedido de demissão do chefe da Redacção, Mário Gama Rodrigues, e que lhe garanta as condições mínimas de trabalho e independência da Redacção. A proposta para tal foi aprovada por maioria, com duas abstenções.

Afirma-se na primeira proposta que o Conselho de Gerência, ao aplicar a sanção a Roby Amorim, cometeu dois erros: não aguardou o parecer do Conselho de Redacção e não indicou o dia em que tal pena deve ser cumprida. Acentua-se ainda que tal pena «constitui uma clara cédência do CG às pressões políticas externas, demonstrando a incapacidade dos gestores da agência de prosseguirem uma acção independente e autónoma, no respeito pelo estatuto da empresa e pelos restantes textos legais que regem a actividade da ANOP».

Os jornalistas da agência condenam ainda a actuação do director de Informação por ter reagido tarde na rectificação do serviço em causa no processo e por ter reagido sem firmeza perante o Conselho de Gerência. Esclarecem também que antes do início da greve será publicado um trabalho sobre a actividade profissional de Roby Amorim.

Relativamente à segunda proposta («caso» Gama Rodrigues), os jornalistas pedem ao director de Informação que não aceite o pedido de demissão daquele

profissional - e, que, «pelo contrário, lhe garanta as condições mínimas de trabalho e independência da Redacção».

Por fim, os jornalistas da ANOP manifestam ainda a sua desconfiança no CG «pela situação de instabilidade que está a criar na agência, nomeadamente pela recusa do diálogo com os órgãos representativos dos trabalhadores». Foi sugerida no plenário a realização de um plenário geral de trabalhadores para análise do Conselho de Gerência da Agência Noticiosa Portuguesa.

«Tempo de Governo» na RTP é mesmo «abuso»

Uma notícia inserta na edição do «DL» em 27 de Maio último, sob o título «CI/RTP unânime/Só 'Tempo de Governo' em momentos importantes», mereceu, talvez por mal lida pelo presidente do CI/RTP, um pedido de rectificação.

Afirma o presidente, por exemplo, que «não se faz, quer na recomendação, quer no comunicado, qualquer referência a eventuais «abusos» do Governo relativamente ao tempo de antena».

Permitimo-nos transcrever, na íntegra, a alínea c) do ponto 3 da recomendação em que a notícia publicada se baseia:

«Se entenda esse direito do Governo como um direito limitado, nomeadamente em termos de tempo, por forma a evitar-se um abuso na utilização de tempo de antena excessivo, o que não seria compatível com as regras de pluralismo de um Estado democrático de direito.» (O sublinhado é nosso.)

Todos os outros pontos e alíneas da recomendação correspondem ao teor da notícia, não havendo da nossa parte, como se afirma, considerações incorrectas.

Aniversários de matutinos portugueses

«O Comércio do Porto» e o «Jornal de Notícias» fizeram, respectivamente, 128 e 95 anos. A todos quantos trabalham naqueles dois matutinos, apresenta o «DL» as suas felicitações.

COMUNA
 TEATRO DE PESQUISA

hoje às
 21.45h

A VIAGEM
 5.º MÊS

TEXTO: NELDER COSTA
 ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA

DE 3.ª FEIRA A DOMINGO ÀS 21.45
 SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM
 MATINEES ÀS 17H

PRACA DE ESPANHA TR. 76.624

ÚLTIMO MÊS

A COMUNA APRESENTA
 UM NOVO ESPECTÁCULO
 DE CAFÉ-TEATRO
 NÃO FUI EU... FORAM ELES!
 ESTREIA DIA 11

RN **RODOVIARIA NACIONAL**

NOVO SERVIÇO RN

CASTELO BRANCO - COIMBRA - CASTELO BRANCO

EXPRESSO ALBI-MONDEGO

Expresso: Albi-Mondego		Horário	Castelo Branco Coimbra Castelo Branco	
Chegada	Partida	Localidades	Chegada	Partida
	7.00	Castelo Branco	21.00	
	7.15	Cebolais de Cima		
21.45	7.35	Perdigão		
20.25	8.05	Cardigos		
19.55	8.25	Sertã	19.30	
19.35	8.40	Cernache do Bonjardim		
19.20	9.05	Figueiró dos Vinhos		
18.55	10.15	Coimbra	17.45	

Excepto: Sábados, Domingos e Feriados

RN

RN
 Informações:
 Castelo Branco - Tel. 23380
 Coimbra - Tel. 26719 e 27557
 Lisboa - Tel. 540079/540129

Com os britânicos a 5 km da capital malvina

Thatcher propõe trégua de 15 dias para retirada "pacífica" dos argentinos

A eventualidade de uma trégua e o princípio de uma saída pacífica que permita evitar o assalto final das tropas britânicas a Puerto Argentino (Port Stanley), continuavam ontem a ser consideradas com interesse em vários meios argentinos, referidos, mas não especificados, pela France Presse.

A declaração da primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, segundo a qual a retirada das tropas argentinas estabelecidas nas Malvinas, num prazo de 10 a 15 dias, permitiria evitar o assalto final, foi recebida em alguns meios diplomáticos latino-americanos, também não referenciados, como a última possibilidade de se evitar o pior, depois de dois meses de conflitos.

A certeza de que o preço de uma batalha decisiva pelo controle da capital das Malvinas será muito elevado, inclusive para o vencedor, manteria a esperança, em Buenos Aires, de uma intervenção de última hora de organizações internacionais ou de uma das partes implicadas no conflito.

Segundo um dos representantes argentinos na ONU, general José Miret, um cessar-fogo depende mais da Grã-Bretanha do que da Argentina, pois esta, segundo disse, fez todos os possíveis para se chegar à paz. O general argentino pediu igualmente ao Conselho de Segurança da ONU para «impedir que haja mais mortes inúteis».

Uma independência "conveniente"

A declaração da sr.^a Thatcher parece, no entanto, não ser tão

inocente como isso. A «dama de ferro» tem seus objetivos. E eles foram claramente expostos na entrevista que a primeira-ministra concedeu ao «Washington Post», ontem.

Na entrevista, Thatcher evoca, pela primeira vez, a perspectiva de uma independência das Malvinas a longo prazo, «depois de ter sido restaurada a soberania britânica no arquipélago». A tal independência seria «garantida por um certo número de países», incluindo os Estados Unidos, acentua a dirigente conservadora britânica. Os EUA, no sinuoso plano de Thatcher, deveriam também participar numa «força multinacional» para prevenir uma nova ocupação por parte da Argentina, até porque os ingleses — disse — também aceitaram participar na força multinacional do Sinai.

A primeira-ministra exprimiu, por último, a sua esperança de que, na força com que sonha venha a participar, pelo menos, um país latino-americano, que se recusou a nomear.

A entrevista ao «Washington Post» parece confirmar aquilo que para muitos já era claro, quando Londres se decidiu ao gigantesco esforço de guerra em que se empenhou, seguido do quase imediato apoio e auxílio dos EUA: assegurar as riquezas e a importante posição estratégica das Malvinas, em nome dos «valores do Ocidente».

Conselho de Segurança

O Conselho de Segurança das Nações Unidas decidiu, ontem à noite, adiar para hoje a tarde o seu voto sobre o projecto de resolução apresentado pela Espa-



Um helicóptero britânico «Sea King» ensaia o desembarque de um canhão de 105 mm.

nha e Panamá, que pede à Grã-Bretanha e à Argentina «para estabelecerem um cessar-fogo imediato na região das ilhas Malvinas».

A Espanha e o Panamá tinham pedido um voto imediato sobre o seu texto que estava ameaçado de veto britânico. Os representantes dos dois países, Don Jaime de Pinies e Leonardo Kam, insistiram, sem sucesso, sobre a necessidade de fazer cessar, com urgência, as efusões de sangue.

Latino-americanos não alinhados

O ministro das Relações Exteriores do Panamá, Jorge Illueca, propôs ontem, na capital cubana, em nome dos países latino-americanos não alinhados, a criação «urgente e sem demora» dum mecanismo de defesa colectiva exclusivamente latino-americano.

Illueca exprimiu a sua indignação ante «o apoio enorme» fornecido pelos Estados Unidos à Grã-Bretanha no conflito das Malvinas. A América Latina, salientou o ministro panamiano, «condena firmemente a agressão colonial praticada pela Grã-Bretanha à Argentina».

Por outro lado, Illueca condenou a atitude da Comunidade Económica Europeia na crise das Malvinas, acentuando, porém, a excepção que constituem as posições assumidas pela Irlanda e pela Itália.

Convém «reestruturar as instituições duma nova América Latina, que não se deixe dominar, amarrar ou travar pela ineficácia dum sistema interamericano arcaico, decadente e inoperante» — frisou o ministro.

As últimas de guerra

As forças britânicas que se encontram em posição em torno de Port Stanley, (Puerto Argentino) começaram a bombardear as posições argentinas, em torno da capital das Malvinas, declarou, em entrevista à BBC, o general Jeremy Moore comandante das forças de desembarque.

«Não é segredo que bombardeamos hoje o campo de Moody Brook, antigamente utilizado pelo destacamento de «marinheiros» britânicos, que viviam em Port Stanley» — afirmou o general. O campo de Moody Brook, encontra-se a menos de 4,5 km do centro da cidade.

«Já estamos muito perto e começamos a exercer pressão sobre as principais posições inimigas. É evidente que vou aumentar essa pressão» acrescentou.

Até agora, os bombardeamentos contra e em torno da cidade eram apenas efectuados pela esquadra e pela aviação.

Por seu lado, o Estado-Maior interarmas argentino indicou que ocorreram ontem recontros limitados entre elementos britânicos e argentinos.

O comunicado oficial de Buenos Aires não precisa onde tiveram lugar tais recontros limitados, mas indica que «a posição das tropas (argentinas) em Puerto Argentino (Port Stanley) foi consolidada em conformidade com o previsto». Os soldados argentinos «aguardam a batalha, revigorados pela mensagem difundida pelo governador militar argentino das Malvinas», general Mario Benjamin Menéndez, que lhes pediu que «infligam uma derrota total ao inimigo».

«Exocet» ou «Sea-Wolf»?

Mísseis: uma guerra à parte

As informações de que um míssil «Exocet-AM 39» teria sido destruído nas Malvinas pela defesa britânica são recebidas com muito cepticismo pelos construtores franceses.

Segundo enviados especiais britânicos que se encontram a bordo de navios da esquadra de intervenção inglesa, um destes mísseis, disparado por um «Super-Étendard» argentino, teria sido interceptado antes de atingir o seu objectivo.

Os especialistas franceses consideram que o míssil «Exocet» é praticamente «invulnerável» e apenas um sistema de armas capaz de o detectar em voo e de o alcançar durante os vinte segundos que decorrem entre o disparo do míssil e o seu impacto contra o objectivo, poderia provocar a sua destruição.

Apenas um sistema de armas existente a bordo de dois «destroyers», o «Brilliant» e o «Broadward» — igualmente equipados com mísseis «Exocet 38» antinavios — possui tais capacidades teóricas antimísseis. Trata-se do «Sea Wolf». Cada um dos dois navios está equipado com duas rampas de seis mísseis. Mas desconhecem-se as possibilidades do «Sea-Wolf» num combate real.

O «Sea-Wolf», que é um dos últimos produtos da indústria britânica, é construído por quatro sociedades: «British Aerospace», «Marconi Radar Systems», «Feranti», e «Vickers Shipbuilding Group».

É concebido para a defesa duma esquadra a curta distância, é simultaneamente antinavio e

antimíssil e capaz de reagir muito rapidamente contra qualquer ataque. O míssil «Sea-Wolf», com um peso de 80 kg e dois metros de comprimento, é guiado automaticamente por radar. Desloca-se à velocidade supersónica de Mach 2».

Se viesse a apurar-se que a esquadra britânica destruiu um «Exocet-AM 39», seria sem dúvida ao «Sea-Wolf» que deveria atribuir-se tal proeza.

Os construtores do míssil «Exocet» sabem a que velocidade a tecnologia avança, e estão actualmente a dar os últimos retoques em mísseis «Exocet» duma terceira geração, supersónicos e equipados com sistemas de direcção ainda mais indetectáveis do que os dos «Exocet 38, 39 e 40».

Ajuda militar à Guatemala nos planos de Washington

Os Estados Unidos poderão voltar, brevemente, a fornecer uma ajuda militar à Guatemala, depois de mais de quatro anos de interrupção, afirmou ontem o secretário de Estado adjunto para os assuntos interamericanos do departamento de Estado norte-americano, Stephen Bosworth, que se encontra de visita à Guatemala.

Stephen Bosworth teve ontem conversações com o presidente da junta guatemalteca de Governo, general Efraín Ríos Montt, a propósito «de assuntos de interesse comum».

«Será preciso no entanto preparar o terreno», antes do eventual reinício da ajuda militar

americana, precisou Bosworth à saída do palácio governamental.

O enviado do departamento de Estado americano tinha declarado na véspera que a Guatemala tinha feito progressos no domínio dos direitos do homem e que as suas conversações com altos funcionários guatemaltecos tinham sido «muito proveitosas».

Entretanto, a guerrilha dinamiçou ontem uma ponte no distrito de Huhuetenango (noroeste do país), tornando impossível a passagem para o posto fronteiriço de La Mesilla, que conduz ao México, soube-se ontem na Guatemala.

As autoridades anunciaram que seria construída uma ponte

de emergência o mais rapidamente possível, com o fim de se restabelecer a circulação para o México.

No norte do distrito, os rebeldes cortaram todas as estradas, tornando praticamente impossível toda a circulação.

Por outro lado, os meios oficiais indicavam ontem que nenhum membro da guerrilha tinha aceite a oferta de amnistia feita no dia 1 de Junho pela junta militar, por um período de trinta dias.

Passado esse prazo, o Exército começará a lançar ofensivas contra a guerrilha, principalmente no planalto ocidental da Guatemala, a principal zona de actividade dos rebeldes.

Segundo repórter da ITN

Britânicos sabotaram aviões no continente argentino



Estes são três tripulantes de um helicóptero «Sea King», que foi parar ao Chile. Acidente ou missão de sabotagem na Argentina?

A cadeia de televisão privada londrina ITN anunciou que um comando britânico, transportado de helicóptero para a Argentina, destruiu cinco «Super-Étendard» da aviação argentina há mais de uma dezena de dias, na base de Rio Grande, no sul do país.

Esta informação, desmentida pelo ministério da Defesa britânico, que reafirmou ontem à noite não se ter verificado nenhum ataque britânico em solo argentino, foi referida pelo enviado especial da ITN ao Chile.

Segundo o jornalista, o helicóptero britânico foi encontrado acidentado há uma dezena de dias no sul do Chile, perto de Punta Arenas. Teria previamente desembarcado na Argentina nove membros dum comando britânico que destruíram cinco «Super-

«Étendard» na base de Rio Grande.

Munidos de mísseis «Exocet», foram aviões «Super-Étendard» que destruíram o contratorpedeiro britânico «Sheffield» e o porta- contentores «Atlantic Conveyor».

Depois de haver desembarcado os homens perto de Rio Grande, o helicóptero «Sea-King» teve que fazer uma descida forçada, devido a dificuldades técnicas. «Os nove membros do comando (missão cumprida) alcançaram o Chile e estão agora de regresso ao Reino Unido».

Protesto chileno

O Chile apresentou um protesto diplomático ao Governo de Buenos Aires a propósito

da ditusão pela imprensa argentina de informações afirmando que Santiago do Chile teria permitido aos britânicos a utilização dos seus aeroportos para bombardeamentos de pistas aéreas na Argentina, anunciou o ministro dos Negócios Estrangeiros chileno, René Rojas Galdames.

O Chile desmente «categóricamente» estas informações e insurge-se contra o facto de terem sido «abundantemente reproduzidas», com autorização do Estado-Maior interarmas, argentino, precisou o chefe da diplomacia chilena.

O ministro reafirmou a neutralidade chilena no conflito das Malvinas. «Nunca o Governo do Chile permitirá que partam do seu território ataques a um país amigo e vizinho como a Argentina» — acrescentou.

Julgamento do "23 F"

Rumores sobre condenações leves agitam meios políticos

Os políticos espanhóis não escondiam ontem a sua preocupação, nas vésperas do veredicto definitivo contra os 33 réus do golpe de Estado abortado de 23 de Fevereiro do ano passado, perante os rumores segundo os quais os réus seriam condenados a penas leves.

Apesar de as deliberações dos 15 juizes militares serem absolutamente secretas, estes rumores, de que a imprensa espanhola no seu conjunto se faz eco, afirmam que os juizes, submetidos a intensas pressões dos meios mais conservadores do Exército, reduziram em muito as penas pedidas pelo procurador.

Ainda de acordo com estes rumores, o tenente-coronel António Tejero, que ocupara o Parlamento com 288 homens, não escapará a uma pena da ordem dos 20 a 30 anos de prisão. Em contrapartida, o tenente-general Milans Del Bosch e o general Alfonso Armada, que passam pelos cérebros do golpe de Estado abortado, só serão condenados a 12 anos de prisão, dizem os rumores, em vez dos 30 pedidos pelo procurador militar.

Para a classe política, tal indulgência por parte dos juizes militares poria em causa a credibilidade de democracia.

O secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), Felipe Gonzalez, exprimiu terça-feira ao ministro da



Três dos militares envolvidos na tentativa de golpe de Estado de 23 de Fevereiro de 1981: da esquerda para a direita, o tenente-coronel Tejero Molina, que chefiou a ocupação do Parlamento, general Torres Rojas e o coronel San Martín.

Defesa, Alberto Oliart, as conversações que tais rumores lhe causam.

O rei Juan Carlos recebeu igualmente na terça-feira, Felipe Gonzalez e o presidente do Partido conservador «Aliança Popular», Manuel Fraga Iribarne.

Soubes-se de fonte oficial que as conversações havidas entre o rei e aqueles dois políticos se inscreveram no quadro dos encontros «habituais» do soberano com os líderes partidários. Os observadores notam, contudo,



que tais encontros são raros. Nada transpirou sobre o conteúdo das duas audiências, mas considera-se que abordaram o mesmo tema: o veredicto. Segundo várias fontes, o rei terá pedido aos seus interlocutores para reagirem com moderação, se as sentenças não correspondessem aquilo que consideram justo.

Por outro lado, o lugar reservado pelo protocolo do Exército ao presidente do governo, Leopoldo Calvo Sotelo, quando de um desfile militar realizado no



passado domingo em Saragoça, alimenta igualmente os comentários.

Calvo Sotelo encontrou-se, sem o esperar, sentado longe da tribuna oficial, numa cadeira desmontável e em madeira. É esta a consideração que o presidente do governo inspira ao Exército? Perguntavam, ontem os comentadores, lembrando que os réus do golpe de Estado abortado tinham tido direito a sofás de veludo durante o respectivo julgamento.

Reunião dos Não-Alinhados

Severas críticas aos EUA e ao Ocidente

Tal como se esperava, a sessão de abertura da reunião ministerial do gabinete de coordenação do Movimento dos Não-Alinhados, que desde ontem decorre em Havana, Cuba, teve como temas-chaves a situação nas Malvinas e a guerra entre o

Irão e o Iraque, dois países da organização.

A cerimónia de abertura, presidida por Fidel Castro, confirmou o que os observadores esperavam. Com efeito, na intervenção do ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Isidoro Malmierca, foram dirigidos ataques contra o «colonialismo britânico». Malmierca reafirmou que o seu país concederá «toda a ajuda necessária à Argentina na luta contra a tentativa do imperialismo inglês para manter o colonialismo no Atlântico Sul».

Pelo mesmo diapasão afinou o ministro dos Negócios Estrangeiros do Panamá, Jorge Illueca

que, falando em nome da totalidade do grupo da América Latina, propôs a criação de um mecanismo colectivo de defesa, «unicamente latino-americano», num discurso violento em relação à Grã-Bretanha. O ministro panamenho denunciou, por outro lado, a «política hostil», toda poderosa e pouco amiga da Inglaterra, dos Estados Unidos e dos países da Comunidade Económica Europeia, com excepção, da Irlanda e da Itália.

O outro ponto em debate, o conflito iraco-iraniano, foi também focado pelos oradores. O ministro cubano salientou que os únicos beneficiários da guerra

que opõem Bagdade a Teerão são Israel, os Estados Unidos e os seus aliados.

Com tons diversos, mas sempre condenatórios, referiram-se a estas duas questões os representantes de São Tomé, Chipre e do Lénem Democrático. Por outro lado, foi manifestado o apoio «necessário à causa palestina», apoio à SWAPO, na Namíbia, ao povo saraui, à resistência salvadorenha e aos governos da Nicarágua e Granada. Paralelamente à sessão de abertura, iniciaram-se, à porta fechada as reuniões das Comissões encarregadas de redigir o texto que será adoptado

Turquia

Bulent Ecevit de novo no tribunal

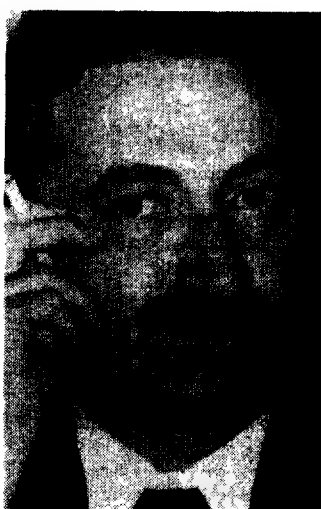
O antigo primeiro-ministro social-democrata turco Bulent Ecevit responde hoje novamente em tribunal, acusado pelas declarações que prestou, em Março e Abril, à imprensa estrangeira.

Na primeira audiência no tribunal militar de Ancara, Ecevit terá de se defender da acusação de «propagação de notícias falsas e de informações deformadas sobre a situação política, com o intuito de denegrir o prestígio do Estado no Estrangeiro».

Trata-se de uma entrevista de Ecevit, que nega tê-la dado a um jornal norueguês, o «Arbeiderbladet». Por este «crime», Ecevit incorre numa pena mínima de 5 anos de prisão.

Na sexta-feira, Ecevit terá de responder a uma outra acusação, «mais clara»: a de violação do decreto que proíbe as discussões políticas na Turquia.

Desta vez, trata-se de uma



entrevista a uma cadeia holandesa de TV, a «NVR», e da publicação de um texto, no semanário alemão «Der Spiegel», criticando

os generais turcos que se apoderaram do poder em Ancara. Por este novo «crime», Ecevit pode vir a ser condenado a outros seis meses de prisão.

Para além destas inculpações, Ecevit terá de responder a outras duas: «conluio com grupos terroristas de extrema-esquerda» (acusação feita pelo procurador militar de Ancara) e «cumplicidade com a central sindical DISK», da qual 52 dirigentes estão a ser julgados em Istambul.

O dirigente social-democrata turco foi entretanto absolvido, na 3.ª feira, por um tribunal civil, num outro julgamento em que era acusado de «insultos contra a magistratura»: Ecevit acusara magistrados, em 1979, um oficial da Polícia de ter sido incapaz de manter a ordem durante o enterro de um dirigente local de Nevşehir do Partido social-democrata turco, assassinado pela extrema-direita.

24 horas

REGRESSO A ROMA — O Papa João Paulo II chegou, 4.ª feira à noite, às 22 h 50 locais (20 h 50 tmG) ao aeroporto militar de Roma, Ciampino, proveniente de Cardiff, onde concluiu uma visita de seis dias à Inglaterra, Escócia e País de Gales. No avião que o transportou a Roma, João Paulo II declarou aos jornalistas ter a intenção de levar à Argentina «uma mensagem de paz ainda mais profunda». Interrogado sobre a guerra, o Papa afirmou a existência do «direito de autodefesa. Mas devemos procurar outras soluções», acrescentou. O Papa declarou-se «muito satisfeito da sua visita à Inglaterra cujo sucesso ultrapassou todas as previsões».

ABALO SÍSMICO — O tremor de terra com uma intensidade de 7,5 da escala de Mercalli (conta 12) que atingiu, quarta-feira de manhã, a região jugoslava de Kopaonik, a cerca de 200 km ao sul de Belgrado, foi seguido de 29 pequenos abalos de uma intensidade de 3,5 graus, indicou a agência jugoslava Tanjug. O sismo, que causou pe-

quenos estragos materiais sem causar vítimas, nas aldeias já atingidas há 2 anos por um tremor de terra mais forte, provocou um movimento de pânico entre os habitantes. O tremor de terra foi sentido em numerosas cidades jugoslavas, nomeadamente em Belgrado, Pristina, Skoplje e Sarajevo.

SAM NUJOMA — O presidente da «Organização do Povo do Sudoeste Africano» (SWAPO), Sam Nujoma, chegou ontem à noite a Argel, proveniente de Bona, para uma breve visita. Sam Nujoma, que será provavelmente recebido pelo presidente Chadli Benjedid, indicou à sua chegada que as suas conversações com os dirigentes argelinos seriam respeito à situação na Namíbia dos pontos de vista político, militar e diplomático. O presidente da «SWAPO» avistou-se em Bona com o ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher, tendo discutido a situação na Namíbia. Durante a sua estadia na RFA, Sam Nujoma encontrou-se igualmente com o subsecretário de Estado americano encarregado dos Assuntos Africanos, Chester Crocker.

FUERZA NUEVA — Dois militantes do partido fascista espanhol «Fuerza Nueva» foram condenados, na 4.ª feira, a penas de prisão de 30 e de 26 anos e oito meses, por assassinio, em Fevereiro de 1980, de uma militante do Partido Socialista dos Trabalhadores (extrema-esquerda espa-

nhol). O principal protagonista do caso, Emilio Hellin, dirigente do «comando 41» que habitualmente se encarrega dos trabalhos sujos da «Fuerza Nueva», foi condenado a 13 anos e meio de prisão, por posse de armas e bombas e por falsificação de documentos.

VALA COMUM — Foi descoberta em Aures, na Argélia, uma vala comum contendo 936 cadáveres datando da guerra da independência contra a França, afirma hoje o jornal francês «Libération», precisando que os corpos foram sepultados no interior dum campo fortificado do Exército francês. O «Libération» acrescenta que os investigadores puderam encontrar em Fraça «alguns dos responsáveis militares deste morticínio».

VIOLADOR — Um homem de 30 anos de idade reconhecido culpado de ter violado a sua enteada por várias vezes foi ontem condenado a dez anos de prisão e à esterilização. Marc Hammer reconheceu ter-se entregado nos últimos sete anos, por várias vezes, a

abusos sexuais sobre a sua enteada, cuja idade não foi indicada. O juiz considerou que era preciso dar um exemplo para todos os violadores em potência, decidindo utilizar uma lei do Estado, em vigor há 73 anos, que parece nunca ter sido aplicada.

GREVES — A maior parte das instituições públicas de Telavive, pelo menos as mais importantes, encontram-se parcialmente paralisadas desde há três dias por causa das paralisações de trabalho e greves relâmpago desencadeadas pelos comités de trabalhadores. As instituições e serviços afectados são a Televisão, a Rádio, os Correios, os bancos, os serviços fiscais, os seguros, os hospitais e laboratórios de análises, bem como diversos serviços portuários e ferroviários.

E. PLOSÕES — Ontem à noite várias explosões danificaram o depósito de carburantes, a estação dos caminhos-de-ferro e uma mina de Paulpietersburg, pequena localidade situada no norte da província de Natal, anunciou esta

manha um porta-voz da polícia de Joanesburgo. O informador não precisou se havia vítimas nem indicou a amplitude dos estragos. A polícia precisou apenas que foram utilizados explosivos.

ÁFRICA AUSTRAL — O general Vernon Walters, embaixador itinerante americano, foi recentemente enviado à África Austral para tentar relançar «urgentemente» as negociações sobre a Namíbia, anunciou 4.ª-feira o Departamento de Estado. O general Walters, cujas missões ao estrangeiro nunca são anunciadas antecipadamente, foi encarregado pelo secretário de Estado Alexander Haig de apreciar o problema namibiano com os dirigentes da Linha da Frente (Angola, Botswana, Moçambique, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe), acrescenta o Departamento de Estado.

BELFAST — Morreu uma pessoa e outras duas ficaram gravemente feridas, a noite passada em Belfast, Irlanda do Norte, devido à explosão dum bomba no centro da cidade. Segundo a polícia, o engenho fora colocado numa

motocicleta roubada. As vítimas são civis, cujas idades oscilam entre os 16 e os 18 anos. O morto residia perto do local onde rebentou a bomba, morando também na zona os dois feridos. Os estragos materiais são elevados.

NOVO GOVERNO — O primeiro-ministro chadiano, Djindar Domo Ngardou, procedeu ontem à noite à formação dum novo governo, que é constituído por dezasseis ministros e seis secretários de Estado. As pastas principais, como as da Defesa, do Interior, dos Negócios Es-

trangeiros e da Justiça, foram atribuídas a representantes de tendências político-militares. O Chade estava sem governo desde 28 de Abril último, data em que o presidente Goukouni Weddeye anunciou uma «remoção iminente».

DESPORTO

Fórmula Um

Tambay
no lugar
de Villeneuve

O piloto de Fórmula Um francês Patrick Tambay tomará o lugar do malogrado Gilles Villeneuve, vítima dum acidente mortal a 8 de Maio último, aquando dos treinos do Grande Prémio da Bélgica, na Ferrari, soube-se oficialmente junto do construtor de automóveis italiano.

Patrick Tambay correrá a sua primeira prova ao volante do Ferrari no próximo dia 3 de Julho, aquando da disputa do Grande Prémio da Holanda.

Um comunicado da firma de Modena precisa igualmente que o francês Didier Pironi continuará em 1983 a correr pela Ferrari.

O construtor italiano sublinha que Patrick Tambay não participará nos dois próximos grandes prémios (EUA e Canadá). Para estas duas corridas, a Ferrari utilizará uma só viatura, que será confiada a Didier Pironi.

Colectividades

Sarau do «Estrelas do Bairro Olaio»

O Ginásio Clube Recreativo Estrelas do Bairro Olaio promove amanhã e depois um sarau de ginástica, às 21 horas, integrado nas comemorações do seu 4.º aniversário.

1.ªs Jornadas de Futebol

Enaltecido o papel
do associativismo

Os associados, os simpatizantes de um clube têm que decidir sobre as grandes opções a tomar. Que querem eles? O desporto recreação, o desporto-prática ou o desporto média e alta competição? Ou todas elas, simultaneamente e articuladas entre si? A definição de qualquer uma destas vias pressupõe um trabalho de selecção dos responsáveis pela direcção de qualquer uma delas já atrás referidas e que venham a ser maioritariamente votadas, em ordem à obtenção da formação plena do praticante. Esta uma das conclusões salidas das «Primeiras Jornadas de Futebol», uma iniciativa extremamente importante do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Oeiras que tem à frente o professor Melo de Carvalho.

As jornadas, que incidiram especialmente sobre o futebol juvenil, realizaram-se no passado fim-de-semana na Escola Náutica, em Paço de Arcos, e contaram com a participação activa de cerca de 300 pessoas, praticamente ligadas a todos os sectores do desporto, desde os técnicos,

aos praticantes, passando pelos animadores desportivos. Entre os nomes mais sonantes que integraram as «Jornadas» contam-se: Manuel Sérgio, César Grácio, Teotónio Lima, Monge da Silva, Jorge Crespo, Noronha Feio, Toni, Shéu, Artur Jorge, Jesualdo Ferreira, Miranda da Costa, Pedro Gomes, e Fernando Caiado.

O método de trabalho seguido nas «Jornadas» compreendeu a distribuição de diversos temas por quatro grupos de trabalho que no fim se juntaram para ler as conclusões a que chegaram e discutir as perspectivas do futebol em Portugal bem como estabelecer a sua situação actual.

O primeiro grupo discutiu a importância do clube na formação do jogador, o segundo a caracterização do jogo de futebol e etapas na formação do jogador, o terceiro o desporto escolar e a formação do jovem futebolista e, finalmente, a última secção de trabalho ocupou-se do Futebol juvenil e desenvolvimento desportivo.

Da súpula de resoluções refira-se ainda uma das extraias do primeiro grupo: No percurso que vai desde a forma-

ção até à alta competição não nos podemos circunscrever a um estudo individualizado deste ou daquele sector, que leva sempre a respostas pontuais, mas sim visualizar a globalidade do processo, isto é, ter em conta a área institucional, a racionalização e organização dos quadros competitivos, a formação e docimentação, a problemática das instalações e do seu apetrechamento, entre outros. Por outro lado: O desenvolvimento desportivo deverá ter em conta o associativismo que constitui uma das formas mais importantes e dinâmicas da vida social. O clube desportivo em qualquer área de intervenção é a célula-base do sistema desportivo onde assume papel decisivo na transformação quantitativa e qualitativa da prática desportiva.

Finalmente, extrai-se ainda das conclusões de um dos grupos de trabalho, e citamos: Os clubes desportivos deverão procurar a formação do homem completo e não objectivar a sua actividade só em função da eficiência futebolística.

Eduardo Miragaia

Ténis lisboeta

Foi já entregue à Associação de Ténis de Mesa de Lisboa a Medalha de Bons Serviços Desportivos.



Falcão (primeiro da fila) prepara o remate durante um treino no Jamar. Zico, o penúltimo da «fichinha» de brasileiros, aguarda a vez de chegar à bola e também a vinda da mulher.

Sandra junta-se
a Zico

A mulher do meia-esquerda Zico (Artur Antunes Coimbra), Sandra, e os filhos Júnior e Bruno, chegarão amanhã a Lisboa, para o acompanhar na sua caminhada para a conquista do tetracampeonato mundial de futebol.

Sandra confirmou a viagem e, para evitar mal entendidos e comentários maliciosos, disse que seu marido é o responsável por todas as despesas: Quem gasta todo este dinheiro é o Zico. Não pedimos nada a ninguém e vamos viajar por nossa conta.

Sandra afirmou que, depois de passar alguns dias em Portugal e conhecer parentes de Zico, viajará para Roma, pois quer estar em Sevilha no próximo dia 13.

Sandra está habituada a viajar com Zico e disse que isto é muito importante, pois ele está mais tranquilo quando está com ela e com as crianças.

Sandra recordou que no jogo decisivo do campeonato brasileiro de 1980 Zico ficou contente quando a teve a seu lado em Canelas.

Nessa ocasião, lembrou Sandra, Zico disse: Agora estou mais tranquilo para este jogo contra o Grémio, que vai ser de muitos nervos e tenso.

MICROSCOPIO

Natação: torneio de Verão
A Federação de Natação or-

ganiza nos dias 24 e 25 do próximo mês o Torneio de Verão, a decorrer na piscina do Nacional de Natação.

TEATRO CASA DA
COMÉDIA
«DIAS FELIZES»

Com:
GLICINIA QUARTIM
E FERNANDO HEITOR

De 1.ª a 3.ª de Junho às 21.30
Domingos às 16.30 e às 21.30

Domingos às 16.30
E às 21.30

Bilheteira abre às 18h Mar-
ço Telef. 607299

Curta-Série de Representações

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA13.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados no executado para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias que começará a contar da data da publicação do 2.º anúncio.

Exec. Especial por Alimentos N.º 1267

3.ª Secção.

Exequente — EUGÉNIA MARIA

GARCIA DA ROSA, residente no Lote

54-2/A — Reboleira Sul — Amadora.

Executado — MANUEL ESTEVES

CARACOL, com domicílio profissional

no Banco Pinto & Sotto Mayor, em

COIMBRA, sito na R. Ferreira Borges,

57-69.

Lisboa, 26 de Maio de 1982

O Juiz de Direito,

Carlos da Silva Caldas

O Escrivão Adjunto,

Jorge M. Alves

O SEU SIGNO
EM PRATA FINA MACIÇA
POR 1.870\$00
SÓ ATÉ 30 DE AGOSTO

Dentro do contexto de uma campanha publicitária exclusiva para Portugal Continental e Ilhas Afortunadas, temos somente até 30 de Agosto, uma joia de grande valor artístico à sua disposição.

O SEU SIGNO EM PRATA FINA MACIÇA

Subscreva já hoje e envie o seu pedido mencionando bem legível o seu nome, endereço e signo(s) desejado(s), acompanhado do seu pagamento por cheque ou vale de correio à ordem de: SCULPARTE — Comércio de Arte, Lda. pela soma de 1.870\$00 acrescidos de 100\$00 para despesas de embalagem e envio.

Receberá pelos C.T.T. dentro de 5 a 6 semanas em sua casa, esta maravilhosa joia do signo pretendido com toda a segurança e discrição.

Dispõe de 15 dias após recepção do signo para o devolver caso este não seja do seu inteiro agrado e será integralmente reembolsado pela soma dispendida, ou seja 1.970\$00.

Um certificado autenticando o metal acompanha cada um destes preciosos signos.

FAÇA O ENVIO A:

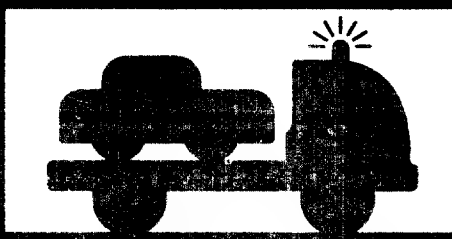


SCULPARTE

Av. Gago Coutinho, 117 - 1700 LISBOA

agora um pronto-socorro
por 550,00 em
qualquer ponto do país

Uma das vantagens de ser sócio do Automóvel Club de Portugal



E também um dia de isenção de taxa de aluguer de um carro que substitua o seu. Os dias restantes a preços reduzidos de aluguer.

ACP
vai mais longe

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
17/82-Mat	AQ. SOB. CITROËN (FAF)		05JUL82	15H00
19/82-Mat	AQ. SOB. LAND-ROVER		05JUL82	16H00
8/82-Mat	REP. 14 VIAT. LAND-ROVER		02JUL82	15H00
9/82-Mat	REP. VIATURAS DIVERSAS		02JUL82	16H00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.
(Fernando Joaquim Silva Pontes)
Major de A.M.

DESPORTO

ponta esquerda

Medeiros no Penafiel:

"o mais caro de sempre"

António Medeiros é desde ontem o novo treinador do Penafiel. Mas Medeiros, que ultimamente treinou o Farense, passará a ser, segundo o presidente do clube nortenho, «o mais caro de sempre do Penafiel».

Mal chegado ainda ao seu novo emblema, Medeiros nem por isso deixou já de exprimir algumas opiniões, especialmente cunhadas pela afirmativa, pela grande exclamação. Assim, diria a propósito da sua nova missão «que a equipa penafielense ficará na 1.ª divisão porque sou eu o treinador». Relativamente à equipa que orientou anteriormente: «O Farense entregou ao Marítimo, numa bandeja debruada a ouro, a subida de divisão».



Manuel Oliveira:

"o meu crime foi pedir reforços"

«O meu único crime foi pedir oito reforços», diz Manuel de Oliveira, reagindo assim à acção de despedimento de que foi alvo por parte do Marítimo. A direcção do clube madeirense pelo seu lado aponta:

«O despedido de Manuel de Oliveira foi ao ponto de aceitar um jantar de convívio com os elementos da direcção, logo após o Marítimo-Lusitânia, quando momentos antes acabara de atrair-nos aos microfones de diversos órgãos de Comunicação Social.»

Na resposta a esta afirmação da direcção, argumenta, finalmente, o técnico que «participou no referido jantar contrariado por não terem sido convidados para o mesmo os jogadores».

Já não há "nacional" mas ainda há castigos

A justiça federativa deu ontem a conhecer o resultado e decisões sobre castigos relativos a encontros já há muito passados no tempo, como o caso do FC Porto-Sporting. Assim, foram punidos com um jogo de suspensão os seguintes jogadores: Ademir, Eurico e Virgílio. Pelo Porto, Gabriel. O clube nortenho foi por sua vez multado em 2500\$00 por comportamento incorrecto do público, agravado por reincidência. Já ao nível da 2.ª divisão, o União de Coimbra seria também multado em 4600\$00, igualmente por incorrecto comportamento da sua massa associativa.



O presidente da Federação Internacional de Futebol, o brasileiro João Havelange espera, em afirmações proferidas em Helsinquia, que os próximos campeonatos do mundo continuem a ser disputados por 24 países, o número ideal, segundo o presidente da FIFA.

João Havelange, que se encontra actualmente na Finlândia, por ocasião do 75.º aniversário da federação finlandesa, não quis dar um vaticínio para o favorito do Mundial de Espanha. Oito a dez equipas têm possibilidades iguais de ganhar a prova. Citou as equipas da Inglaterra, da RFA, do Brasil, da Argentina, da Espanha, da Itália, da Jugoslávia, da URSS, da Bélgica e da França.

Telé Santana e Menotti juntos!

O brasileiro Telé Santana e o argentino César Menotti comandarão a selecção do «resto do Mundo» de futebol que defrontará, em Agosto próximo, no «Giants Stadium» de New Jersey, Estados Unidos, a selecção da Europa.

A equipa europeia, pela sua parte, será comandada pelo treinador alemão ocidental Jupp Derwall.

Mundial 86: Canada candidata-se

O Canadá (como os Estados Unidos, o México e o Brasil) é candidato à organização do Campeonato do Mundo de Futebol de 1986, caso a Colúmbia desista, indicou em Vancouver o presidente da federação canadense de futebol.

O Canadá será, de qualquer modo, candidato à celebração do campeonato do mundo de 1990.

Botafogo, 1-Chile, 4

A selecção nacional chilena bateu ontem em Santiago do Chile, perante 35.000 pessoas, a equipa brasileira do Botafogo por quatro golos a um, num encontro particular de preparação dos chilenos para o Mundial.

Os golos foram marcados por Miguel Neira, que abriu o activo logo no primeiro minuto de jogo, Carlos Caszely (10 min.) marcou o segundo golo chileno, Gustavo Moscoso (43), o terceiro e Carlos Rivas (79), de penalti, o

"O número ideal" de João Havelange

quarto, enquanto que Rogério marcava aos 49 minutos o golo solitário do Botafogo.

Huebner: um golo à Hungria

O clube da 1.ª Divisão oeste alemão Kaiserslautern venceu a Hungria por 1-0 (0-0) em encontro particular no quadro dos desfechos de treino para o «Mundial 82».

O golo dos alemães foi marcado aos 60 minutos por Huebner.

Koweit: empate em Rabat

Perante 15 000 pessoas Koweit e Marrocos empataram a três bolas, ontem à noite em Rabat, num encontro de bom nível, terminando assim o Koweit uma série de seis jogos particulares enquadados na sua preparação com vista ao Mundial.

A selecção koweitiana, que já jogou com o Manchester City, Nottingham Forest, Francfort, Aston Villa e Standard de Liège, segue rumo à capital espanhola.

Polacos melhores

A Polónia venceu o VfB Stuttgart (RFA) por 2-1 (2-1) em encontro particular de preparação para o «Mundial»-82.

Os golos foram marcados: pela Polónia: Lato (4m) e Boniek (28m); pelo Stuttgart: Aligower (22m).

País de Gales vence

O País de Gales venceu a França por 1-0 (0-0) em encontro particular de preparação para o «Mundial»-82.

O encontro, a que assistiram 26 671 espectadores, foi arbitrado pelo português Graça Oliveira.

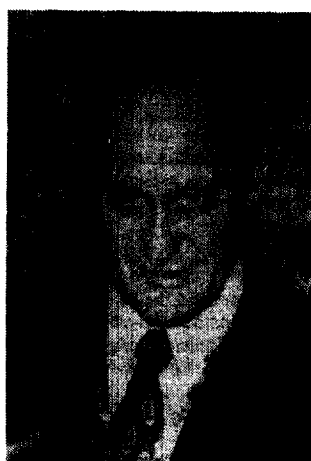
O único golo da partida foi marcado, aos 55 minutos, pelo galês Rush.

A receita do encontro foi de 1 515 000 francos (cerca de 18 mil 180 contos).

Bélgica: bom teste com Ajax

A equipa nacional da Bélgica venceu ontem à noite em Bruxelas, no Estádio Heysel, o Ajax de Amsterdão por 4-2, no último encontro de preparação para o «Mundial».

Entre os cerca de 40 000 espectadores que assistiram ao encontro, contava-se a presença



Havelange: um homem que põe e dispõe o futebol mundial

de Luís César Menotti, treinador da Argentina, equipa com a qual a Bélgica jogará o jogo de abertura do Campeonato do Mundo, no próximo dia 13, em Barcelona.

O Ajax, sob o comando de Crujff, venceu ao intervalo por 2-1. O primeiro golo da partida foi apontado pelo avançado-centro belga Van Den Bergh, aos três minutos a passe de Vercauteren. Aos 14 minutos do primeiro tempo, após uma desatenção entre a defesa direita belga Gerets e o seu guarda-redes Pfaff, os holandeses igualaram por intermédio de Schoenaker para, no minuto vinte e nove, Kieft, após infiltração de Crujff, marcar o segundo golo do Ajax, resultado com que se chegou ao intervalo.

Sob a arbitragem do belga Verhaeghe, as equipas alinharam:

Bélgica: Pfaff (Munaron, aos 46m); Gerets, Luc Millecamps, de Schroyver, Renquin (Baecke, 46m); Van Moer (Vandersmissen, aos 46m), Vandereist, Coeck, Vercauteren; Van Den Bergh (Czerniatynski, aos 46m) e Ceulemans.

Ajax: Shrijvers; Boeve, Wijnberg, Jansen, Ophopp; Crujff, Vanenburg, Lerby, Schoenaker; Kieft e Olsen.

Os belgas para Espanha

O treinador nacional belga, Guy Thys, tomou pública, após o jogo Bélgica - Ajax de Amsterdão, a lista definitiva dos 22 jogadores seleccionados para o «Mundial». É a seguinte: guarda-redes: Pfaff (Beveren), Custers (Espanhol de Barcelona) e Munaron (Anderlecht); defesas: Gerets (Std. de

Liège), L. Millecamps (Waregem), De Schrijver (Lokeren), Renquin (Anderlecht), Baecke (Beveren), Plessers (Std. de Liège), Verheyen (Lokeren) e Meusius (Std. de Liège); médios: Van Moer (Beveren), Coeck (Anderlecht), Vencauteren (Anderlecht), Mommsen (Lokeren), Vandereycken (Genova), Vandersmissen (Std. de Liège) e M. Millecamps (Waregem); avançados: Van DER Elst (West Ham), Van Den Bergh (Lierse), Ceulemans (Bruges) e Czerniatynski (Antuérpia).

Kempes voltará ao Valência

Mário Kempes, avançado do River Plate e da selecção argentina, voltará ao Valência de Espanha na próxima época, anunciou o vice-presidente do River Plate, Patrick Noher.

O clube de Buenos Aires encontra-se, com efeito, impossibilitado de pagar a totalidade do montante da transferência para a aquisição do jogador. Recorde-se que Mário Kempes tinha-se transferido há dois anos do Valência para o clube argentino.

Por outro lado, o vice-presidente do River Plate precisou que o clube conhece actualmente grandes problemas financeiros, o que levaria o clube da capital argentina a vender os passes de vários dos seus melhores jogadores no fim da época. Assim, as partidas de Ramon Diaz (para o Nápoles) e Daniel Passarella (para o Fiorentina) poderiam ser seguidas das de Ubaldo Fillol e Alberto Tarantini para clubes estrangeiros.

Transferência famosa

Um jogador negro, vedeta do futebol sul-africano, foi transferido por uma verba recorde que fará certamente sonhar os dirigentes dos clubes europeus: 22 000 rands (1250 contos).

Todos os jornais sul-africanos dão ao acontecimento honras de primeira página, já que a última transferência de vulto (20 000 rands) remontava a 1966.

Na África do Sul, os entusiasmas de futebol são quase exclusivamente negros, interessando-se os brancos mais pelo rãguebi.

assim vai o TOTOBOLA

PROGÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42 DE 6 DE JUNHO DE 1982

21a. ÉPOCA - 6 JUNHO 1982

A Comarca de Arganil: X11 X2X 211 X122; Rádio Totobola: XX1 1X2 112 X1X2; Correio de Coimbra: 2X1 121 1XX 1222; Correio do Vouga: X11 121 211 1122; Defesa de Espinho: X11 X2X 1X1 11X2; Diário de Lisboa: 12X 122 111 1112; Ecos do Cá: 211 121 211 11X1; Eu Sei Tudo: 2X1 121 212 X12X; Folha do Domingo: 2X1 XX1 211 11X2; Gazeta das Caldas: XX1 XX2 21X XXX2; O Jornal de Felgueiras: XX1 1X1 21X 11X2; O Jornal da Lixa: 2X1 121 2XX 1122; Jornal de Sintra: 21X 12X 21X 112X; Jornal Linhas de Elvas: 211 1XX 211 1111; Litoral: 121 221 X11 2X22; Maria da Fonte:

X11 12X 2X2 1112; Notícias do Douro: 211 11X X11 11X1; Notícias de Gouveia: 2X1 121 X12 2X21; O Algarve: 221 22X X11 X1X2; Reconquista: 1X1 211 2XX 1111; RDP/Secção Desportiva: XX1 1XX 21X 111X; Jornal a Voz das Beiras: 211 111 X11 11X1; A Voz do Domingo: 2X1 2XX X11 112X; Grafanola Ideal: X12 X21 1X2 121X; A Voz do Domingo: 2X1 111 211 1121; Música e Não Só: 2X1 12X 21X X2X2; Ponto de Encontro: 211 2X2 2X2 11XX; Pátio das Cantigas: 2X1 11X 1X2 22X1; Café com Leite: X11 X2X 2X1 1122; Bola Branca: X1X 1XX 11X

11X2; Notícias de Évora: XX1 1X1 X11 11X2; O Comércio de Leixões: 2X1 1X1 21X 2X22; Jornal da Graça: X21 122 211 X1X2; Manchete Desportiva: 111 121 112 1112; Penalti: 211 121 212 1122; O Primeiro de Janeiro: X21 121 2X2 11X2; Quadrante Norte: 1X1 1X1 X1X XX1X; Repórter do Dia: 111 1X1 211 1112; Resenha Desportiva: XXX 121 X11 X1X2; A Voz dos Ridículos: 111 111 X1X 211X; Alvo Desportivo: X11 X21 X11 XXX2; Jornal de Gaia: XX1 122 X11 11X2; Jornal de Notícias: XX1 1XX X11 2122; Rádio Alvo: 2X1 12X 111 1221; A Voz do Ave: 2X1 22X X11 112X.

	F	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
	1	X	2				1	X	2	a)	
1. U. LAMAS - VARZIM	7	18	20				2	5	5		
2. FAMILICÃO - P. FERREIRA	18	22	5				5	6	1		
3. CHAVES - GIL VICENTE	40	4	1				10	1	1		
4. LEÇA - FEIRENSE	32	7	6				9	2	1		
5. NAZARENOS - ACADÉMICO	6	14	25				1	4	7		
6. BEIRA - MAR - ÁGUEDA	23	16	6				6	5	1		
7. U. COIMBRA - ALCOBAÇA	8	15	22				2	4	6		
8. COVILHÃ - RIO MAIOR	36	9	0				10	2	1		
9. U. SANTARÉM - OLIVEIRENSE	21	13	10				6	4	2		
10. SACAVENENSE - LUSITANO	27	12	6				7	4	1		
11. LUSITÂNIA - BARREIRENSE	34	6	5				10	1	1		
12. ELVAS - MARÍTIMO	10	19	16				2	5	5		
13. MONTIJO - FARENSE	9	9	27				2	2	8		

a) - Nos termos do Artº 149 do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

"2X1 121 211 11X2"

crônica de touros

SOLILÓQUIO

Do "Barflor" ao "puntillero" Agapito

Praça de Touros de Madrid.

Sexta-feira, 21 de Maio de 1982. Touros do marquês de Domecq para Rafael de Paula, Pepin Gimenez e Vicente Ruiz «El Soro» (os dois últimos confirmaram a alternativa). Sábado, 22 de Maio. Touros de Cuadri para Manolo Vazquez, António Chenel «Antofeta» e Jorge Gutierrez, do México, que confirmou a alternativa. Domingo, 23 de Maio. Touros de Moreno de Silva (antes Saltillo) para Miguel Marquez, Ruiz Miguel e Jorge Gutierrez.

O «Barflor» desapareceu. Na «Puerta del Sol», o relógio continua a bater horas por sobre o mesmo bulício apressado, ruidoso, sorridente apesar do «Barflor» já não estar ali, no seu lugar puse-ram uma loja de «hamburgers», o produto desinfetado, o ar condicionado, o pagamento antecipado, tudo isso que não existia na sua barra trepidante, a transbordar de vozes e de risos, e brancura de horchata valenciana, e cerveja escorrendo dourada e «bocadillos», e «tortillas», e lulas fritas, e aroma de café e de tabaco negro, fraqueza e mergulhar nas recordações, olhar as coisas novas como se já nos não pertencessem, como se o presente precisasse do passado para ser vivido; como se o toureiro de Antofeta, na corrida de Cuadri, não dispense saudades e lembranças, e aqueles momentos, mesmo sem chegarem à glória, não valessem por si mesmos. Porque tourear assim, como António Chenel, não pode ser coisa passada: o domínio do touro, do terreno, da distância, a plástica sem maneirismos, o senhorio. Ver quadrar um touro, touro mesmo, com aqueles três ajudados, deixa-nos hesitantes entre a sabedoria e a beleza — apenas seguros de que Antofeta, entre os matadores de hoje, é o maestro. E não por nascido na capital do toureiro, por nela consagrado até nos silêncios com que o espera: pois Madrid trata como seus também os maestros doutras bandas, como Manolo Vazquez e Ruiz Miguel. Não se sobressaltou Manolo, mas a gosto não esteve com a corrida de Cuadri, casta, poder, lenha nas cabeças, e uma aspereza que apesar de nobre era areia de mais para a camioneta do se-

vilhano, não podera com ela repetir seus distantes e clamorosos triunfos em Las Ventas; e ficaram os apontamentos do fino estilo, o gozo de vermos sua maneira de estar na arena, o respeito pelo seu gesto de vir a Madrid medir-se com uma divisa das poderosas, não com uns touritos desses que são criados de maneira a não aprenderem para que têm os chifres. Desse tourito não sabe Ruiz Miguel, com os também emastados saltitos mostrou como em cada tarde se faz digno da sua fama de valente: e se nuns passes lhe amarraram as hastas de engano, com ganas redobradas se entrega na busca do temple com que submeter o inimigo. Ganhara a orelha do segundo, mas sobrou-lhe casta para superar a do excelente quinto. E se lhe roubou o «descabello» novo troféu, clamorosa foi a volta à arena, teve de dar uma segunda; e já metido no «burladero» dos matadores, com os timbales e clarins a chamarem o último da tarde, de novo foi crescendo o clamor, a obrigar o de Cadiz a sair outra vez à arena, chegava a ser comovente aquele coro de «Torero! Torero! Torero!»

Toureiro pode ser, veremos, o mexicano Jorge Gutierrez. Enganaram as primeiras impressões, quando na tarde dos Cuadri pareceu vulgar no touro da confirmação da alternativa, primeiro que matava em Espanha, e silenciosas deixou as bancadas; mas já na faena ao que cerrou praça, nem sempre com sossego, assomaram o temple, aqui e ali o sabor, depois a forma segura de matar. E no dia seguinte, tanto no bravo Saltillo como no tardo Nuñez, o jovem e já confiante mexicano mostrou que afinal é gente, que seu toureio não

se faz apenas com planta, nele coexistem as virtudes da cadência e da ligação, uns aos outros se prendem os passes e os olés.

Foram coisas que não vimos, cadência e ligação, na oitava corrida deste Santo Isidro madrileño, apesar da excelência do curro do marquês de Domecq, que acabou infelizmente remendado com um touro de Perez Tabernero e outro de Nuñez, sem classe e ainda por cima a levantarem o geral protesto contra a presença na arena de duas divisas a quem acaba de ser levantada, até decisão dos tribunais, a suspensão que lhes fora decretada por fraude de «afeitado»: por onde se viu que da má fama não conseguem os juristas livrar os ganaderos que se prestam à miscambilha com as hastas de seus touros. Quanto aos jovens que nessa tarde confirmaram a alternativa, por andar asseado se ficou o louro Pepin Jimenez: uma certa e luzida finura mostrou às vezes o toureiro de Lorca, mas esbatida ficou pela sua frieza, por aquele mover do engano como separado do touro, que o tomava sem nele se embaber, seguiam o mesmo caminho e era como se cada um tivesse o seu. Mas desilusão maior foi a de El Soro, feito ídolo de Valência, chegado a Madrid com ganas de comer este mundo e o outro, abriu-se o portão das quadrilhas e lá de dentro veio em passo decidido postar-se entre os companheiros, desafiante olhava a praça cheia enquanto nos calcanhares levantava e baixava a pequena figura, como se para ela buscasse firmeza na arena a conquistar. Vestia o traje branco e ouro da triunfal alternativa, que depois da confirmação não quer mais cingir, decerto por histórico: propósito sujeito a alteração, pois aplausos ouviu-os nas bandarilhas, vistosos mas rápido e de pouco estilo, saindo dos pares em marcha tipo militar: tudo o resto, da apresentação em Madrid do toureiro de Foyos, da esperança da gente das «huertas» valen-

cianas, foi um fracasso de todo o tamanho, toureiro tosco, para já escasso de conhecimentos, e talvez para sempre de classe, flor da sua terra, imprópria para exportação, para lugares onde aroma for exigido.

Em Jerez ficou o aroma de Rafael de Paula, que dos dois jovens espadas foi na mesma tarde padrinho, padrinho e nada mais, tudo ficou nas cerimónias de dar e receber enganos, e algumas inúteis diligências para tentar vencer as desconfianças, delas extrair aqui e ali a beleza dalgum passe solto, esquecido no naufrágio da espada, só para matar o terceiro gastou uma dúzia de entradas e outros tantos descabellos, era o salve-se quem puder, por uma unha negra não regressava vivo o touro do Marqués. E na viagem do irremediável regresso está Miguel Marquez, não o sustentam alguns assomos da antiga e constante valentia, do malaguenho não cabe sequer a espera por alguma compensadora inspiração.

De inspiração não precisa um «puntillero»; mas de coração sim, mesmo ao amparo do «burladero». Se acontece o raro caso de haver que deitar abaixo um touro bem vivo: foi na corrida de Cuadri, devolvido segundo por coxo, não quis seguir os mansos, com mais breve vida pagou a teimosia. E ali estava o veterano Agapito Fernandez, sobrado de valor para meter sua «puntilla» num touro que a espada não derrubara, nem picado fora, e de tão longas e agudas hastas. Fulminado o touro, aos ouvidos do puntillero da Monumental soaram os aplausos como clamores, sentiu o velho Agapito que era também chegada sua hora e vez, de dar a volta àquela arena que tantos e tantos percorreram, partindo do ponto final de ser golpe certo. E lá foi Agapito, na volta que não lhe pediram nem mandaram, segredou-lhe a alma que por uma vez esquecesse regras e modéstias, por isso não iria a praça de Madrid deixar de ser no mundo a primeira.

CITROËN DYANE NAZARÉ VENDE-SE

ÓPTIMO ESTADO MECÂNICO — PINTURA NOVA
RESPOSTA AO D.L. N.º 3602.

OPÓTICA CENTRAL DA AV. DE L. DA

TÉCNICA DE LONGOS ANOS
AO SERVIÇO DA ÓPTICA
ESPECIALIDADE EM RECEI-
TIVADO OPTALMOLÓGICO
LENTE DE CONTACTO
RÍGIDAS SEMI-RÍGIDAS
E HÍDRÓFILAS

FORNecedoras DAS CAIXAS DE PREVIDENCIA

Calçada de Marquês, 257-253 Telef. 666642 1200 LISBOA

(Próximo ao Monumento da Liberdade)

o diário

QUEM CONTA
UM CONTO...

SÁBADO (5)

LISTA COMPLETA
DOS PREMIADOS
DO CONCURSO

Câmara Municipal de Oeiras

A V I S O

Concurso público para arrematação da empreitada de «Construção da Escola de Linda-a-Velha (Av. D. Pedro V) — projecto tipo P3 incluindo arranjos exteriores».

Base de licitação 24 778 473\$00
Caução provisória 619 462\$50

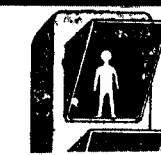
Alvarás exigidos — Obras Públicas 1.ª subcategoria da I categoria ou I categoria ou ainda categoria única dos Industriais da Construção Civil e classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17 horas do último dia do prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10 horas no primeiro dia útil, a seguir ao termo do prazo acima referido.

Local e horário para exame do processo — Divisão de Equipamento Social e do Ambiente, durante as horas de expediente.

Paços do Concelho de Oeiras, em 26 de Maio de 1982

O Presidente da Câmara
José António Silva Ramos

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

'Um Lobisomem americano em Londres'
de John Landis

Quando David se transforma em lobisomem ante os nossos olhos, na que é uma das grandes proezas técnicas de efeitos especiais de maquilhagem deste filme, o que sentimos? Primeiro uma sensação de piedade pelo personagem; depois, numa súbita identificação com ele, invade-nos o medo (a transformação é visivelmente dolorosa, crível, imparável, temível para quem a sofre — e se fôssemos nós a entrever um monstro que nos habita as entranhas a vir à superfície?); por fim, acontece o horror: ele é definitivamente o outro, irredeutível ameaça.

O cerne de *Um Lobisomem americano em Londres* é a transformação: comédia, história de amor, filme de terror, humor, humor negro, riso, medo, espanto, espectáculo. John Landis, celebrado em duas comédias loucas (*A República dos cucos* e *O dueto da corda*) acolhe o público português não acolheu favoravelmente, mas que foram enormes sucessos em todo o mundo, resolve pegar nas sen-



David Naughton contorce-se: vai começar a sua transformação em lobisomem

sações que o cinema pode dar e encavalitá-las, pô-las a reagir umas sobre as outras.

Há alguma perversidade neste jogo calculado, neste desafio às regras da homogeneidade, nesta ironia de pôr o «Blue moon» a rimar com lobisomens, a solidão a rimar com o medo, a surpresa a rimar com o espectáculo, as convenções a rimar com a diferença.

Nunca se viu a clássica cena dos choques em série de automóveis, inevitável em qualquer burlesco que se preze, funcionar no interior de uma ficção de lobisomem à solta (terrivelmente à

solta) em Picadilly. E que a gente que, quer queira quer não, tem as reacções programadas por via da imediata identificação do estímulo fica sem saber como se posicionam face a um filme que não respeita as progressões a que muitos anos de cinema nos condicionaram.

O desafio é conseguido? É difícil dizê-lo. Que *Um Lobisomem americano em Londres* é uma surpresa (neste tempo em que o cinema surpreende cada vez menos) isso é inegável. Que Landis consegue manipular os códigos com a destreza de um perito e a desarmante perversi-

dade lúdica de uma criança isso é evidente. Mas dá-me a sensação que o filme vive de uma ideia, após a qual fica um pouco com a criança nos braços. A rapidez com que se conclui parece-me disso prova.

FICHA:

Título original: An american Werewolf in London.

Realização e argumento: John Landis (G. B.-1981)

Fotografia: Robert Paynter

Cenários: Leslie Dilley.

Efeitos especiais de maqui-

lhagem: Rick Baker.

Música: Elmer Bernstein.

Montagem: Malcolm Campbell

Interpretação: David Naughton

(David), Griffin Dunne (Jack),

Jenny Agutter (Alex), John Wo-

odvine (dr. Hirsch), Brian Glover

(o jogador de xadrez), etc.

Distribuição em Portugal: Fil-

mes Lusomundo.

Cinemas: Borna e Caleidoscó-

pio.

Classificação: Não aconselhá-

vel a menores de 18 anos.

Duração: 97 minutos.

O melhor
retrato de mulher
do cinema americano.

ROBERT BENAYOUN • LE POINT



**uma
mulher só**
"AN UNMARRIED WOMAN"

Obra-prima de
PAUL MAZURSKY

JILL CLAYBURGH • ALAN BATES
MICHAEL MURPHY

Prod. de PAUL MAZURSKY • TONY RAY
Argum. de PAUL MAZURSKY Música de BILL CONTI
INTERD. A MEN 13 ANOS COLORIDO

FILMES CASTELLO LOPES



apresenta

2ª semana **CINE 222**
UM GRANDE ACONTECIMENTO!

FRANCO NERO

Cada
homem
existe
para
cumprir
o seu
destino!

KEOMA
voltou
para
cumprir
o seu
e melhorar
o dos
outros!



Não aconselhável
a menores de 13 anos

Keoma



WILLIAM BERGER • ORSO MARIA GUERRINI
GABRIELLA GIACOBBE • WOODY STROODE
Realiz. de ENZO G. CASTELLARI • TECHNICOLOR®

UM «WESTERN» INVULGAR

hoje às 21.30

POLITEAMA

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Uma mulher sorri à morte com meio corpo



Glicinia Quartim em «Dias Felizes»

«DIAS FELIZES», de Samuel Beckett. Tradução: Jaime Salazar Sampaio. Encenação: Artur Ramos. Cenografia: João Abel Manta. Assistência de Encenação: Durval Lucena. Interpretação: Glicinia Quartim e Fernando Heitor. Produção: Centro Bernardo Santareno - Casa da Comédia. Estreia: Casa da Comédia. 20-5-1982.

1. Memória e confronto

Também os cronistas teatrais têm os seus dias felizes. Não me refiro aos bons espectáculos que podemos ver porque isso é (devia ser) rotina. Refiro-me a oportunidades, que não podem deixar de ser raras, de que o cronista desfruta e em que é confrontado não apenas com aquilo que vê mas também com aquilo que já viu, e pode percorrer esse itinerário fascinante entre o teatro perdido e o teatro reencontrado. Confrontar versões diferentes do mesmo espectáculo e as suas reacções condicionadas por tantas circunstâncias, é um exercício a que é difícil escapar. Vai por isso o leitor permitir que não desperdice esta oportunidade servindo-me naturalmente da crónica escrita nos idos de 1968 e publicada na «Vida Mundial», revista que o tempo levou.

De acordo com os limites de que dispunha num ofício cuidadosamente vigiado, procurei então descobrir no belo espectáculo da Casa da Comédia o que, na peça de Beckett e no trabalho do grupo, me parecia superar a leitura, mais mecanicista do que dialéctica, de Bernard Dort publicada numa revista célebre, o «Théâtre Populaire». Dor via em Winnie, a principal personagem da peça, o retrato de uma pequeno-burguesia com os seus ridículos, os seus tiques, os seus ritos mais cómicos do que trágicos... enquanto, a meu ver, a peça de Beckett, mais radicalmente pessimista, se situava numa zona trágica superior, em que os homens, depois do fim dos deuses, viam chegado o seu próprio fim. Retrato do fim do homem, no concreto da sua história, «Dias Felizes», como «À Espera de Godot», demonstrava, por absurdo, a necessidade da resistência humana, não do ser humano como entidade abstracta mas na sua transitoriedade histórica e social.

Hoje, retrospectivamente, e hoje perante o espectáculo agora reposto, poderia estabelecer novas leituras, do texto e da encenação. Em 1968, o espectáculo poderia sugerir-me, se fosse possível, como um ritual em que a personagem de Beckett surgisse como símbolo de

um povo humilhado na sua carne e no seu espírito, metido no seu buraco, forçado a aceitar um destino de solidão e destruição, capaz no entanto de sorrir, de construir até ao fim uma muralha de palavras e de esperança.

Hoje, um outro aspecto ressaltaria: o facto de ser uma mulher a personagem a quem Beckett confiou a missão de sustentar com o seu sorriso, a sua voz, os seus olhos, o peso da vida.

Porém, para lá dessa visão de um espectáculo suficientemente aberto para as justificar, bem como a outras, impor-se-ia uma leitura mais humilde, mais directa, em que o espectáculo me surgisse através dos seus valores teatrais e não como processo de metaforização que pode dispensar no seu concreto absoluto.

Não há grandes alterações entre o espectáculo de há 14 anos e este, mas há uma que é importante. Desapareceu o referente fotográfico do deserto (do dispositivo cénico também de João Abel Manta), referente que artificializava correctamente o projecto de Artur Ramos, exprimindo não o real mas a reprodução do real. Agora o cenário surge como um lajedo, uma paisagem cataclísmica, com Glicinia Quartim metida num dos buracos entre duas lajes, sinal concreto de um mundo que acaba. Esse lugar cénico remete-nos para o espaço trágico que, de acordo com Beckett, é o lugar onde vivemos. O buraco, espaço cénico de Winnie, é o lugar da sua vida mais do que da sua morte. Pelo contrário, Willie que não está preso a um arrastado, antes deambula por ele, arrastando-se é certo, acaba por morrer.

Esse referente trágico, o lugar cénico, espécie de ventre ao contrário, em que a morte acabará por explodir, absorvendo a personagem em vez de a expelir, como no parto, é também, como se compreende, um referente especificamente teatral: Winnie, personagem, é Glicinia Quartim, actriz, que é Winnie, a personagem. Esta passagem a intérprete-personagem-intérprete é enquadrada por um movimento extremamente modesto, absolutamente óbvio: as pancadas de Molière e o pano de boca. Sinais de teatro por excelência, a sua denotação ajuda-nos prodigiosamente a reateatralizar o espectáculo.

Trabalho notável de Artur Ramos, com João Abel Manta, trabalho admirável de Glicinia Quartim, no entanto, aqui ligeiramente prejudicado pelo facto de Fernando Heitor, a meu ver,

não ter conseguido dar a réplica convincente à criação da actriz. Pelo menos na noite desta resenha não consegui encontrar o que vi em 1968: uma das coisas mais lancinantes que vi até então em teatro.

Para resumir, reencontramos na Casa da Comédia um espectáculo que nos permite descobrir um grande texto do teatro contemporâneo, um grande trabalho do teatro português, uma grande actriz. Um grande texto em português o que significa que também para Jaime Salazar Sampaio devem ir os nossos aplausos. Isto para quem não viu o espectáculo anterior. Para quem viu, e certamente quererá voltar a ver, é uma oportunidade única para pôr em confronto não só as duas versões (de resto aproximadas) mas as suas próprias reacções. Beckett em fascismo, Beckett em liberdade são necessariamente diferentes, como diferentes poderão ser os sentidos dos nossos olhares para com uma realidade teatral que não é felizmente fixa. Como aliás um outro ponto de vista sobre o espectáculo poderá demonstrar.

2. Respirar a sombra viva

Uma mulher. Meio-corpo de uma mulher. A parte inferior permanece invisível. As pernas dela como são? Pergunta, pela voz dela, um casal que nunca vemos.

Uma mulher. Um rosto. Palavras que se esquecem. Uma memória que se perde. O dia que passa. O tempo que passa. A vida — maravilhosa — que passa. Nada me dói, enfim quase nada, diz ela.

Uma saca. Dentro os objectos do quotidiano: um velho revólver, um espelho, as coisas com que se disfarça o tempo. Primeiro acto da manhã, depois do despertador: lavar os dentes. Cuidadosamente. A vida é bela, diz, apesar de tudo. No entanto, é preciso mudar o Mundo, diz. Winnie, personagem de Beckett.

Os olhos brilham, há um sorriso, para nós, para lembrança possível; há pequenos, insignificantes gestos; os únicos possíveis: leves inflexões de cabeça, os braços que se levantam, os dedos que mexem. Há uma respiração. Winnie, personagem de «Dias Felizes», tradução de Jaime Salazar Sampaio, cenário de João Abel Manta. E uma actriz: Glicinia Quartim; e um actor: Fernando Heitor. No palco, o pavimento de enormes lajes, fendido como por um grande cataclismo. Lajes de uma sepultura, talvez. Winnie permanece no buraco, numa das infractu-

sidades, a meio do lajedo. Sorri. Sorri à morte com meio-corpo, para conosco Rodrigues Miguéis. Fala connosco, com ela, com os seus fantasmas benévolos, com Deus. Fala também com Willie, que permanece oculto na sombra, para além dela; mostra uma mão, a cabeça ferida, coberta por um lenço e por um chapéu de palha.

Winnie gasta as suas palavras que são breves; gasta os seus silêncios que são densos; gasta os seus risos que são transparentes. Por momentos, muito curtos, perpassa pelos seus olhos a sombra imensa de um terror inominado mas logo o sorriso esconde a amargura, a palavra destrói a solidão.

As sombras caem lentas, diáfanas. Depois, Winnie surge metida no buraco até ao pescoço, no entanto sorrindo ainda, a vida, continuando a amar a vida.

É certo que o seu sorriso se rarifica, é certo que já não pode olhar os seios de que se orgulha, é certo que se aproxima o fim, e que ela não o ignora. Como não espera Godot (Godot não existe), como sabe que a Vida é uma passagem curta (demasiado breve para ser pequena, como dizia não sei quem), ela quer absolva-la toda, pela boca, pelos olhos, pela pele, pelos ouvidos, pela voz.

A actriz Glicinia Quartim tem na sua pele, nos olhos e no olhar, na boca e no sorriso, nas mãos e nos gestos, na voz e nas inflexões, no espírito e no pensamento, a personagem de Beckett. Por um momento não a vemos, por um momento penetramos entre ela, a intérprete, e a Outra, a personagem, que ali está, que não está ali.

Mais tarde, Willie, em traje de cerimónia, vai arrastar-se punentemente, vai estender pela última vez a mão que não chegará a tocar o rosto amado. Mais tarde.

Mais tarde, as sombras adensar-se-ão. Sobre o rosto de Winnie, aliás Glicinia Quartim, cairá pela última vez o pano da vida, o pano do teatro. Há ainda um tempo para um último sorriso; para uma última palavra; para um último olhar; para um último suspiro; para uma última respiração. Respirar a sombra viva, diria o poeta.

Mais tarde. Há ainda um momento — oh! um momento — para viver.

Mais tarde, a morte.

Mais tarde.

P.S. «Respirar a Sombra Viva» é o título de um volume de António Ramos Rosa. A segunda parte desta crónica é constituída pelo texto, na íntegra, transmitido no programa «Forma e Conteúdo», da RDP.

canal da crítica

Mário Castrim

Os toiros de Queluz e os lobos do Lumiar

Passam seis minutos da meia-noite. A locutora menciona o programa para «hoje». Pela hora solar, está correcto. Passam seis minutos das zero horas, logo é hoje. Se um menino nascesse naquele minuto, a data de nascimento apontava três de Junho. O rigorismo oficial na RTP é tamanho que, antes de ontem, quando passava um minuto das zero horas já a locutora apontava «para o serão de hoje» o filme tal e tal...

Mas ao tempo oficial antepõe-se o tempo lógico e psicológico. Acabado um programa, segue-se o programa do dia seguinte. O programa não

tem culpa que o tivessem acabado minutos já dentro doutro território oficial. Se depois de um programa, a locutora disser as rubricas «do nosso programa para hoje», parece concluir-se que naquele dia houve dois programas.

(Livra, com um só já é aquilo que se sabe...)

● Já se falou aqui da péssima colheita profissional da temporada, na RTP. O facto deriva de se fazer a admissão fugindo aos valores profissionais para dar preferência aos critérios político-partidários. A coligação no poder não se interessa pela qualidade mas pela fidelidade.

Ninguém se admirará se, um dia, por absurdo, Balsemão & Freitas não puserem de serviço no Telex-jornal os pastores alemães das suas quintas. A dicção poderá ser defeituosa mas quanto a fidelidade — é canina.

● No fim do «último jornal» Rui Romano diz que acaba de lhe chegar às mãos uma notícia insólita, mas que não se trata de uma mentira carnavalesca (credo, a RTP era lá capaz de uma coisa dessas!) ou coisa parecida. E conta como três toiros andam à solta em Queluz e já causaram ferimentos em várias pessoas. «Notícia profundamente estranha, mas verdadeira», remata o menino Rui na sua redacção escolar nocturna.

Três toiros à solta? A justificar tanto interesse nacional? Meus senhores, vá, um pouco de humildade e de bom-senso. Deixem-se de lisboatices. Televisão serve todo o País e as notícias hão-de aproximar-se desta dimensão. Televisão não é propriamente «jornal de parede» ou boletim de paróquia.

Depois, reparem só: tanto barulho por causa de três toiros à solta enquanto na televisão licantropica andam à solta umas dezenas de lobos — e não dizem nada...

● Os Estados Unidos são um grande país, de responsabilidades indiscutíveis nos destinos do mundo. Mereciam outro presidente. Dizem que Reagan é o segundo grande desastre da América moderna. O outro foi Pearl Harbour.

O seu anticomunismo é tão cavernícola, tão ridículo que consegue meter o de Sitau Monteiro e o de João Gomes num chinelo.

Mostra-se contentíssimo com o ingresso do franquismo pós-tumo na NATO. «Vejam lá, diz ele com uma expressão alvar, vejamos lá se qualquer país pede o ingresso no Pacto de Varsóvia...»

Não é um presidente: é um pesadelo. A RTP ouve-lhe as gracinhas e baba-se toda. Nasceram um para o outro.

● O espião que saiu do frio prova, testemunha essencialmente a utilização dos homens como simples objectos, no mundo ocidental.

Leamas, antigo espião inglês, é enviado à República Democrática Alemã em missão que ele próprio desconhece. Leamas é um desencantado. O Bem e o Mal, Comunismo e Capitalismo, para ele é tudo igual ao litro.

No último segundo do filme (no livro é na última página) tudo porém se lhe torna claro. Usaram-no, como se fosse a peça num tabuleiro. Então decide-se a ficar na Alemanha Oriental, mas do Ocidente não lhe perdoam.

Infelizmente, as dimensões do pequeno visor dificultam a leitura correcta do final. Seria interessante uma discussão sobre o filme, após a exibição.

Logicamente, a RTP não estava interessada nisso...

Mário Castrim
P.S. — Requisitados os serviços ao domicílio de «SOS, clínica de televisão», só a competência, a eficiência e certamente a muita consideração pelo «Diário de Lisboa» e o respeito pela actividade jornalística tornaram possível a publicação hoje do «Canal da Crítica». O SOS foi atendido, o agradecimento aqui fica. — M.C.

Tribunal da Comarca de Lisboa

14.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução SUMÁRIA n.º 5463 2.ª secção.

Exequentes — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P.

Executado — JOÃO DOMINGOS DA CRUZ BELO e mulher ADELAIDE TERESA TOMÁS FERREIRA DA CRUZ BELO, residentes na Estrada Nacional (Restaurante S. Cristóvão) Vila Franca de Xira.

Lisboa, 24 de Maio de 1982

O Juiz de Direito,
Abílio Maria Peres

O Escrivão de Direito
Maria Fernanda Marques Nogueira
Ribeiro e Silva

D.L. — 3/6/1982
1.ª Publicação

Rua Tenente Raul
(ascas), 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do bairro
dito

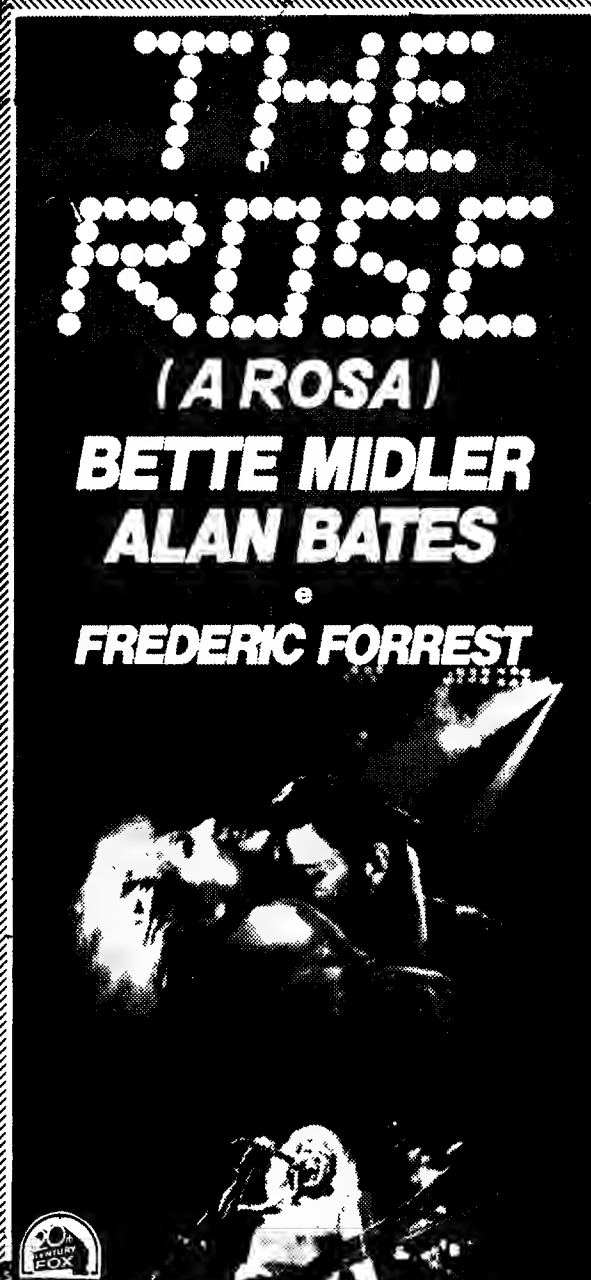
teatro da Cornucópia

O labirinto
de Creta
de
António José
da Silva
(O Judeu)

3.º e ÚLTIMO MÊS

De quarta a sábado às 21.00
Domingo só às 16.30 h

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
lembra ao condutor que deve abrandar a velocidade ao se aproximar de um grupo de peões que transitam nas bermas da estrada.



Produção de MARVIN WORTH & AARON RUSSO. Realização de MARK RYDELL. História de BILL KERBY. INTERDITO MEN. 13 ANOS. COLOR DO

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

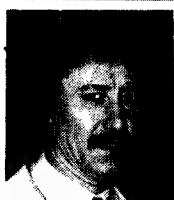
PREMIADO EM HOLLYWOOD
COM 3 GLOBOS DE OURO

2.ª SEMANA **quarta**

FORÇA TORRENCIAL, EXPLOSIVA...
UM CINEMA DE NOVA DIMENSÃO!

ADOQUE
TELEF 87 44 78

2.ª, 3.ª, 5.ª, às 21.30
6.ª e SÁB. às 20.30 e 23.00
DOM. às 16 e 21.30
FOLGA à 4.ª



Henrique Viana



Delfina Cruz

A REVISTAÇA!!!

Tá entregue
à Licharada

UM ELENCO SENSACIONAL



António Montez



Magda Cardoso



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Directamente da Praça de Toiros do Campo Pequeno
transmissão da Corrida de Gala à Antiga Portuguesa

- 18.18 País, País
18.45 Tempo dos Mais Novos — «As Aventuras de Gulliver».
19.15 República — Arouca.
19.55 O Tempo
20.00 Telex-jornal — noticiário nacional e estrangeiro.
20.35 «Vila Faia»
21.30 Transmissão em Directo da Praça de Toiros do Campo Pequeno da Corrida de Gala à Antiga Portuguesa, integrada nas Festas Taurinas da Cidade de Lisboa
23.10 Último Jornal



A série «Inspector Maigret»
volta esta noite ao pequeno
ecran da RTP-2

- 18.18 País, País — informação regional.
18.40 Éxitos de Ontem — «Meninos Ciganos».
19.05 Musical Ligeiro — canta Lara Li.
19.35 «Sítio do Picapau Amarelo» — «Curupira».
20.00 Informação/2
20.30 Museu do Cinema — com o filme «Os Fidalgos da Casa Mourisca».
21.00 Complemento Directo
21.45 «Inspector Maigret»

Amanhã



11.52: «O Príncipe com Orelhas de Burro»; 12.25: «Ciranda de Pedra»; 13.00: Primeiro Jornal; das 13.30 às 18.10: Ciclo Preparatório TV; 18.18: País, País; 18.45: Tempo dos Mais Novos; 19.15: Aprender Saúde; 19.55: O Tempo; 20.00: Telex-jornal; 20.30: «Vila Faia»; 21.00: «Plantão de Polícia» — 11.º episódio; 22.00: Toma Lá Dá Cá — concurso; 23.00: Último Jornal.

18.18: País, País; 18.45: O Cavalo; 19.05: Espaço Verde; 19.35: «Sítio do Picapau Amarelo»; 20.00: Informação/2; 20.30: Imagem das Letras; 21.30: «Fitas» — 5.º episódio.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



Corrida de Toiros à Antiga Portuguesa
(21.30)

«Inspector Maigret»
(21.45)



Além de um programa à escolha oferece-lhe



21.45 — MUSEU DO CINEMA

Um programa de António Lopes Ribeiro
Neste programa inicia-se a apresentação do filme «Os Fidalgos da Casa Mourisca» adaptado do romance de Júlio Dinis. Será apresentador e comentador António Lopes Ribeiro, que será acompanhado ao piano pelo Maestro Resende Dias.

21.45 — INSPECTOR MAIGRET
(1.º episódio)

O comissário Maigret investiga a morte da mulher do proprietário do Yacht «Southern Cross», cujo cadáver aparece misteriosamente no estábulo do dono de um café.
Interpretes: Jean Richard, Jean Moulin, Paulette Frantz, Hélène Bossis.
Realização: Yves Allegret

ASSISTENCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Caraca, 17 Cruz Quebrada - Tel. 2112871

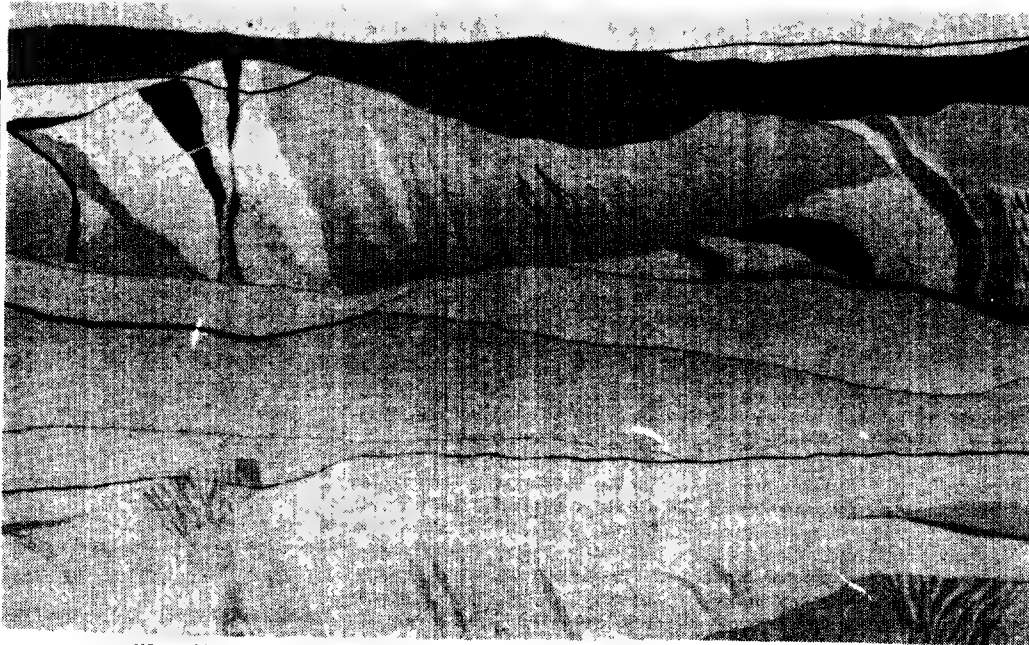
roteiro cultural

Música

Os VI Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea prosseguem hoje, às 18.30, no Auditório Dois da Fundação, com um concerto pela pianista Kate Wittlich em que serão ouvidas obras de Stravinsky, Gunther Kahowetz, Webern, Friedrich Cerha e Hans-Erich Apostel.

A noite, no Grande Auditório um conjunto dirigido por Álvaro Salazar e constituído por Andrew Swinnerton (corniões), Paulo Simões Alberto (clarinete), Pi Chao-Chen (piano), Alejandro Erlich (contrabaixo), Mário F. (harpa) e João Paulo (piano), interpretará, às 21.30, «Paths», de Roy Ro- e «Lunar», de Virgílio Melo. A segunda parte do concerto será preenchida por «Double (teatro musical)», de Constança Capdeville. Intérpretes (sob a direcção da autora): António Wagner (barítono), Luísa Vasconcelos (violoncelo), João Paulo Santos (piano), Jorge Peixinho e João Heitor (percussão).

O coro Bach da Igreja Evangélica Alemã dá hoje um concerto, às 21.30, no Instituto Alemão. Colaboração de Jeans-Uwe Eggers (tenor),



«Wisky Marado», pintura de Gracinda Candelas em exposição na Galeria de Ana Isabel

Gisela Abrantes (piano), Klaus Demuth (piano) e Manuel Morais (guitarra), sob a direcção de Hartmuth Zitzman.

No Hot Clube de Portugal, hoje, amanhã e no sábado, às 22.30 e às 00.30, apresenta-se uma banda do Porto: o Quarteto Transatlântico, com Rui Azul (sax, tenor e soprano), Filipe Mendes (guitarras),

Eduardo Silva (baixo) e Luís Monteiro (bateria).

Cinema

Integrada na exposição «Imagens da Suíça Francesa», que é inaugurada hoje nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação

Gulbenkian, vai ser apresentada uma série de filmes que permitirão observar as várias facetas da cinematografia suíça. O programa é constituído da seguinte forma: hoje, às 18.30, «Lettre a Freddy Buache», de Jean-Luc Godard, e «Lausanne», de Yves Yersin. Esta sessão será seguida por uma conferência-debate, com a presença de Freddy Buache, director da

Cinemateca de Lausanne. Amanhã às 16 horas, «Partie sans laisser adresse», de Jacqueline Veuve, e «Séuls», de Francis Reusser. Dia 5, também às 16 horas, filmes experimentais de Douglas Boer, Matteo Emery e Véronique Goel.

Com a apresentação de «O Enigma de Kaspar Hauser», de Werner Herzog, no AR.CO prossegue hoje a sua programação de filmes alemães. Esta obra será apresentada também amanhã. Para a sessão de sábado, o AR.CO programou «Coração de Cristal», outra das mais famosas obras de Herzog. As sessões iniciam-se às 21.45.

Colóquios

Hoje e amanhã, às 21.30, terão lugar no Auditório da Cooperativa Árvore, no Porto, duas sessões públicas sobre literatura galega. Hoje Pilar Vázquez Cuesta falará sobre «Problemática da literatura galega» e elementos do grupo teatral «Escola Dramática Galega» realizarão um recital de poesia galega. No final haverá colóquio. No dia 4, terá lugar uma mesa redonda sobre «Poesia na Literatura Ga-

lega», com a participação de Pilar Vázquez Cuesta, dos poetas Manuel Maria, Mendez Ferrin e Claudio Rodriguez Fer. Estas sessões são organizadas pela Sociedade Portuguesa de Autores e a entrada é livre.

Exposições

Gracinda Candelas expõe pintura na Galeria de Ana Isabel até 18 de Junho, todos os dias das 14.30 às 19.30 horas, menos aos domingos.

A Revista SEMA lança hoje, às 19 horas, no Edifício Mobil (R. Castilho, 165, em Lisboa), o seu último número, com extensa e variada colaboração. O evento será assinalado com a abertura da exposição «desenhos?» e a apresentação de Urraca «a serpente voadora».

Uma exposição de obras de Bernardo Marques, abrangendo o período de 1920/30 e contida por um valioso e importante conjunto de desenhos e ilustrações pertencentes à colecção da sua viúva, Elisa Marques, foi ontem inaugurada nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

8.º JUÍZO ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE público que, no dia 28 de Junho próximo, pelas 14 h 30, à porta do Tribunal do 8.º Juízo Cível da comarca de Lisboa — Palácio da Justiça — 5.º Piso —, e nos autos de execução sumária, com o n.º 505, que Metakúrgica Duarte Ferreira, S. A. R. L., com sede no Tramagal e escritórios na Av. 5 de Outubro, 122 — 4.º em Lisboa, nove contra o executado — ARMANDO FERNANDO COSTA FERNANDES, residente na Av. Defensores de Chaves, 54 — 6.º Esq., nesta cidade, não-de ser postos em 1.ª praça e para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor que lhes vai indicado, os seguintes bens móveis — «Uma quota no valor de 1 800 000\$00, existente na «SOCIEDADE TÉCNICA DE CONSTRUÇÕES VIRGÍLIO PRETO, L.D.A.», com sede na Rua da Escola Politécnica, 140, em Lisboa, pertencente ao executado».

Lisboa, 27 de Maio de 1982

O JUIZ DE DIREITO,
(MANUEL MARIA DUARTE SOARES)
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
(CASIMIRO ROQUE GARÇÃO)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO 2.ª SECÇÃO ANÚNCIO

Por este Juízo e Secção referidos, nos autos de Execução Sumária que o Exequeute o Banco Pinto & Sotto Mayor, EP., com sede na Rua Áurea, n.º 28 em Lisboa, correu editos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do presente anúncio, CITANDO os Executados LUIS AUGUSTO FERREIRA PINTO e mulher MARIA TERESA SOUSA DIOGO PINTO, que tiveram a sua residência no sítio do Canal — Santa Bárbara de Nexe — Faro, e actualmente ausentes em parte incerta, para no prazo de CINCO DIAS, deduzirem oposição, pagarem ao exequente a quantia de 139 860\$50 acrescida de juros de mora vencidos até efectivo pagamento ou nomearem bens à penhora, sob pena deste direito ser devolvido ao mesmo exequente.

Lisboa, 28 de Maio de 1982

O Juiz de Direito,
As.) F. Chichorro Rodrigues
O Escrivão Adj.,
As.) C. Almeida Vitória
D.L. — 3/6/1982
1.ª Publicação



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; 17.05: Figuras e figurantes; 17.30: Ontem, amanhã e depois; 18.15: A década prodigiosa; 19.00: Música; 20.00: Programa da noite — folhetim; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Livre e directo; 23.30: Último jornal. Noticiários intercalares às 18.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Os olhos férteis; 17.30: Sinfonia n.º 90, em dó maior, de Haydn; 18.10: Sonatas para piano; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Abertura de «O Navio Fantasma», de Wagner; 20.10: Agrupamentos de câmara; 21.00: Mesa redonda; 22.30: Missa n.º 3, em fá menor, de Bruckner; 23.30: Poemas sinfónicos; 00.30: Música portuguesa; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

14.03: Matiné; 15.45: Teatro trágico; 17.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculo; 20.30: Quando o telefone toca (1.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: O vapor; 16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Espaço 3 P; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.05: Tempo económico; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares: 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 21.00: Os homens e os livros; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 042

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Nome de fruto.
- Magnetizaras.
- Asolar. Sadias.
- Alternativa. Elemento metálico semelhante ao chumbo, que tem o número 81, na classificação periódica. Aquí.
- Transpira. Antes de Cristo. Coragem.
- Conselho. Agência Telegráfica de imprensa (ant).
- Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Donzela de Orleães. Garra.
- Ligas. Investes num cargo.
- Tens. Rio de Portugal. Antes de Cristo.
- Impositor. Faça doação de.
- Tornas a atar. Letra grega.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9302

HORIZONTAIS:

- Autores. Quando. Berreiro ou choradeira de crianças (Bras).
- Crômio (s.q.). Épocas. Viscera dupla.
- Tens. Sua Senhora. Vossa Alteza.
- Ébano. Calculas.
- Doce como mel. Reis.
- Curso de água natural e abundante. Artigo definido (ant).
- Nome de jogo. Adória.
- Rasgue. Miriare.
- Festa de arraial (pl).
- Amuleto (pl). Grandes porções.
- Rezes. Adicionara.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

- Numerical cardinal. Esposa.
- Ruins. Lago.
- Desgraça. O mesmo que uma (ant. e pop). Artigo instrumento de tortura em forma de X.
- Cobrias de natas. Artigo Testamento.
- Apelido. Caminhar. Azáfama.
- Clima. Devassos.
- Relativo a oásis. Pronome pessoal.
- Sadio. Interjeição de dor. Preposição.
- Divisão territorial de algumas nações europeias.
- Apreciar.
- Nome de mulher (pl). Isolado).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 041

HORIZONTAIS:

- MAIS. VALE.
- Alindar. SER.
- Mul. Er. QS.
- Ag. Aquada.
- Amor. Re.
- Miami.
- Ganda. Mal.
- Lia. Goama.
- Hart. Um. Andu.
- Emale. Nutre.
- Rasamos. Mãe.

VERTICAIS:

- Mama. MULHER.
- Alugai. Iama.
- III. Maganas.
- SN. Coma. Ia.
- De. NINGUÉM.
- Vara. Dom.
- AR. Gruas. NS.
- QUE. Mau.
- Essa. AMANTE.
- De. Dra.
- Arma. ALGUÉM.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9301

HORIZONTAIS:

- Maihas. AC.
- Amar. Aatá.
- Pá. Revestir.
- Orne. RS. Era.
- Grelara.
- Pá.
- Irene. Veado.
- Ronha. Rol.
- Essa. Bara.
- Aarão.
- Assaltarias.

VERTICAIS:

- Rapo. Eira.
- Mara. Roças.
- Ma. Penhas.
- Arreganhara.
- Ea. Al.
- Mave. Lot.
- Eslavo.
- Sás. Bar.
- Aterrara.
- Alira. Doma.
- Cara. Sola.

Provérbo: Mais vale ser mulher de ninguém que amante de alguém.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52\$00	57\$00
ALEMANHA FED. (marco)	30\$05	31\$15
AUSTRIA (xelim)	4\$20	4\$40
BELGICA (franco)	1\$444	1\$444
BRASIL (cruzeiro)	\$192	\$442
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	57\$15	59\$15
(notas de 5 a 1000)	57\$85	59\$85
DINAMARCA (coroa)	6\$80	6\$20
ESPAÑA (peseta)	\$839	\$739
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	71\$50	73\$50
(notas de 5 a 1000)	72\$00	74\$00
FINLÂNDIA (marka)	15\$80	16\$20
FRANÇA (franco)	11\$50	12\$20
HOLANDA (florim)	27\$10	28\$10
INGLATERRA (libra)	128\$50	132\$50
IRLÂNDIA (libra)	104\$85	108\$85
ITALIA (lira)	\$049	\$069
JAPÃO (iene)	\$266	\$301
NORUEGA (coroa)	11\$75	12\$25
SUECIA (coroa)	12\$10	12\$70
SUIÇA (franco)	35\$20	36\$30
VENEZUELA (bolívar)	14\$80	15\$80

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
A PANTERA COR-DE-ROSA
c/ Peter Sellers

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anos
A ESTRADA DO AMOR

APOLLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 15.15, 18.15, 21.15 e 24.00
APOCALYPSE NOW
Um filme de Francis Ford Coppola
N. acons. a men. 18 anos
2.ª semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
OS BANDOZEIROS DA 12.ª HORA
c/ Michael Forest e Fred Harris

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 13 anos
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
AS SANDÁLIAS DO PESCADOR
Às 15.30 e 18.30 - Últimas
NORMAN RAY

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

UMA MULHER SÓ
Às 24
OS PROFISSIONAIS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
SEXO FRAÇO... JOGA FORTE
Às 24
VINGANÇA AO AMANHECER

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
SILVESTRE
4.ª semana

Às 24.00
APANHADOS NUM MUNDO DE BARRETES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OS SETE MAGNÍFICOS LUTADORES

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. de 13 anos
BALBÚRDIAS A BORDO

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. de 18 anos
MERCENÁRIOS POR CONTA PRÓPRIA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
OS MALDITOS
2.ª Semana
Um filme de Luchino Visconti

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
PORCOS COM ASAS

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

N. ac. a men. 13 anos
Às 15.15, 18.30 e 21.30
A GUERRA DAS ESTRELAS
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
A MULHER DO LADO
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve
7.ª semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30, 21.30
N. Ac. M 13 anos
O JUSTICEIRO DA NOITE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
VAMOS A ISTO RAPAZES

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Não ac. men. 13 anos
14.00 16.30 19.00 21.30
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15, 21.30
Int. M 13 anos
A RAIVA DO VENCEDOR

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Estreia às 21.30
A NOITE DOS MIL OLHOS

CARROL BAKER numa cena do filme «O Harém» em exibição no cinema QUARTETO



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
n. acons. men. 18 anos
Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30
A NOITE FEZ-SE PARA AMAR
9.ª semana

SALA 2
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
Int. a men. 18 anos
A ROSA

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
A EXECUÇÃO DO SOLDADO SLOVAK

SALA 4

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15
Não ac. a men. 18 anos
HARÉM

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CAMINHO DA LIBERDADE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. a men. 18 anos
A FRONTEIRA DA VERGONHA

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.
Vencedor de 3 «Oscars»
REDS
c/ Warren Beatty e Diane Keaton
10.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÉS
24.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14.00, 16.15, 18.45, 21.30
CONVERSA ACABADA
Não acons. men. 13 anos
4.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
NOSTRADAMOS - O HOMEM QUE PERDEU O AMANHÃ
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
A DIVINA LOUCURA
c/ Bette Midler
Às 11.15
FESTIVAL PANTERA COR-DE-ROSA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
32.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
N. acons. men. 13 anos
SEMPRE TE AMEI

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
CELEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

N. ac. a men. 13 anos
Às 15.00, 18.15 e 21.30
JESUS CRISTO SUPERSTAR
Um filme de Norman Jewison

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.
PÁGINA DE AMOR
Às 14.15, 16.30 e 19
OLHOS ASSASSINOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Mercenários por Conta Própria» 21.30 (18 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «Ragtime» 21.30 (13 anos)

CAPÍTULO - «Gatas Viciadas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

RESTELO - «O Terraço», às 21.30 (13 anos)

CITY CINE - «O Compromisso», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA - «Tarada Sexual», Sessões permanentes (18 anos)

MUNDIAL - «Mercenários por Conta Própria», 21.30 (18 anos)

2000 - «As Aventuras de Django», às 21.30 (18 anos)

OLIVAS - «Frankenstein Júnior», às 21.30 (13 anos)

POLITEAMA - «Keoma», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «Os D'gões do Kung Fu», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «O Fugitivo», às 21.30 (13 anos)

PÁTRIA - «O Bando de Jesse James», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «História do Banho Através dos Tempos», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - «Ostras-Cine» - «Os Cinco Alibis», às 21.15 (18 anos)

PARADE - «Royal-Cine» - «Caçada Selvagem», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - «Casino» - «O Buraco da Agulha», às 17.00 e 21.15 (18 anos)

ESTORIL - «Palácio» - «A Fúria da Razão», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «Promessa na Escuridão», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «O Campeão dos Lutadores», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Cine-Plaza - «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «A Terceira Geração», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cineestúdio - «A Secretária Particular do Meu Pai», às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Para Nós é Canção», às 21.30 (13 anos)

MOSCAVIDE - Stop - «Nea Adolescente Sensual», às 21.30 (18 anos)

MAFRA - Cine-Teatro - «Uma Viúva a Consolar», às 21.30 (18 anos)

MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Le-gião Estrangeira», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «O Violento Mister Mean», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Almada - «Gente Vulgar», às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Incrível - «100 Amas ao Sol», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Manhattan», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Não Me Falesem em Casa», às 21.15 (18 anos)

SETÚBAL - Júpiter - «A Amante do Tenente Francês», às 21.15 (13 anos)

Porto

ESTÚDIO - «A Destorrida do Kung-Fu» 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Mercenários por Conta Própria» 21.30 (18 anos)

S. JOÃO - «Ragtime» 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Os Heróis de Telemark» 21.45 (13 anos)

RAIOE - «A Banqueira», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «Papillon» 21.30 (18 anos)

CHARLOT - «A Defesa veste-se de Negro» 21.30 (13 anos)

BEBÉ - «Pixote, a Lei do Mais Fraco», às 21.45 (18 anos)

ÁGUA - «A Fronteira da Vergonha», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Moscou Não Acredita em Lágrimas», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Reds», às 21.45 (13 anos)

FOCO - «A Filha do Mineiro», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - «O Comboio dos Traidores», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «Uns e Outros», 21.30 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Virgem Até Certo Ponto», às 20.30 e 23.00 (13 anos)

JÚLIO DINIS - «Campeões na Cama», às 21.30 (18 anos)

Lisboa

PERMANENTE

TELES - Rua João de Barros, 2-Frente. Telef. 638176; ZIL - Av. da Igreja, 9-D. Telef. 891780; AZEVEDO IR. E VEIGA - Rua da Misericórdia, 24. Telef. 323540; SIMÕES - Cça. do Tojal, 102-A. Telef. 749849; OURIQUE - Rua Freitas Gazul, 32-B. Telef. 671667; NOVA - Rua de Campolide, 297-C. Telef. 687475; ESTEFÂNIA - Rua Pascoal de Melo, 90. Telef. 44438; CENTRAL DO LUMIAR - Alm. Linhas Torres, 254-B. Telef. 798063; CORREIA DE ALMEIDA - Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C. Telef. 547385; MARLUZ - Cça. da Picheleira, 140-BC. Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. Telef. 880703; ZEMA - Rua Gen. Justiniano Padrel, 21-A. Telef. 832580; H. AMARAL - Rua X Lote 146-A; CORREIA - Est. Principal Lote 172. Telef. 993148; NUNES - Est. Serra

teatros

Lisboa

ADÓQUE - «Tá Entregue à Bicharada», às 21.30 (18 anos)

MARIA MATOS - «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.30 (13 anos)

A BARRACA - «Fernão Mendes?», às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - «Não Há Nada pra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

VARIEDADES - «O Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

TEATRO ABERTO - «Oçam como Eu Respiro», às 21.30 (13 anos)

CASA DA COMÉDIA - «Dias Felizes», às 21.30 (13 anos)

ABC - «Chá e Porradinhas», às 20.30 (18 anos)

COMUNA - «A Viagem», às 21.45 (13 anos)

BAIRRO ALTO - «O Labirinto de Creta», às 21.30 (13 anos)

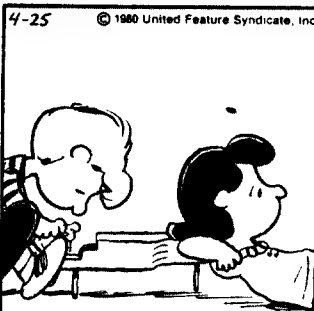
REFORÇO

MENDES GOMES - Cça. da Ajuda, 222. Telef. 838256; ESTADOS UNIDOS - Av. Est. Unidos América, 16-B. Telef. 885859; FIGUEIRAS - Av. Marquês de Tomar, 20-22. Telef. 44995; ZIRA - Pç. das Casas Novas, Lt. 66. Telef. 311216; RENASCENÇA - Rua Mascarenço Monteiro, 104-AB. Telef. 831504; CA-PUCHO - Rua Luciano Cordeiro, 2-A. Telef. 572078; S. A. E. SILVA FILHOS - Rua São João da Mata, 72-74. Telef. 861010; ALCALIS - Rua Carvalho Araújo, 46-B. Telef. 841708; DIMAR - Rua Conde de Monsarraz, 17-B. Telef. 842533; SOARES - Av. Álvares Cabral,



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASÇENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
 RUA LUZ BOMIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agências, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20854/5



O TEMPO			
MARES DE HOJE			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.49	3,7 m	7.42	1,2 m
14.13	3,7 m	19.58	1,3 m
Dia 4			
2.33	3,7 m	8.16	1,2 m
14.54	3,7 m	20.34	1,2 m

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	12°
VILA REAL	16°
PORTO	16°
P. DOURADAS	16°
COIMBRA	15°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	19°
EVORA	16°
BEJA	16°
SAGRES	16°
FARO	20°
P. DELGADA	18°
FUNCHAL	18°

última

RIXA DE MULHERES esteve na origem da cena de sangue em que o ajudante de motorista Joaquim Gomes Pinto, de 24 anos, residente na Travessa de Savriz em Gaia, encontrou a morte com uma facada no coração. Quem lhe vibrou foi o vizinho, António Vicente, de 32 anos, residente na Rua Nossa Senhora das Dores, que assim reagiu à vassourada que aquele lhe vibrara, não antes de tentar convencer o Pinto a deixar a questão apenas entre as mulheres.

INCIDENTES DO 1.º DE MAIO no Porto deram origem a um inquérito cujos trabalhos, decorridos mais de um mês, estão longe de se concluir. Dirigido pelo Procurador-Geral Adjunto, Melo Sampaio, têm sido ouvidos vários jornalistas que presenciaram de perto os acontecimentos, designadamente os que prestaram depoimentos ao «DL» e o nosso colaborador Bruno Neves, que foi dos poucos a manter a máquina firme sobre a carga policial.

TROMBA DE ÁGUA provoca prejuízos nos batatais, feijoads e meloais da região de Valpaços, onde a violência da Natureza afectou várias aldeias daquele concelho: Midões, Crasto, Fonte Mercê, Veiga de Lila, Rio Torto, Santa Maria, Água Revés e Canaveses, provocando o pânico entre as populações.

JUDICIÁRIA DESCONTENTE com Meneres Pimentel, considerado responsável pela retenção do diploma que visa corrigir e actualizar os vencimentos dos investigadores daquela Polícia. Há cerca de ano e meio que os funcionários aguardam o cumprimento das promessas, enquanto vêm o ministro da Administração Interna actualizar os ordenados dos agentes das Polícias da sua tutela. Ainda há poucos anos um subinspector da Polícia Judiciária auferia mais 400 escudos do que um comissário da PSP; hoje recebe menos 15 contos. Porquê este desnivelamento?

VITORINO DE ALMEIDA autografa amanhã às 18 e 30 no Stand APEL na Feira do Livro, o seu «Coca Coca Killer», edição de «O Jornal».

FINLÂNDIA E SUÉCIA

AVIÃO + AUTOPULLMAN + FERRY BOAT
 1982 - Partidas:
 JUNHO 10
 JULHO 15
 AGOSTO 5 e 19
 SETEMBRO 2

11 DIAS DE VIAGEM

Visitando:
 ESTOCOLMO - TURKU - TAMPERE - VISA
 VUORI - HÄMEENLINNA - HENSIQUA

HELSÍNQUIA

Partidas:
 JUNHO 3
 JULHO 8 e 22
 AGOSTO 5 e 19
 SETEMBRO 2

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu

(fundada em 1840)

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F. A. R. O. - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

O campismo «selvagem» da Fonte da Telha tem mesmo os dias contados, segundo nos reiterou esta manhã o comandante Sousa Leitão, da Capitania do Porto de Lisboa. Mas a «batalha do areal» que hoje se esperava ficou adiada por não comparências dos agentes da Polícia Marítima.

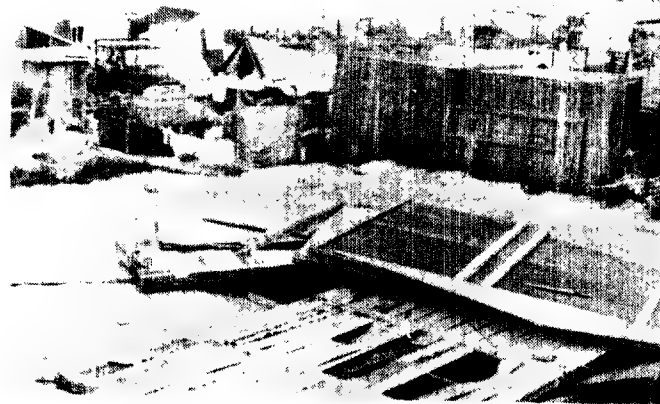
A guarda das tendas montadas ao longo da praia, no espaço que sobra de construções igualmente clandestinas, foi reforçada. Quantos já ali marcaram o seu espaço e em muitos casos puseram a lona, deslocaram-se para o local esperando a chegada dos agentes.

Em vão. O comandante Sousa Leitão pretende, declaradamente, evitar confrontos com a população, cujos anseios afirma conhecer e até compreender. Isto é, espaço para passar uns dias, semanas, durante o Verão, quando o dinheiro não chega para quarto como todos desejariam.

O problema é que não há parques de campismo, pelo menos os bastantes. E contra os campistas «selvagens» o responsável pela Capitania esgrime a lei, mais o domínio público marítimo... afinal o mesmo argumento que, por exemplo, o agente Inácio utilizou na notificação entregue a um dos campistas: 48 horas para tirar tudo do «domínio público marítimo».

A Fonte da Telha era, pois, uma calmaria, esta manhã, quando se aguardava que chegassem agentes, militares e até cães que foram prometidos, ao que dizem os populares. Mas, de agitação apenas as ondas, esta riçando-se contra os limites do tal domínio público, no estertor da baixa-mar.

Os campistas sofrem. Os carros estão a postos para carregar tendas e haveres, se aparecerem os homens da Polícia Marítima. O frio da manhã arrefece as gentes, mas exalta mais contra os faltosos neste encontro que não foi oficialmente marcado. «Eu ontem disse-lhes» - assegura uma mulher.



A corda partiu-se. A barraca foi derrubada a pulso. Uma parte das tendas também já foi tirada

«Olhe aqui, como arrancaram as amarras das tendas, rasgaram aquilo tudo» - mostra-nos um homem, lembrando o preço que custara a lona, a estrear.

«Eu digo-lhes se eles aparecerem» - diz-se de outro lado. E não apareciam, os defensores do domínio público marítimo, deixando todos sem saber o que fazer. Nem para tomar um banho dá o tempo, assim.

«No ano passado faltaram os homens»

O comandante Sousa Leitão, porém, assegura que os homens voltarão e que levará a sua determinação até ao fim. Ou seja, o cumprimento do que se encontra na lei. Ou seja, a destruição de tudo quanto é ilegal na Fonte da Telha. Ou seja, quase tudo, porque aquilo é domínio público marítimo.

Portanto, logo que a Câmara de Almada lhe dê meios, chamemos-lhe «bulldozers», mesmos as construções que levaram cimento, tijolo e telha, irão abaixo.

As tendas, as barracas de madeira, essas estão condenadas

para já, porque bastam as mãos dos agentes, por vezes uma corda atada à volta, puxada por uma camioneta. Como aconteceu ontem. A corda partiu-se, foi mesmo à mão. Os destroços estavam por lá, esta manhã, quando o sol nasceu.

O comandante Sousa Leitão avançava-nos esta manhã com três argumentos, devidamente alinhados do «primeiro» ao «terceiro»: É um foco de insalubridade, toda a gente a fazer cocó e chichi, ameaçando a saúde de todos os outros turistas que vão àquelas praias: é um precedente terrível, porque se se espalham campistas por todas aquelas praias nunca mais acaba; as pessoas foram avisadas no ano passado e já este ano.

«Tenho tido uma péssima compreensão das pessoas, que argumentam com a falta de parques de campismo» - lamenta-se o chefe da Capitania. Os parques são com as câmaras, no caso a de Almada.

A «limpeza» da Fonte da Telha deveria ter sido concretizada no ano passado. Mas faltaram ao comandante os homens necessários. Houve problemas no Al-

garve com os espanhóis e destacou alguns; foi a Nazaré e Peniche com os pescadores e lá se foram mais uns tantos.

Este ano há quantos bastam para impedir que se repita o campismo, já tradicional da Fonte da Telha.

«Olhe só esta casa de banho

Insalubridade?

Tendas meio arrumadas para a retirada, as pessoas esperam, arranjam ainda forças para nos mostrar. «Veja-me esta casa de banho» - mostra-nos um homem, com uma pontinha de orgulho, a casa de banho que construiu. Sanita e tudo. Não há esgoto, inventou-se um bidão sem fundo. Coa-se, por aí, para a areia.

«Temos tudo limpo, como pode ver, aqui não há lixo nenhum» - argumenta-se de outro lado. «Eu até tenho carta de campista, não arranjei foi lugar» - diz-nos outro, numa demonstração do espírito necessário para estas lides.

Lugares? Faltam sempre mais, de ano para ano. Particulares alugam terrenos para armar a tenda; o campo de jogos da Costa de Caparica fica cercado, desde o ano passado, por tendas devidamente arrumadas; os parques existentes deitam por fora.

«Isto é pressão para nós sair»

mos daqui da Fonte da Telha e irmos para perto da Costa. Os comerciantes de lá estão interessados nisso» - alvitra outro dos campistas, ali mesmo à beira do complexo (adiado pelo 25 de Abril) da Aroeira.

«Não é do nosso âmbito» - diz Câmara de Almada

«A questão da Fonte da Telha não é do nosso âmbito» - afirmou-nos, por seu turno, a vereadora para o sector do turismo, da Câmara Municipal de Almada. A responsabilidade daquela área é das autoridades marítimas e daí decorre esta tomada de posição.

«Além disso, é difícil pronunciarmo-nos sobre uma questão que não acompanhámos do princípio» - acrescentou Celeste Cavaleiro.

A falta de parques de campismo naquela zona, que faça minimamente face ao acréscimo da procura, essa sim tem sido estudada pela Câmara de Almada. Há, por exemplo, um projecto de um parque de campismo para a zona dos Capuchos. A sua construção está dependente de vários factores, como de expropriações de terrenos.

«Se aprovássemos todas as solicitações para parques de campismo que nos são feitas, daqui a pouco não tínhamos orla marítima» - terminaria a vereadora.

R. V.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO - 24 058 - 42 000 CONTOS
 2.º PRÉMIO - 64 531 - 6 000 CONTOS
 3.º PRÉMIO - 868 - 3 000 CONTOS

A Sorte Grande e o 3.º prémio foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE

em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETÚBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

24.057 - 330.000\$00
 24.059 - 330.000\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

770; 5.963; 9.099; 9.487; 10.279; 11.561; 15.640; 17.105; 18.434; 19.496; 19.860; 21.920; 24.063; 25.880; 27.308; 27.664; 28.095; 30.336; 33.052; 35.982; 38.894; 39.930; 40.908; 41.409; 44.224; 48.338; 48.371; 48.482; 50.199; 50.485; 56.388; 58.332; 61.423; 62.213; 63.798; 65.840; 70.091; 70.791; 71.761 e 74.980.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000\$00 - 026; 108; 311; 413; 545; 643; 715; 854; 859 e 961.
 15.000\$00 - 058; 531 e 868.
 6.000\$00 - 35 e 79.
 3.000\$00 - 8 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000\$00 (CENTENAS)

801 a 900; 24.001 a 24.100; e 64.501 a 64.600.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 03/12/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

JUGOSLÁVIA

FÉRIAS NA PRAIA ★ CIRCUITO EM AUTOPULLMAN

DUBROVNIK

(A Riviera da Costa Adriática)

COSTA DO ADRIÁTICO

— 8 dias de viagem —

Visitando: ZAGREB - LJUBLJANA
 CRIKVENICA - PLITVICE - SPLIT
 E DUBROVNIK

— Estadias de 8 ou 15 dias —

1982 • PARTIDAS • 1982

JUNHO 7 AGOSTO 2, 9, 16, 23 e 30
 JULHO 19 e 26 SETEMBRO 6, 13 e 20

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu

(fundada em 1840)

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F. A. R. O. - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

GITUS

FÉRIAS NO ESTRANGEIRO

Últimas inscrições

URSS

Partida a 29/6 - 56 500\$00

RDA

Partida a 19/6 - 42 500\$00

CONSULTE-NOS:

GITUS GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL
 Av. da Liberdade, 73-3.º Dt.º 1200 Lisboa
 Tel. 32 00 70 32 05 56 36 43 03

RAYMOND CHANDLER VIVEU PARA A SINTAXE

Raphael Sorin



Raymond Chandler

(Desenho de Berenice Cleve)

estava insuportável. O seu nome: Raymond Chandler.

Se ao destino de Dashiell Hammett — apesar do calamitoso Richard Layman (1) — não falta mistério nem afectada altivez, o destino de Chandler — e Frank MacShane — bem o compreendeu — nada teve de excepcional até ao momento em que ele, encostado à parede, se viu obrigado a buscar a salvação — e a perdição — na literatura. A sua vida assemelha-se à de tantos outros filhos de europeus, lançados aos quatro cantos da América, comidos pelos negócios, pelo álcool, pelo cancro e finalmente incinerados quase às escondidas.

Para viver e para sustentar a mulher, mais velha, Chandler teve de aprender um novo ofício, o de escritor. Como treino inicial, fez duas novelas que saíram em «Black Mask», viveiro de casos difíceis. «Análise e imite; é essa a única escola possível». Descascou os clássicos do romance policial e estudou o estilo de todos os escritores americanos, de Dreiser a Sherwood Anderson e, claro, também do seu mestre, Hammett. E, para afiar as unhas, divertiu-se ainda a parodiar cruelmente Hemingway numa breve narrativa. Cerveja no boné do sargento ou o sol também se assoa (2).

Chandler introduziu nesta prosa eficaz, muito agarrada à acção, uma emoção inédita, carregada de melancolia e de lucidez. Era de opinião que os modernos escritores dos Estados Unidos tinham inventado algo de novo, uma forma de desespero de que também ele se gabava. «Bateram à porta dos túmulos

e deram risadinhas perante a morte». Fez-se notar a partir da terceira novela, A ruiva gamatudo. Sempre tentado pela imitação, levou cinco anos a escrever por pouco dinheiro histórias curtas, aperfeiçoando continuamente o estilo, sofrendo por ele. «Sou um snob intelectual com a mania do calão norte-americano, principalmente por ter sido educado entre o latim e o grego». Ao mesmo tempo, ia esboçando a personagem que viria depois a ser o detective privado dos seus romances, Philip Marlowe, narrador triste, trocista e astuto, com as sucessivas máscaras de John Dalmás, Ted Carmady, Johnny DeRuse, etc.

Escreveu em três meses o primeiro romance, The Big Sleep, no qual meteu, numa espécie de acto de canibalismo, duas anteriores novelas: A Killer in the Rain e Daughter of the Air. Tinha já cinquenta anos. Marlowe, tal como ele o descrevia, parecia-se com ele: «Fala como um homem do seu tempo, com humor rude, sentido do ridículo, aversão aos fingimentos e desprezo pela mesquinhez». Depois disto, Chandler nunca mais encontraria o estado de graça; precisou de quatro anos para acabar A Dama do Lago, Adeus, minha linda e Não sejas fingida só chegaram ao fim depois de muitos rascunhos abandonados e começados.

Hollywood comprou-lhe os direitos de três desses romances (3) e contratou-o para argumentista. Com o seu cachimbo, as suas calças de flanela cinzenta e o seu casaco de tweed, Chan-

der tinha um ar de professor que contrastava com a extravagante fauna dos estúdios. Mas continuou a beber em companhia dos outros argumentistas e a arranjar aventuras femininas. A suas Cartas (4) permitem-nos reconstruir a curva ascendente da sua melancolia e da sua angústia

perante o envelhecimento da companheira, que tinha mais vinte anos que ele. Obteve êxito com um primeiro filme, Double Indemnity, dirigido por Billy Wilder, segundo uma obra de James M. Cain, mas à custa de

Continua na pág. 4

No limiar da claridade móvel

NO limiar da claridade móvel um só trajecto até à opacidade um frémito de abandono e de silêncio nas vertentes mais frescas e mais fundas

IMPOSSÍVEL relatar o que tu vês inesgotáveis são as folhas as relações inúmeras gotas de água os objectos sucessivos simultâneos o corpo desagrega-se recompõe-se o mesmo corpo e outro e outro a distância mantém-se e é abolida

FIGURA do desejo e da nudez perseguida a transparência é livre à superfície de uma escrita que se abre ao obscuro

UMA festa se promove uma aliança do ar com um fogo de ervas o combate pela claridade na carne mesma do poema

CORPO a corpo letra a letra pelos sulcos não sulcados algo que começa e é sem nome e sem imagem

ANTÓNIO RAMOS ROSA

O INSÓLITO E O FANTÁSTICO DE UMA PINTURA

I—Os embaixadores de um princípio

Fernando Guerreiro

«O fantástico existe não porque o número de possíveis seja infinito mas porque, sendo imenso, apesar de tudo tem um limite. O fantástico não pode surgir senão onde existir algo que seja enumerável o fixo, isto é, onde os possíveis não sejam nem definidos nem susceptíveis de ser enumerados. Quando t. o pode sempre suceder a qualquer momento já nada nos consegue surpreender, nem há milagre que nos espante. um mundo, contudo, tido por imutável, em que o futuro, por exemplo, não possa influir no passado, numa circunstância que pareça contrariar essa lei não deixará de nos inquietar.»

Rogés CAILLOIS, Au Coeur du Fantastique (1)

A representação da representação nos quadros desta época (séculos 16 a 18) é, em muitos casos, um processo (es-

pecular dúplice).

Tanto pode redundar num reforço da credibilidade (confirmação aritmética, geométrica da «verdade» — e superioridade intelectual, abstracta, do quadro), como na denúncia da sua artificialidade (do seu carácter de artefacto).

Parece-me mesmo que, de um modo geral, o dominante (ou o que assim acaba por funcionar em última análise, e de um ponto de vista histórico) é o segundo traço.

Existem diversos processos de denotar, como representação, no seu texto (e materialidade: tela), o próprio quadro: p. ex., pela inscrição, marca teatral do cenário (e parte possível da paisagem)...), na tela, da cerca-dura (ou moldura) do quadro (2); pelo elemento especular natural (o espelho de água, e o seu reflexo); pelo mecanismo óptico (o espelho ou a janela, ou o próprio olho, olhar, no quadro); pelo auto-retrato ou a presença/marca do autor na forma/figuração do quadro; pela abertura em óculo (ou abismo) de um primeiro plano (ou sequência) para a perspectiva da paisagem (ou

uma segunda «história» no quadro (3).

ALGUMAS TELAS:

«Les Ennervés de Jurmies» (de E. V. Lummenais, século XIX);

culo XIX);

Ao primeiro olhar o quadro surge-me como a representação da prostração/isolamento a que conduz a loucura. Os «enerva-

Continua na pág. 2



«Os Embaixadores», de Hans Holbein (tela de 1533)

SEMA

N.º 4 - Junho 1982
Preço 390\$00

Publicação sazonal
de artes e letras

**PERSPECTIVAS ACTUAIS
DA CULTURA PORTUGUESA**

SEMA, a última

Se não houver contrariedades de última hora, haverá hoje ao fim da tarde no Edifício Mobil em Lisboa uma sessão de apresentação do quarto e último número da revista «Sema».

Não é uma boa notícia, já que se trata do desaparecimento duma publicação a muitos títulos notável, e que deixa presença forte marcada na vida cultural portuguesa dos últimos anos. Mas compensa alguma coisa saber que, para despedir-se, a revista sai «em grande»: nada menos de duas centenas e meia de páginas, e dezenas, aliás, centenas de textos. Vai para as livrarias a 390\$00 cada exemplar, mas falar disto agora não seria pertinente.

A revista começou em princípios de 1979 e foi obra de dezenas de colaboradores que a escreveram e ilustraram. Na direcção, e administrando receitas e despesas, estiveram Maria José Freitas e José Miguel Barros.

Neste número de despedida há dois grandes blocos de textos: um, sobre «perspectivas actuais da cultura portuguesa», outro titulado «exercícios de estilo» («o traço, a palavra, no contexto da imagem»). Sobre as perspectivas actuais da cultura portuguesa, escrevem, entre outros, João Carlos Alvim, João David Pinto Correia, Vítor Silva Tavares, José Augusto França. Há textos sobre o cinema português e seus filmes mais recentes (textos de João Lopes, e José de Matos Cruz, entre outros). E uma variedade de escritos subordinados à indicação genérica de «percursos do olhar» (pintura, arquitectura, etc.).

No bloco de «exercícios de estilo», reproduções de trabalhos de três dezenas de artistas portugueses de hoje, e poemas assinados por cerca de sete dezenas de poetas.

Entretanto, e porque alguns números anteriores se esgotaram, Maria José Freitas e José Miguel Barros mandaram fazer uma edição especial com os quatro números da revista. À venda, apenas 50 exemplares.

Jacques Lacan, Harold Searles e Thomas Szasz: todos três psiquiatras de formação, foram mais ou menos marcados de modo duradouro pela psicanálise. Os três têm igualmente atrás de si uma obra, muitas vezes controversa, mas que, de uma maneira ou de outra, modificou o nosso modo de ver Freud, a patologia mental e os tratamentos psiquiátricos.

Em muitos planos eles são opostos e poderia constituir um jogo de sociedade, depois de os ter lido, perguntar qual deles seria escolhido como terapeuta. E porque razões.

Apenas Freud, e com rigor a sua filha Anna, se podiam dizer «freudianos» sem ridículo. O que caracteriza talvez Szasz, como Lacan ou Searles, foi o terem seguido a sua via (deles) sem se importa-

Impre

É por acaso e por um indefectível amor aos mais puros homens tascos que me encontro neste tasco, sentado com alguns amigos à mesa nocturna, rodeado de canecas onde a cerveja já falou uma ascendente espiritualidade, de cascas de amendoim, de algumas vitualhas capazes de criar uma atmosfera de conforto. Ouço-os, um prazer estrênuo quando consigo perfilhar certas palavras que proferem, mas sobretudo tento atentamente lembrar-me de uma desejável origem, de um ponto no imenso



O insólito e o fantástico de uma pintura

Continuação da pág. 1

dos» teriam sido, assim, abandonados à dupla imensidade do céu e da água: até que um milagre, solto (tal um riso ou uma lágrima) do silêncio e do nada, da sua própria indiferença por fim os salvasse... Abandonados pelos seus, eles também não se parecem preocupar, grandemente, com a (triste) sorte que os aguarda.

Este seria o primeiro «sentido» do quadro — e pode-se mesmo dizer que nele não há nada, à partida, que o contrarie (Muito antes pelo contrário...).

E outra, contudo, a intenção do quadro. Como Caillois recorda, «ennervés» quer dizer: «aqueles a quem se queimou os tendões dos joelhos e da articulação do meio da perna» (do Dicionário). A representação do quadro refere-se, portanto, a um episódio cruel da época mero-víngica francesa...

Esta duplicidade levanta duas ordens de problemas: por um lado, que leitura dar hoje do quadro (e em que medida, ao escolher para o designar uma expressão assim tão ambígua — i. e. susceptível de comportar tão diversas «leituras» — o autor não buscava já essa segunda zona de significado)?; por outro lado, a própria leitura «literal ou melhor, literária: de acordo com a letra e a tradição cultural» da obra, é hoje influenciada pelo erro de leitura atrás citado (dir-se-ia que uma vez atingido certo grau de complexidade os inúmeros novos sentidos de um quadro funcionam **sobre/contra** aquele que, para o seu autor ou época, devia ser o sentido mais provável...).

Este segundo aspecto do problema é, aliás, o que mais me importa.

Sem ser «aberta» (no sentido de Eco), a obra nunca é, também, sobre si uma forma fixa, fechada: ela é **móvel** (diferida/possível) dentro de uma **multiplicidade** (infinita, mas não infinita) de possibilidades.

Outro exemplo de como a multiplicidade de sentidos de um quadro não se reduz ao seu sentido literal é a tela **A descida à cave** (de 1533), do pseudo F. Chrétien (obra também citada por Caillois). Sem subestimar a importância (nomeadamente no plano do significante) do sentido (de um quadro), parece-me possível afirmar: a) que o nível de significância, do significante, **extrapola** o da expressão directa (conduzida) do significado; b) que é no significante que se **inscreve** tanto o processo contraditório do significado (intencional) expresso, como o sentido oculto ou censurado do quadro (para lá daquele que o uso do próprio material — através de relações retóricas, instrumentais — sempre acarreta); c) que o nível do significante é o nível fundamental e básico da própria **produção** (construção formal e teórica) do significado.

Neste quadro é claramente o significante que produz (em aberto) o **excesso** (o fantástico, enigma, mistério?) do significado (prévio, inicial) (4)...

A tela **Os embaixadores**, de Holbein (século 16), leva-me de novo a pensar no efeito de representação que se «retrata» no quadro.

Quero abordar sobretudo dois aspectos. O primeiro tem a ver com o estudo da denotação, que nessa tela é feita: da sua função mercantil de troca (5). Honorífica e monetária troca — e num duplo plano: no de **classe** (o plano daquele que a paga e da-

quele que a recebe) e tendo também em conta que a tela é, ao mesmo tempo, o **catálogo-mostruário** dos sinais sociais, utilitários, científicos e técnicos de uma época.

Abordo aqui, contudo, ao de leve, um outro aspecto: o facto da tela ser ao mesmo tempo um seu **auto-retrato** (já o vimos: do mecanismo monetário, e não só, de troca, a que obedece...) e de referir o estatuto, na obra, de todo o 012representado.

No fundamental, a esse nível, tudo se joga no plano inferior do quadro: no **disco** (espelho, metal, osso disforme?), em suspensão colocado no centro do palco.

O **enigma** da obra reside na resposta que vier a ser encontrada para a pergunta: «o que é que aparece **deformado** nesse estranho (e inumano) espelho do quadro?»

Caillois diz tratar-se de uma caveira (testa de morte ou cabeça de morto: **vanitas**), a qual, colocada na perspectiva de um pequeno crucifixo suspenso na parte superior esquerda (mas por que não, inominável?...), e quase esquecido, sublinharia e toda a tela reconverteria à **moral** do quadro...

Sem recusar a tese de Caillois, parece-me possível acrescentar o seguinte: **não há nenhuma resposta (clara)** para a pergunta e é nisso que reside o **enigma em aberto** (para Caillois, o «fantástico») do quadro. Aliás, a própria pergunta é uma pergunta inglória, inútil. Com efeito, a obra nunca se resume a ser um significado — seja ele, sobretudo, moral ou alegórico: por outro lado, além da caveira da morte (primeiro nível de leitura: «a morte estaria aí, afinal, pela própria insignificância, falta de sentido da representação,

ficcional, do quadro) pode-se ver no disco disforme a anamorfose, irreal, tortuosa, das duas figuras — ou seja, da própria representação do quadro (a sua reescrita redutora e irónica: morte, a haver aqui **só a clássica pintura!**)

Assumindo-a, pondo a descoberto parte do aparato (da **representação**) figurativo e retórico, o que se marca na tela, ao último compasso, e a MORTE (irónica) do próprio (pictórico) TEATRO.

NOTAS

(1) A maior parte destas notas foram escritas durante e imediatamente após a leitura do livro de Roger Caillois, *Au coeur du Fantastique. Referem-se, assim a gravuras e reproduções de telas inseridas na edição documentada da obra, na Gallimard. A obra de Caillois, como o título indica, encontra-se essencialmente voltada para a discussão do estatuto do «fantástico». Durante a leitura, contudo, foi-se gradualmente manifestando a minha discordância em relação às teses ou às descrições feitas pelo autor a propósito do fantástico e das suas imagens. Essa situação acabou por criar em mim uma maior disponibilidade para pensar outras questões que as reproduções dos quadros me levantavam: problemas relacionados com a função própria e as ligações existentes entre a representação, e nela a ficção, e a perspectiva — e em relação a esta os processos de deformação e anamorfose (na pintura clássica e pós-clássica). As poucas notas que tirei sobre a pintura do «fantástico» tomaram-se assim regionais à grande questão que era a da própria pintura como fantástico. De um modo provisório aceitei a ideia de que na pintura — ainda dominada (e sobredeterminada) pelo espaço figurativo clássico — o fantástico era fundamentalmente, ou na maior parte dos casos, um aspecto particular, a abordar, no âmbito da desconstrução,*

ção, pela sua deformação ou anamorfose, do espaço e da perspectiva clássicos. Os próprios aspectos ficcionais ou alegóricos acabavam sempre por ter uma contrapartida material, espacial, no plano significante, e esta, em última análise, constituía o contributo mais importante deste tipo de pintura para a destruição, posterior, da representação e da «cena» clássicas. Tentei, assim, não me deixar conduzir por uma «leitura literária» destes problemas (**poemas?**) plásticos: daí o ter procurado sempre colocar o elemento significante próprio desta prática em lugar de destaque. Nesta série de textos, sob a designação genérica de **O Insólito e o Fantástico de um Pintor**, procurei dar conta do que então vi — ou do que foi, para mim, a revelação do carácter fantástico de toda a pintura...

(2) Giulio Romano: «Júpiter visita Olímpia». Nos frescos da Sala dos Gigantes contendo, essa cerca-dura abate-se sobre as figuras míticas preferenciais da Representação na pintura...

(3) Por exemplo, a reprodução que tenho à minha frente de uma tela de Jean Gossert, «A Tentação de St.º António» (s. 16). Uma abertura/óculo na muralha dá, primeiro, para as casas (da cidade) e, depois, mais ao longe, em profundidade, para o fundo de uma paisagem: o «ponto de fuga» do olhar, e do quadro, é sinalizado pela colocação dos vértices, segundo uma linha quebrada, mas em espiral, dentro deste globo-ocular (e óptico). Dois penhascos lançam-no, por fim, no último espaço (**vago**).

(4) Parte do interesse, p. ex., da pintura surrealista está nessa **materi-alização significativa dos sentidos**, eles próprios dados em ruptura/crise: processo que priva o pintor, no acto, de sentidos e o quadro da unidade de um sentido. Nos melhores quadros surrealistas é sempre de outra coisa que se trata: da **clivagem ao sentido**, p. ex., da própria prática (clivagem) que o significante mediatiza, na escrita...

(5) Leia-se também Holbein. *Les Ambassadeurs* (Anatomie d'un chef-d'oeuvre), de Jean-Louis Ferrer (col. Méditations, n.º 162, Denoël-Gonthier).

Freud e o humanismo de Searles

rem com qualquer ortodoxia. Os livros deles são o reflexo do seu itinerário pessoal e não das modas, ainda que por vezes tenham contribuído para as suscitar.

Harold Searles é um humanista; segundo ele a psicanálise não tem qualquer valor se não nos ajudar a partilhar os sentimentos, as emoções as angústias, os delírios — tão perigosos quanto monstruosos — dos nossos semelhantes; é preciso que o paciente e o seu terapeuta cheguem a uma certa harmonização da respectivas personalidades.

Durante muito tempo, Harold Searles trabalhou em Chesnut Lodge, uma clínica psicanalítica perto de Washington, que acolhe doentes mentais graves. Hoje, ele forma analistas em Washington. O seu livro mais sedutor: **go es orço para tornar o**

outro louco guindou-o à primeira fila dos psicanalistas americanos dos quais os super-teóricos franceses, com uma arrogância detestável, zombam de bom grado. Criticam neles a indigência teórica, a ideologia do Eu, a tónica que põem na empatia e o seu incorrigível espírito simplista.

Seria no entanto bom que esses censores dispusessem de tempo para ler e meditar sobre o último livro de Harold Searles: **Contra-transferência**. O que há de autenticamente psicanalítico em minha opinião, nesta obra, é a maneira como o autor se empenha continuamente na exploração da sua própria vida interior para ajudar os seus pacientes. Fortemente influenciado por Harry o Stack Sullivan (1892-1949), cuja obra imensa nunca foi traduzida

em francês, Searles defende que o sentimento de identidade pessoal do analista constitui a sua fonte mais segura de informações sobre os seus doentes.

Quando ele fala dos esquizofrénicos — o termo nos Estados Unidos tem uma extensão muito mais lata que na Europa — nunca é para se colocar no lugar de terapeuta todo-poderoso e o (ou simplesmente enriquecido por trás da sua neutralidade benevolente), mas para narrar uma relação em que dois indivíduos tentam tratar-se mutuamente.

«Em minha opinião, escreve Searles, o paciente está doente na medida em que as suas tendências psicoterapêuticas sofreram vicissitudes tais que ficaram insatisfeitas ou mesmo não reconhecidas, e que, por consequência,

nelas se misturaram componentes particularmente fortes de ódio, inveja e competição». A contribuição teórica de Searles poderia resumir-se assim: quanto mais um paciente está doente mais é necessário, a fim de o seu tratamento resultar, que ele seja implicitamente reconhecido como terapeuta pelo seu analista. É mesmo uma necessidade absoluta para quem não pôde «tratar» nem «sanar» os seus próprios pais.

Posição profundamente-

humanista. Ela choca com a da maioria dos autores que vêem nos esquizofrénicos parasitas e que desconhecem totalmente a existência de tendências terapêuticas, conscientes ou inconscientes, nos seus doentes. Encontrar-se-á também em Searles páginas comoventes sobre a sua própria análise, os seus receios de ficar louco e, sobretudo, acerca da gratidão que sente com os seus pacientes. Aí está o que em vão procurávamos em Szasz ou Lacan.

Outro prazer que a leitura de Searles provoca: evita tanto quanto possível o calão psiquiátrico ou psicanalítico; fala de coisas simples como a tristeza, o aborrecimento, a impotência, o desespero ou a vontade de matar. Nunca dissimula o que vê, o que sente, refugiando-se atrás do papel «impoluto» do psiquiatra convencional. Além disso, ele não pretende «provar» nada pois sabe que no essencial, o trabalho psicanalítico apela à intuição e que esta depende demasiado de dados intraduzíveis em palavras, faladas ou escritas, para que os argumentos ou os exemplos clínicos sejam convincentes.

Finalmente, num ponto preciso e de importância, tanto Szasz como Lacan aprovaram, julgo eu, Searles: trata-se da forma que ele dá à sua condenação dos hospitais psiquiátricos. **«É uma das nossas grandes tragédias actuais, escreve, que centenas de milhares de pessoas passem a vida inteira em gigantescos hospitais psiquiátricos, vivendo em grande parte num casulo químico, e isso porque, por trás da nossa fuga desdenhosa, sentimos, sem o formular, que uma qualquer dessas pessoas, se a deixarmos, se torna parte de nós mesmos, mais do que ousamos permitir.»**



Freud

Roland Jaquard

essão e presença

Silva Carvalho

Os da memória que me traga uma imagem, um odor, um impulso tão sensível como o primeiro choro da criança que com certeza, e muita dúvida, não fui. O meu passado está nessas amenas conversas: segui-las, frase a frase, palavra a palavra, senão som a som, se não um reconhecimento, uma deteriorada dádiva, significa pelo menos o excesso da cativante procura que me alicerça entre lugares frequentados pelo homem contemporâneo. Entre o sibilino medo da carne que atraiçoa,

penso no álcool e no coração, na gordura furibunda que extravasa meu corpo terrestre, e o desejo de realizar uma pátria à medida do meu fôlego, isento de fala, sinto em mim uma descida de irreal, uma intrusão melancólica de algo que já pairou, e que agora, depois de me ter envolvido, subsume o mais árduo do ontológico arripio: como se a morte, impressão e presença tomasse os meus olhos, respirasse o ar circundante, evoluísse na esfera da minha acção: uma paz eterna, nem frio nem calor.

um súbito excelso silêncio: mais do que ver, que ouvir, que sentir, presencio: um verbo humano feliz: diz laceradamente quanto experimento: transformei-me num estrangeiro, reconheço o sítio, os gestos, a fala vizinha, não porque seja idêntico à alma da comunidade, mas porque posso estranhos poderes: a realidade fala-me, diz-me quanta incompreensão lavrou ao longo dos séculos nesta civilização. Ela transparente, sem enigmas nem esmolos, concebível como a minha própria — como afirmá-lo? — existência. Não chega a ser um segredo. Nunca, depois de desposuído, alcançarei as palavras capazes de dar, não uma ideia, mas uma, esta, realidade. Não sou nem arlo raias. Vivo-a, conhecedor de tudo, das causas como dos efeitos, terrivelmente outro, prosaicamente fictício: os amigos que falam e gesticulam, as outras mesas habitadas por semelhantes — Que ironia! —, os empregados deslizando sob comando de ordens inteligíveis, como se tudo em volta gravitasse, excedesse os limites, desculpasse a profunda e profícua estupidez humana. Será por acaso? Embora retórica, desfaço essa pergunta inicial, introdutora de filosofia, logo, de engano. E seguro convicto na última caneca, sorrio, bebo-a como se praticando um hediondo crime: fingir não é apanágio de desonestidade. Se há um melhor de mim, exijo-o nesse gesto amigável, entre o levantar da caneca e o conivente sorriso: se não é amor, é pelo menos a palavra.



(Desenho de Paulo Varela Gomes)

Rock Drill

A rua sobe até onde o sol, o alto da rua e o rapaz mantêm uma distância constante entre si. Ao rapaz pertence andar, perfazer a curva de raio imenso, querer chegar; andar lentamente por entre as colunas do ar escaldante; andar sobre o passeio de losangos de cimento, cuja rede se gera na biqueira do sapato; acabar por voltar a passar; nunca perder o contacto; ser atraído por formas precisas que dançam ao longe uma dança imprecisa no azul, vapores, alcatrões, asfalto.

A hora é por demais morta, o Porto explodiu. Demasiado cedo, demasiado tarde, tudo será verdade dentro de horas. Ou nunca foi verdade. Não agora. Depois do alto. Até lá, losangos, los angeles, ângulos de nada com nada. Contudo as aves caem sem calma na rua. Calmos anjos de porto periférico. Mora-se na rua como se morre pelo menos uma vez por dia. Na rua.

O rapaz não tem vida para vinte e quatro horas, sobre a rua, força-se a viver as vezes que for preciso. Só nascer todos os dias é que é preciso. Para tudo.

O rapaz vê-se passar onde cães ladram mas não passam. Nem mordem.

Só ele. Passa. Morde. O ar.

Sim, é uma rua estranha, a rua sem fim. Mas apenas mais uma, uma rua estranha.



Cézanne, «Les joueurs de cartes»

Homenagem a Redol em Glória do Ribatejo

«**G**LÓRIA — uma aldeia do Ribatejo»

foi o início da obra literária de Alves Redol, que viria a morrer em 29 de Novembro de 1969, depois de deixar uma vasta obra que constitui uma inestimável contribuição para o neo-realismo português. O livro «Glória» foi editado em 1938 e só agora, 44 anos depois, surgiu a segunda edição, por iniciativa da «Europa América». Esse facto deu ainda motivo para, no passado domingo, ser atribuído o nome de Redol a uma rua de Glória, cerimónia a que assistiram o pai e o filho do escritor. Nessa altura lembraram a obra e o exemplo de Alves Redol os seus amigos Dias Lourenço, Fernando Piteira Santos, Alvaro Salema, Francisco Lyon de Castro, José Cardoso Pires e Mário Dionísio.



AS LETRAS EM DIA

EDIÇÕES MIC — Com esta chancela, foi aqui há semanas distribuído pelas livrarias um livro assinado por Luís Cláudio Ribeiro e titulado «Desintegração: Evolução para Nova — Vanguarda/Incurso num Poema Total de Fernando Grade». O «Desintegracionismo» foi uma tentativa de movimento poético lançada em meados dos anos 60 por um grupo de poetas, entre os quais Fernando Grade. Um pouco caído no esquecimento, este livro vem lembrá-lo quase duas décadas depois, ocupando-se embora mais da obra que Fernando Grade entretanto veio publicando. É tão escassa entre nós a produção ensaística e crítica dedicada à poesia, que um livro como este não pode deixar de ser assinado, independentemente dos seus motivos de interesse — poucos ou muitos, não o sabemos dizer, já que apenas o vimos num escaparate da livraria, e Luís Cláudio Ribeiro, ao que julgamos saber, é a primeira vez que aparece na cena literária.

FINGIDOR é o título duma série que Edições MIC vão começar a publicar brevemente. Trata-se de «cadernos de literatura» (poesia, crítica, ficção e polémica), e, aparentemente, a série vem substituir a de «Viola Delta», de que em cerca de três anos saíram (também com chancela MIC) onze volumes. No primeiro número de «Fingidor» (designação a atribuir à figura do poeta, certamente por sugestão de Fernando Pessoa), aparecerão textos de António Belíni Jara, Armando Leal, Armando Ventura Ferreira, Artur Lucena, Augusto Lagos, Carlos Frias de Carvalho, Eduardo Olimpio, Fernando Grade, Henrique Madeira, José Lisboa, Levi Condinho, Luís Cláudio Ribeiro, Luís Filipe João, Luísa Bagão, Maria Laura Madeira, Paulo Brito e Abreu e São Banzo.

UM LÍRIO PARA BOBY SANDS é o título dum livro de Carlos Frias de Carvalho, recentemente lançado pelas Edições MIC. Como o próprio título sugere, trata-se dum conjunto de poemas dedicado ao primeiro activista do IRA que morreu aqui há um ano em

consequência de uma greve de fome em sinal de protesto contra a tutela político-administrativa e militar britânica no Ulster. A greve, em cadeia, como se sabe, veio a ser suspensa, mas somente depois da morte de Sands e mais dois activistas detidos. O livro de Carlos Frias de Carvalho é mais do que uma afirmação de solidariedade: é também um estudo sobre a Irlanda do Norte, e muito documentado — não sendo este motivo de interesse certamente menos recomendável para o leitor. Este é o quarto título de poesia do autor. Os três primeiros terão passado alguma coisa despercebidos.

DE VIVA VOZ — É o nome duma colecção de poesia que a chancela Litexa acaba de lançar, e logo com dois títulos: «Plano d'Água» de Artur Lucena, e «125 Poemas», de João de Deus. O primeiro, vimo-lo nas livrarias, e trata-se duma antologia dos livros que o autor publicou em cinco anos — que de há cinco anos data o seu primeiro livro. O segundo é também uma antologia e reúne poemas de livros desde «O Pássaro no Espelho», estreia do autor em 75, até «O Livro da Noite», recentemente publicado, a que se acrescentam alguns inéditos. Em apêndice, excertos de comentários sobre a obra do autor.

NA COLECÇÃO AUTORES DE LÍNGUA PORTUGUESA, de Publicações Dom Quixote, vão sair brevemente mais dois títulos, depois da reedição de «Os Amantes», de David Mourão Ferreira e «Os Novos Poemas», de Altino do Tojal. São eles «Educação e Memória de André Maria S.», de Teresa Salema (que ganhou o prémio de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores em 1981) e «O Labirinto da Saudade», de Eduardo Lourenço. Este livro do autor de «Heterodoxia» (outro título de dois volumes a reeditar, aqui fica a lembrança), melhor, a sua peça capital, foi publicado pela Dom Quixote aqui há uns quatro anos, mas esgotou-se, entretanto. O subtítulo é «Psicanálise Mítica do Destino Português».

Raymond Chandler viveu para a sintaxe

Continuação da pág. 1

muito esforço; e esbanjou talento a trabalhar com Hitchcock na adaptação de *Strangers on a Train*, de Patricia Highsmith, com Irving Pichel e Lewis Allen.

Os seus dois últimos romances, apesar da imbecilidade «negra» dos seus títulos franceses «*Sur un air de navaja* e «*Chaque pour écroulés*», são o interminável adeus de um homem desfeito. A morte da companheira acabou com ele; gasto pelo álcool e minado pela «doença da vida» que tanto cultivou na sua obra, morreu de uma vulgar pneumonia a 26 de Março de 1959. Na sua sepultura, na Califórnia, deviam ser postas, como epitáfio, estas suas palavras, que o resumem completamente: «*Eu vivo para a sintaxe*». Morreu por ela, dando vida a um mito que o ultrapassa e que nem Dick Powell nem Elliott Gould nem

sequer Mitchum conseguiram fixar. Na pior das situações, opunha sempre um final inconformista a todas as solicitações perturbadoras. Nisso está a sua grandeza.

(1) N.A. — Dash, Fayard. Ver «le Monde des livres» de 13 de Novembro de 1981.

(2) N.A. — Traduzido em *Subjectif*, Spécial U.S.A., Novembro de 1978.

(3) N.T. — Esses romances deram os filmes *Murder My Sweet*, de Edward Dmytryk (1944), *The Big Sleep*, de Howard Hawks (1946), e *The Dame in the Lake*, de Robert Montgomery (1946).

(4) N.A. — Éd. Christian Bourgois.

* **RAYMOND CHANDLER, LE GENTLEMAN CALIFORNIEN**, de Frank MacShane. Trad. francesa de P. Couturier e Y. Stavridès, ed. Baland, 360 p., 79 F.